

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Beatriz Paulus

**O COTIDIANO NO VALE DOS VINHEDOS: UMA COMPREENSÃO
A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

SÃO LEOPOLDO

2009

BEATRIZ PAULUS

**O COTIDIANO NO VALE DOS VINHEDOS: UMA COMPREENSÃO
A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre junto ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marília Veríssimo Veronese

SÃO LEOPOLDO

2009

CIP - Catalogação na Publicação
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Eunice Pigozzo - CRB 10/824

P333c Paulus, Beatriz.

O Cotidiano no Vale dos Vinhedos: uma compreensão a partir das representações sociais / Beatriz Paulus. - São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

120 p.
Contém anexos.

Orientadora: Prof. Dr^a. Marília Veríssimo Veronese.

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS.

CDU: 316.6

302

391

1. Vale dos Vinhedos. 2. Representações sociais.

Conhecimento no cotidiano. I. Veronese, Marília Veríssimo (orient.) II. t.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação **O Cotidiano no Vale dos Vinhedos: uma compreensão a partir das Representações Sociais**, elaborada por Beatriz Paulus, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais.

Comissão Examinadora

Pro^a. Dra. Adriane Roso (UFSM)

Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea (PGCS da UNISINOS)

Prof^a. Dra. Marília Veríssimo Veronese, Orientadora (PPGCS da Unisinos)

São Leopoldo, agosto de 2009.

Dedicado aos meus vínculos eternos

A grande família Brixner e Paulus:

Pai e Mãe

Tias Lourdes e Clara

Tio Ronie

Nestor, Mônica, Roque, Bruno, Esther, Elias, Eraldo, Aquiles, Geremias e Gisa.

Jessé, Cristhy, Gui, Anna, Landy, Gu, Gaby, Rafa, Raquel, De, Cassi, Ma, Dó, Su, Vitor,

Ju, Sai, Dany, Sil, My, Mariana, Zeque, Camille, Chi e Alex;

Guilherme, Mada, Dete, Nice, Neusa, Ana, Ilda e Verô.

Aos meus amigos e amigas:

Fran, Paty, Sale, Clau, Marce, Marci, Deby, Márcia, Ivane, Vercino, Maria Cristina, Ana,

Sabri, Paulinho e Simonela.

Minhas Famílias de adoção na Serra Gaúcha:

Tarcísio e Ermelinda

Romagna e Emeri

AGRADECIMENTOS

Dar, receber e retribuir...

Agradeço a minha Orientadora Marília, por sua delicada e silenciosa orientação, que renovaram a minha satisfação acadêmica, proporcionando um novo olhar sobre a construção de uma sociedade mais fraterna, compartilhada, com ética e solidariedade.

Dou meu obrigado aos professores do PPGCS, pelo aprendizado, e a Maristela, pela eficaz e cordial presença em todos os momentos de relacionamento com a Unisinos; Aos meus colegas do Mestrado, Clóvis, Luiz, Neca, Raquel, Robinson e Rodrigo, “prazer” em ter tido a oportunidade de partilhar conhecimentos. Aos viticultores (as) e agricultores (as), empresários, amigos do Vale dos Vinhedos e às comunidades com as quais convivi. Aos irmãos (11) e sobrinhos (23), com quem partilho a fraternidade e o amor incondicional. Ao meu pai (87) e minha mãe (83), que incentivaram a continuidade de minha vida acadêmica e cumpriram, apesar da longevidade de ambos e da distância que nos separam, o acordo de, nesse período, convivermos menos e contornarmos a saudade através da tecnologia de comunicação.

Meu carinho.

Ao mano, desaparecido em agosto de 1997.

Hilário Paulus

Se bem lembro, deveria ser muito pequena, uns quatro ou cinco anos de idade, ouvi-o dizendo que queria viver e trabalhar com índios.

Destino ou destinado, como outros irmãos, foi para o Seminário muito jovem. Talento, lembro de sua oratória, seu jeito fácil de escrever, ler, falar e cantar, com um violão sempre a bordo.

Filosofava relendo o mundo, através de suas dimensões éticas e seus valores. Ria solto, era livre... amava a liberdade mais do que todos nós, os outros onze irmãos. Além da inteligência, era bonito, um olhar azul, igual ao da mãe. Não houve outros olhos tão azuis...

Muito amado, perdi desde muito cedo a conta das inúmeras histórias e "causos", como ele costumava falar.

Teólogo, não quis exercer o sacerdócio, assumindo a causa indígena, atuação no CIMI (Conselho Indigenista Missionário), durante 22 anos, nas reservas do Mato Grosso do Sul.

Um dia, resolveu ser filósofo de verdade e, no dia em que obteve o reconhecimento acadêmico, desapareceu.

As buscas se tornaram roteiros sinuosos e difusos.

Dor, saudade e uma perda. Esse é o sentimento que ainda hoje nos acompanha e, ao mesmo tempo, um sentimento de conforto para todos nós, seus vínculos mais próximos: a liberdade como respeito.

Espontânea ou forçada, a sua retirada de nossa "roda", nos faz refletir sobre o olhar de quem sempre quis ter a liberdade como estilo de vida.

RESUMO

O presente estudo versa sobre o cotidiano do Vale dos Vinhedos, com aporte de conhecimento das representações sociais. A pesquisa enfoca três territórios, quais sejam, Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Garibaldi, formadores de uma cooperação territorial de fronteiras acordadas em torno da Indicação Geográfica dos Vinhos do Vale dos Vinhedos, que lhe atribuem características de seletividade e desenvolvimento próprias das sociedades pós-modernas. Lá, o empreendedorismo agrega nuances de valoração sobre a produção local que se traduzem nas práticas, nos saberes e fazeres aqui reinterpretados através das Representações Sociais. Dessa forma, pesquisar a interação desses sujeitos com a tradição e a cultura herdada dos ancestrais italianos é de suma importância para que não se percam esses vínculos históricos e culturais. Para tanto, utiliza-se a pesquisa bibliográfica, o estudo etnográfico, diário de campo e observações participantes, técnicas de entrevistas e grupos focais, dentre outras que resultam na análise de oito dimensões: o imaginário socializado e os mitos da imigração; religiosidade; a economia da sobrevivência; a ideologia do patriarcado estruturante; a estética como elemento constituinte do senso comum; a política; o vinho como elemento que promove o desenvolvimento; a comunidade enquanto promotora da relação de trocas e solidariedade. Portanto, conclui-se que o eixo das Representações Sociais que perpassam as práticas e os discursos são (re) produtoras da desigualdade no referido espaço.

Palavras-Chaves: Cotidiano. Representações Sociais. Vale dos Vinhedos. Uva e Vinho. Psicologia Social. Ciências Sociais.

ABSTRACT

The present study is about Vineyard Valley, with social representations intake. The search focuses three territories: Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul and Garibaldi, formers of a territorial cooperation of borders agreed around Vineyard Valley Wine Geographical Indication, which attribute to it development selectivity inherent to post modern societies, where entrepreneurship aggregates valuation nuances about the local production, which are translated into experiences, knowledge and actions, reinterpreted here through Social Representations.

This way, knowing about these people interaction with tradition and the inherited culture from Italian ancestors is very important to maintain historical and cultural links. For this, it is used bibliographical search, ethnographic study, a field diary, participant observation, interview techniques and focal groups, among others, which result in an eight-dimension analysis: the socialized imaginary and immigration myths; religiosity; survival economy; structuring patriarchy ideology; esthetics as an element of common sense; politics; wine as an element which promotes development; community as change relations and solidarity promoter. Therefore, it is concluded that social representations, which cross the actions and speeches, are inequality producers in the referred space.

Key Words: Daily. Social Representations. Vineyard Valley. Grape and Wine. Social Psychology. Social Science.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APROVALE - Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos

ATUASERRA - Associação de Turismo da Serra Nordeste

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DOC - Denominação de Origem Controlada

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

FUNDAPARQUE - Fundação Parque de Eventos e Desenvolvimento de Bento Gonçalves

HA - Hectare

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRAVIN - Instituto Brasileiro do Vinho

IG - Indicação Geográfica

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial

IP - Indicação de Procedência

IPVV - Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos

ONG - Organização Não-Governamental

RP - Representações Sociais

SEBRAE - Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa

STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais

UCS - Universidade de Caxias do Sul

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UVIBRA - União Brasileira de Vitivinicultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Brasil.....	15
Figura 2 - Mapa da Região Uva e Vinho.....	16
Figura 3 - Mapa do Vale dos Vinhedos.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 RAZÕES DO ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO VALE DOS VINHEDOS.....	19
2.1 Relevância da Pesquisa	21
2.2 Os caminhos metodológicos do estudo.....	23
2.3 Tratamento de Informações de Dados	31
3 O VALE DOS VINHEDOS E SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA.....	32
4 O SENTIDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	42
4.1 As Representações Sociais.....	43
4.2 Articulando Comunidades, Cotidiano e Representações Sociais	47
5 ANÁLISE DE DADOS.....	51
5. 1 O Sentido de Ser Vale dos Vinhedos.....	51
5.1.1 O imaginário socializado - o culto aos antepassados e o mitológico da imigração.....	554
5.1.2 A Religiosidade.....	598
5.1.3 Economia da sobrevivência e o empreendedorismo típico da cultura italiana	643
5.1.4 A Ideologia do patriarcado estruturante - gênero e as relações desiguais	710
5.1.5 Redefinição da paisagem: a estética como elemento constituído pelo senso comum ..	787
5.1.6 A dimensão política e empreendedorismo individual	843
5.1.7 Vinho: desenvolvimento e capacidade de inovação	898
5.1.8 Comunidades enquanto promotoras de relações e trocas - de solidariedade e de pertencimento.....	943

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....99

REFERÊNCIAS.....10403

ANEXOS..... 113

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo contempla uma análise sobre algumas dimensões sociais na trajetória empreendida pelas pessoas residentes no Vale dos Vinhedos, região de imigração italiana, localizado na Serra Gaúcha (Estado do Rio Grande do Sul/Brasil - Figura 01), com o objetivo de compreender as relações existentes entre os agentes sociais, seus conflitos, negociações e momentos de cooperação, interrogando quais as formas que se configuram e se traduzem na construção dos processos relacionais que retratam o cotidiano dessa comunidade em análise.

Estudá-la significa fazer uma opção de como e com que olhar a queremos interpretar. Entendeu-se que a opção teórica mais adequada seria a Teoria das Representações Sociais, que se apóia em várias áreas do conhecimento humano em ciências humanas e sociais, pelas quais é possível reconhecer as questões que conduzem ao senso comum. Serge Moscovici, autor que propôs a teoria, diz que

toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagens porque ela realça e simboliza atos e situações que nos parecem familiares e nos tornam comuns. (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

A partir de uma compreensão baseada na teoria das representações sociais, buscamos conhecer os sentidos que os sujeitos atribuem ao Vale dos Vinhedos e seus elementos. O autor continua: “A representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de um comportamento e a comunicação entre indivíduos”. (MOSCOVICI, 1978, p. 26). Outro autor importante no desenvolvimento posterior da teoria, Pedrinho Guareschi (1997), coloca que a possibilidade, via de regra, que permite ao indivíduo sair de seu mundo e integrar-se ao mundo social, passa pelas representações sociais. O autor concebe a sua produção nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e também considera que

[...] é quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas em instituições, aos meios de

comunicação, aos mitos e à herança histórico – cultural de suas sociedades que as representações são formadas. (GUARESCHI, 1997, p. 20-21).

Utiliza-se, como referência teórica, um conjunto de noções e conceitos apresentados pelos principais autores das Representações Sociais e outros autores que aportam conhecimentos e auxiliam na compreensão dos fenômenos sociais constituintes das representações, dentre os quais Moscovici (1978, 1991, 2003), Jodelet (2001, 2005), Jovchelovitch (2000, 2008), Guareschi (1995, 2000), Veronese (2000, 2004), Nóbrega (2003), Sá (1996, 2007), Santos, (1994, 1995, 2002, 2004, 2006), Sousa Santos (1997, 2006) e outros.

Quando falamos em Vale dos Vinhedos, devemos nos reportar a sua historicidade. O Vale foi estruturado com base na agricultura familiar, através dos colonos italianos que iniciam a povoação das terras devolutas do nordeste gaúcho, no ano de 1875. Desde as primeiras décadas de ocupação, estabeleceu-se como um polo de produção agrícola e, dentre o cultivo de espécies de subsistência, a uva foi a primeira economia de transformação nas propriedades, através da elaboração do então vinho de colônia. Nas últimas décadas, passou por uma expressiva transformação socioeconômica, com alto crescimento de renda e de oportunidade dos empreendimentos familiares, sobretudo aos vinculados aos vinhos e ao turismo, que enquanto prática socioeconômica cultural é denominada de Enoturismo.¹

Por outro lado, esse processo de desenvolvimento rápido trouxe consigo redefinições relativas ao patrimônio natural e cultural do lugar. As novas relações sociais, econômicas e políticas estabelecidas com o surgimento das vinícolas familiares ainda se apresentam com sinais de incertezas sobre as possibilidades de construção de um processo importante no que diz respeito ao estilo de vida de seus atores que, de comunidade rural torna-se rururbana² e compartilhada, além de sua área geográfica concreta, por uma linha imaginária, definida pela sua paisagem que o torna um espaço ampliado territorialmente de 31,72km² para 81,123km². Da sua área em Bento Gonçalves, foram acrescidos 16,88km², parte desses inclui a área urbana, considerando

¹ Enoturismo - caracteriza-se pelos deslocamentos de pessoas motivados pelo interesse em conhecer determinada região produtora de vinhos.

² Rururbano-passa a incorporar a reflexão francesa sobre as transformações das áreas rurais a partir de 1960, que sofrem adensamento e que perdem em parte, suas características rurais. Termo que passou a integrar a linguagem dos Planos Diretores implementados pelo Ministério das Cidades no Brasil a partir de 2004.

os divisores de água, totalizando desta maneira 48,50km², área essa que compõe os 60%) da IG. Os outros limites geográficos são áreas dos municípios vizinhos de Garibaldi (33%) e Monte Belo do Sul (7%).

A delimitação geográfica (DG) abre-se como uma nova fronteira representacional, está relacionada à área para a produção e comercialização de vinhos com a indicação de procedência³ (IP) e está mais coerente com os limites socioambientais e práticas culturais da região. Assim, em conformidade com as representações sociais, “as comunidades constroem fronteiras por meio de ações relacionais. Fronteiras podem ser de diferentes tipos, desde geográficas, físicas e administrativas, até linguísticas, religiosas, étnicas, sociais e culturais” (JOVCHELOVITCH, p.134, 2008).

Figura 01: Localização da Serra Gaúcha no mapa do Brasil



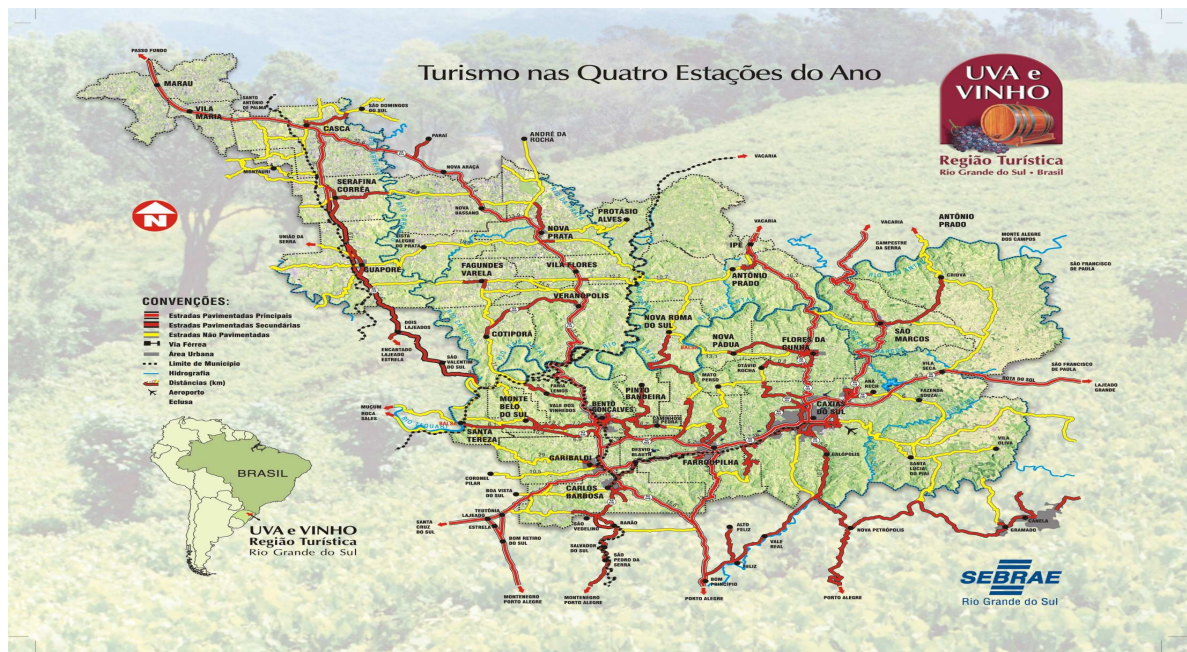
Fonte: Fenacoop, 2009.

O Vale dos Vinhedos está posicionado como produto âncora do turismo regional, que abrange trinta municípios, cuja articulação e coordenação do

³ IP e IG - Indicação de Procedência e Geográfica, respectivamente.

desenvolvimento do turismo regional são realizadas pela Governança Regional da Atuaserra - Associação de Turismo da Serra Nordeste -, seguindo os parâmetros definidos pelo Programa Nacional de Turismo (PNT) e pela Lei Geral do Turismo n.º 11.771/08, de 17 de setembro de 2008.

Figura 2: Mapa da Região Uva e Vinho



Fonte: Atuaserra, 2009.

No entanto, o presente estudo dá-se sobre os dois espaços, o Vale dos Vinhedos enquanto fronteira acordada, que resulta na Indicação Geográfica, e pelas onze (11) Capelas. A constituição geográfica do Vale dos Vinhedos é por linhas, sendo elas: Zamith, Graciema e Leopoldina que, por serem extensas, são conhecidas pelos lotes e pelas capelas, assim posicionadas:

- a) Na Linha Leopoldina, a Capela Nossa Senhora das Neves, Capela das Almas, Capela da Glória, Santa Lúcia e, na sequência, a Capela de Santo Izidoro, no território de Monte Belo do Sul;
- b) Na Linha Graciema, que consiste nas comunidades 08 da Graciema, a Capela Nossa Senhora das Graças;
- c) Na Linha 15 da Graciema, a Capela de São Pedro;

d) Na Linha Ceará da Graciema, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, cuja comunidade centraliza a realização da Procissão da Sexta - feira da Paixão no Vale dos Vinhedos;

e) Na Linha 40 da Graciema, a Capela São Roque, que pertence a Monte Belo do Sul;

f) Na Linha Zamith, a Capela da Santíssima Trindade;

g) No Bairro Vinosul, a Capela Nossa Senhora da Pompéia e Santo Expedito;

h) No Distrito da Garibaldina, a Capela de São José, que pertence ao município de Garibaldi.

Enquanto processo da organização territorial das comunidades, essas foram definidas pela política de imigração, que estabeleceu a ocupação através dos lotes, que consistiam em Linhas e Travessões, como sendo as macrogeoreferências e geralmente levavam o nome de seus agrimensores ou de pessoas homenageadas, no caso D. Leopoldina, a quem atribuem a responsabilidade da imigração, especialmente os Trentinos que ocuparam o Vale dos Vinhedos. As Linhas eram traçadas de norte a sul e os Travessões de leste a oeste. Também os cursos d'água, em seus traçados, foram levados em consideração, sendo a principal força motriz no início das atividades em solo brasileiro. Daí, se originaram as primeiras indústrias da época, como os moinhos, ferrarias, serrarias, movidos a roda d' água.

Portanto, trata-se de um estudo sobre as Representações Sociais de seus agentes, que compartilham esse território com identidades definidas pelos aspectos geopolíticos, pelas identidades de valor agregado no espaço, dentre elas e de grande expressão, a religiosidade, o trabalho no setor vitivinícola e uma expressiva organização social em torno das capelas. Esses fatores implicam nas relações implicitamente imbricadas e que se traduzem em algumas peculiaridades desse espaço, sejam em seus aspectos religiosos, nas convivências comunitárias, nas práticas econômicas, políticas, culturais, no desempenho das atividades rurais e outras dimensões que o caracterizam nos âmbitos de sociabilidade atual e contemporânea.

Jeudy (2003) agrega o conceito de reflexibilidade sobre os processos de conservação, em se tratando de identidades locais e de patrimônio cultural, onde retira

seu significado contemporâneo como sendo “uma réplica museográfica do mundo” e acrescenta

É preciso, para que haja um patrimônio reconhecível, gerenciável, que uma sociedade se apreenda no espelho dela mesma, que ela tome seus lugares, seus objetos, seus monumentos como reflexos inteligíveis de sua história e de sua cultura. É preciso que uma sociedade realize um desdobramento espetacular, que lhe permita fazer de seus objetos e territórios um meio permanente de especulação sobre o futuro. (JEUDY, 2003, p. 8).

O estudo encontra-se estruturado nos capítulos, com suas descrições resumidamente assim postas:

O Capítulo 1 apresenta a síntese histórica do Vale dos Vinhedos. Aí estão descritos e analisados alguns elementos importantes relativos à chegada dos imigrantes italianos e ao processo de adaptação que conduziu à fase de construção do complexo vitivinícola existente atualmente. Procura-se identificar os principais momentos de inflexão da dinâmica de desenvolvimento e de reorganização do ambiente institucional formado. Destaca-se a análise do processo de mudança de diversas identidades das colônias criadas nas primeiras fases do processo migratório, em sua forma individualizada, até a formação da identidade do Vale dos Vinhedos.

Além da descrição das principais características sociais, o Capítulo apresenta alguns indicadores de como estão representados socioeconomicamente os municípios dos quais partes de suas áreas formam o Vale dos Vinhedos.

O Capítulo 2 compreende os aspectos conceituais sob os quais a análise se fundamenta. Trata-se das leituras e absorção de conhecimentos obtidos através de estudos e a compreensão do fenômeno das representações sociais e alguns desdobramentos sob a perspectiva de vários autores, que conduzem a prática intelectual do estudo.

O Capítulo 3 caracteriza a dinâmica que o estudo identificou no Vale dos Vinhedos atualmente, especificando seus comportamentos, interesses e estratégias, superações, apegos, práticas cotidianas, o pensamento, a cultura observada, dentre outros itens. Nesse contexto, analisa-se os conflitos, as cooperações, as

institucionalidades presentes. A análise elucida os modos de apropriação dos benefícios gerados pela formação da identidade do território. Considera, ainda, as formas de percepção e enfrentamento dos problemas e de como são percebidos os outros na alteridade, as relações afetivas próximas, como as famílias, comunidades, suas relações em torno de algo comum: a comunidade; o futuro como é percebido e como se apropriam do patrimônio natural. Algumas informações importantes sobre ações do setor público, do setor econômico e da religiosidade são descritas e analisadas como forma de compreensão de seu modo de vida. Por fim, são apresentados os fatores e como são discutidas as hipóteses explicativas para a situação atual, “o poder e a claridade das representações sociais, em que medida essas controlam a realidade de hoje através do ontem e da continuidade que isso pressupõe”. (MOSCOVICI, 2003, p.38).

No Capítulo 4, etapas das considerações finais, são apresentados comentários discutidos e sintetizados sobre o Vale dos Vinhedos, sua construção, sobre a perspectiva de estarem representados na análise constituída, buscando reforçar as variáveis explicativas para os consensos e as contradições em sua trajetória atual.

2 RAZÕES DO ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO VALE DOS VINHEDOS

O Vale dos Vinhedos passa a ser visto como um espaço de relações e representações socioculturais e também um lugar, assim definido por Milton Santos. Ou seja, um lócus de interação entre elementos fixos – ou fixados no espaço geográfico – e fluxos, também, as ações e práticas humanas que o redefinem constantemente. Esta dialética, segundo o autor, é o que nos permite observar as transformações no espaço, isto é, a passagem de uma “totalidade” a outra “totalidade”. Nesse sentido, Milton Santos (2002) afirma que

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. (SANTOS, 2002, p. 61).

A escolha do Vale dos Vinhedos como “lugar” de estudo se deu em função de ser um espaço no contexto da Região Uva e Vinho - Serra Gaúcha, que contribuiu para o desenho de uma nova organização no meio rural, que reproduz o perfil de público com quem atuo como profissional do setor de turismo e serviços, especificamente em assessoria às comunidades que possuem projetos nesses segmentos. Porém, este lugar é diferenciado de outras comunidades pela oportunidade de se vislumbrar a viabilidade das pequenas propriedades rurais, pela evidente agregação de valor à produção agrícola e pelos aspectos do conhecimento ali situado que, segundo Valduga (2007)

[...] assemelhando-se a outras regiões vinícolas do mundo que também conquistaram certificações regionais, a exemplo de Bordeaux e Champagne, na França, Asti e Chianti na Itália, Dão e Porto em Portugal, entre outras regiões vinícolas. Este local foi transformado pelos agentes locais e empresas no principal destino turístico vinícola do Brasil. (VALDUGA, 2007, p. 46)

Então, a pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender as formas pelas quais interagem os agentes que promovem a dinâmica desse local. O Vale dos Vinhedos tornou-se um território para estudos devido às alterações nas relações socioeconômicas e culturais ocorridas de forma expressiva nos últimos anos. A saber, a superação das dificuldades em relação ao empobrecimento ocorrido na década de 1990, as ameaças constantes ao setor dos vinhos pela concorrência internacional e pelo pouco consumo de vinhos nacionais presente na cultura do povo brasileiro - sobretudo dos países da América do Sul⁴ -, a exploração e diversificação de atividades como o enoturismo - como um vetor de inserção social e também de relações complexas-, ou, ainda, a valorização do trabalho agrícola e as possibilidades de criar alternativas para o setor agrário através da transição de uma região recente, eminentemente agrícola, e lembramos que uva e vinhos são produtos agrícolas, sobretudo agora, como constituintes de economia do setor do turismo e dos serviços.

Essa transição econômica pode ser analisada, segundo Sousa Santos, como parte de um dos espaços-tempo estruturais, que o autor designa como “espaço da mundialidade”, esfera onde se constituem as relações econômicas internacionais e as

⁴ IBRAVIN, 2009- Projeto Wines From Brazil.

relações entre os estados nacionais na medida em que eles integram o sistema internacional. Enquadram-se nesse espaço as atividades de Indicações Geográficas, que necessitam de aprovação internacional, quando outra nação é que, em última instância, atribui esse reconhecimento; e o turismo, cujos espaços são universos sem fronteira, pode ser analisado desde essa perspectiva. (SANTOS, B., 1997, p. 126).

2.1 Relevância da Pesquisa

O estudo proposto e as discussões acerca do tema tornam-se relevantes na medida em que se busca conhecer os fatores sociais e culturais que interferem no espaço estudado, que pretende avançar no âmbito do conhecimento do senso comum, nos discursos e práticas sociais espontâneas, das vivências comuns e poderá, em parte, contribuir com a história e com os processos envolvidos nas complexas mudanças socioculturais e econômicas desse lugar.

Portanto, constituir-se-á em material de cognição, para a comunidade acadêmica, para a população local que deseja conhecer as dinâmicas que se operaram no Vale dos Vinhedos e poderá vir a contribuir, também, enquanto fonte de consulta para os gestores públicos dos três municípios nos quais encontra-se a área do Vale, seja em Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul, além de Organizações Não Governamentais, Instituições de Ensino Superior e demais entidades envolvidas que atuam no território em tela.

Para a realização desse estudo, em se tratando de Representações Sociais, o enfoque necessariamente é interdisciplinar, constituindo-se como um sistema teórico-metodológico importante por se nutrir de abordagens diversas e complementares como a antropologia, psicologia, sociologia e a história, dentre outras. No entanto, essa possibilidade favorece a produção de um conhecimento que estabelece um diálogo permanente, com metodologias e diferentes fundamentos teóricos, valorizando o conhecimento do senso comum, construído através da experiência cotidiana dos agentes, implicando em valores e visões de mundo.

As entrevistas são constituídas, em primeira instância do estudo, tendo como agentes aqueles presentes nas entidades locais, lideranças públicas e privadas; o

segundo grupo, já como grupo focal, constitui-se de famílias, incorporando as reuniões familiares; o terceiro grupo, das questões religiosas, cujos espaços são marcadamente o espaço de partilhas; o quarto momento consiste nos encontros, missas, festas, organização da Procissão da Sexta-Feira da Paixão do presente ano e, ainda, um quinto momento, no retorno da pesquisadora para complementação de informações. O estudo deu-se em dez meses de convívio, diário ou semanal, com integrantes de todas as comunidades, sendo que com algumas mais frequentemente e outras menos, dadas as oportunidades de participação em maior ou menor grau.

Quanto ao modelo de análise, esse foi concebido em oito dimensões (a sua estrutura encontra-se no Capítulo da Análise e interpretação dos resultados). Para esse estudo, procurou-se identificar um conjunto amplo de fatores que permitisse a análise dos conflitos entre as posições dos diferentes agentes sociais e a forma que interferem na constituição daquilo que os representa. Os aspectos sociais foram associados aos econômicos, trabalhando-se, portanto, através das dimensões, compondo as variáveis: político-institucionais, socioeconômicas, religiosas e culturais. Segundo Moscovici (2003, p.34), as representações sociais possuem duas funções: uma é a convenção atribuída aos objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram e lhe dão uma forma definitiva, que se localizam em determinadas categorias, colocando-as, gradualmente, como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um determinado grupo e sintetizadas nesse modelo; num segundo momento, afirma que são prescritivas, impondo-se sobre nós como uma força irresistível. A força está representada na estrutura antes mesmo que comecemos a pensar e por uma tradição que dita o que deve ser pensado.

O modelo de análise orienta, ainda, sobre os métodos para a obtenção das informações necessárias, tanto para o conhecimento sobre a trajetória dos agentes ao longo do tempo, como de suas práticas no momento atual, que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, “elas não são pensadas por eles, mas são re-pensadas, re - citadas e re-presentadas por eles”. (MOSCOVICI, 2003, p. 37).

Para auxiliar na estrutura da proposta do estudo e do problema desse estudo, foram elaboradas algumas questões de pesquisa:

- Como está re-presentado o Vale dos Vinhedos hoje pelos atores sociais que interagem naquele contexto?
- Onde se estabelecem as articulações e as contradições e como elas se vinculam entre o pensamento social e a prática?
- Quais os eventos cotidianos dos grupos sociais relevantes para identificar os elementos que compõem o campo representacional dos agentes?

O modelo de análise de pesquisa está, em parte, contemplado na proposta desse estudo, nos limites impostos pela sua adequação e de sua convergência com diferentes fases do trabalho realizado. Considerando-se as questões de pesquisa elaboradas no início do estudo, a coleta de dados foi realizada através de análise de documentos, etnografia, diário de campo, observações participantes, realização de entrevistas, grupos focais, acompanhamento em reuniões comunitárias como ouvinte e como moderadora.

2.2 Os caminhos metodológicos do estudo

O presente estudo exige a combinação de várias técnicas de pesquisa, em se tratando de um ambiente complexo e de inúmeras sobreposições representacionais, sendo os informantes ora indivíduos, ora famílias, ora profissionais, ora líderes e ora um integrante a mais na comunidade.

Para a apropriação do universo a ser estudado, foi utilizado, em um primeiro momento, o diário de campo como tradução da realidade, no sentido atribuído à técnica etnográfica (GEERTZ, 1997), que envolvem longos períodos de observação. Este período se faz necessário para que o pesquisador possa entender e validar o significado das ações dos participantes, de forma que este seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam a mesma ação, evento ou situação interpretada. A técnica usada no reconhecimento do território, no acompanhamento de turistas, em oito vinícolas, participação das lides cotidianas, consistindo em dez dias de colheita da uva (2009) e seis dias na poda da videira (2008), nas conversas informais, nos encontros comunitários e familiares. O diário de campo

consiste em registros de momentos mais informais da pesquisa, que auxiliam na contextualização de alguns fenômenos de cognição.

A coleta de dados foi dividida em etapas que se complementaram e formaram o escopo da pesquisa. Na primeira delas, buscou-se dados que permitissem a obtenção de informações sobre a sua constituição e as questões sobre a Indicação Geográfica e de Procedência, isto é, compreender o que move a comunidade atualmente de maneira mais intensa, o que permitiu obter uma imagem mais nítida da trajetória histórica do Vale dos Vinhedos. Para obtenção de dados secundários, que formam o escopo histórico e geográfico do Vale, contribuíram entidades como a Aprovale, Fundaparque, Ibravin, Embrapa Uva e Vinho, Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A análise documental serve de suporte para a complementação das informações e como auxiliar de outros meios e instrumentos utilizados no desenvolvimento da pesquisa.

O trabalho de campo, composto por um conjunto de vinte e seis entrevistas, com inúmeros momentos de vivências e convivências, relaciona-se com o problema de forma que dá origem a cada uma das dimensões que compuseram o campo representacional investigado. Percebe-se, então, a necessidade de abordagem por temáticas, que consideram as situações complementares para as dimensões político-institucionais, socioeconômicas, culturais, religiosas que, em seu agrupamento através das dimensões, permitiu a análise das Representações Sociais.

As temáticas de abordagem da pesquisa foram organizadas de acordo com a interdependência e a relevância que apresentaram no imaginário social dos atores. Essas temáticas emergiram de um trabalho de campo exploratório, no qual a pesquisadora realizou uma imersão no cotidiano dos atores, através de observações participantes e anotações do diário de campo. A lógica na organização resulta da espontaneidade da manifestação coletiva dos sujeitos. Os temas, abaixo relacionados, são falados diariamente e são utilizados como abordagem para iniciação de conversações e interação social entre eles.

- a) Uva; Vinho; Terra; Região e Turismo;
- b) Vizinhança; Espírito Comunitário; Solidariedade; Família;

c) Questões de Gênero;

O quarto tema surge como uma decorrência das reflexões empreendidas a partir dos três anteriores e da leitura de Jovchelovitch, que amplia, através das Representações Sociais, o entendimento de que os “novos sentidos são acrescidos à experiência do passado, transformando-o com a experiência do presente e dos projetos existentes para o futuro”. (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 144), o que sinaliza uma possibilidade de intervenções futuras no campo de trabalho profissional da pesquisadora. Embora tenha-se consciência de que o objetivo de um mestrado acadêmico seja responder a um problema de conhecimento, espera-se que também possa servir de subsídio para elaboração de políticas públicas e para as demais organizações que atuam no território.

d) Desenvolvimento; Futuro; Gestão e Organização;

Diante desses quatro temas, o problema de pesquisa foi decorrente de inúmeras reflexões, discussões e orientações, resultante dessas temáticas, para a elaboração do problema a ser resolvido nesse âmbito acadêmico, tendo em vista os limites para o Mestrado e, assim, como problema de pesquisa, a pergunta que passa a nortear o presente estudo é: quais elementos se evidenciam nas Representações Sociais no Vale dos Vinhedos, sendo, pois, compartilhados entre os agentes locais, e quais efeitos produzem na relação do seu cotidiano?

Em decorrência das questões e do problema proposto para a pesquisa, foi elaborado o objetivo principal do trabalho:

Investigar as representações sociais através do discurso e das práticas de seus agentes, com vistas a analisar situações que contribuem na formação sócio-cultural, política e econômica que reproduzem as desigualdades entre os atores sociais posicionados no Vale.

Os objetivos específicos foram elaborados como apoio ao objetivo principal e considerou-se importante analisar os fatores que conferem especificidade à trajetória desse território, ou seja, procurou-se:

- analisar os discursos dos agentes sociais do Vale dos Vinhedos nos campos econômico, social, cultural, político e religioso, a fim de compreender a dinâmica estabelecida no espaço dividido com os grupos sociais distintos;
- compreender as instâncias e os processos formadores ou reprodutores das desigualdades presentes no território;
- identificar as manifestações dos agentes sociais que desenvolvem e se envolvem nas inúmeras atividades, para compreender os sentidos do Vale dos Vinhedos e as projeções de futuro que os sujeitos compartilham.

A investigação do processo das Representações Sociais no Vale dos Vinhedos é uma pesquisa de corte qualitativo, por entendermos que “estuda a pessoa, o agente, em determinada condição social, em grupo, partícipe de uma classe social, de uma comunidade que compartilha crenças, valores, significados”. (MICHEL, 2005, p. 24).

A pesquisa é qualitativa na medida em que busca identificar representações discursivas dos pesquisados e relacionar os discursos no espaço de ação sob investigação. Assim, a abordagem considera a diversidade existente no Vale dos Vinhedos e o enfoque considera o fenômeno contemporâneo dentro do contexto de vida real, para percepção dos principais embates e conflitos existentes, que são sempre constitutivos de uma dada realidade social.

Também foram revisados, durante a construção da pesquisa, três trabalhos de pós-graduação em nível de Mestrado: O desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos, de Vander Valduga, Caxias do Sul, 2007; Enoturismo no Brasil: um estudo comparativo entre as Regiões Vinícolas do Vale dos Vinhedos (RS) e do Vale do São Francisco (Ba/Pe), de Talise Valduga Zanini, Caxias do Sul, 2008; de Hernanda Tonini, Políticas públicas e turismo: enoturismo no Vale dos Vinhedos, Caxias do Sul, 2007. Uma tese de Doutorado, de Murilo Xavier Flores, que aborda o tema da Solidariedade Social ao Individualismo: um estudo sobre o desenvolvimento do Vale dos Vinhedos na Serra Gaúcha - Florianópolis, 2007. Outras fontes foram artigos de revistas científicas e edições que apresentam a história da região, tendo como referência Cleodes Piazza Ribeiro; Clemente Posenato, Rovílio Costa, Egídio Dall’agnol, Núncia Constantino, Bernadete Caprara e Terciane Lucchese, De Paris, Maria Dalcin, dentre outros

disponíveis em bibliotecas, universidades e meios eletrônicos, que possam fornecer informações referentes ao Vale dos Vinhedos, incluindo-se nos lendários que relatam aspectos da vida cotidiana durante as primeiras décadas de ocupação pelos imigrantes e seus descendentes. Usam-se também os materiais audiovisuais produzidos enquanto saga da imigração, dentre esses, o vídeo dos 130 Anos da Imigração Italiana, vídeos promocionais do Vale dos Vinhedos: *the four seasons in the Vale dos Vinhedos* e turismo nas quatro estações, vídeo institucional da Região Uva e Vinho, cujas imagens, falas e sons compõem o imaginário e tornam notória a beleza plástica da região. Por fim, esses dados foram confrontados com as informações obtidas com pessoas que atuam em atividades públicas e privadas, de diferentes órgãos e entidades, obtendo-se informações sobre a visão da região e também sobre as políticas públicas implementadas. No escopo da pesquisa, a entrevista obteve a maior expressividade, motivo pelo qual contém as informações acerca do que os vinte seis atores sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram enquanto atores sociais.

Nas Ciências Sociais, a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada. Segundo Farr “essencialmente é uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. (FARR, 1994 apud BAUER; GASKELL, 2000, p. 64-65) e ainda conforme Jodelet (2001, p. 28), o pesquisador deve formular três questões básicas: “Quem sabe e de onde sabe? O que e como se sabe? e Sobre o que se sabe e com que efeitos?” Desta maneira, Jovchelovitch (2008) contribui com o questionamento sobre o saber local, enquanto reconhecimentos e direitos de uma comunidade, reportando-se aos diversos saberes, o que deve ser considerado nos processos de um saber, como esses saberes se produzem e se transformam, como os fenômenos da realidade empírica, valores, idéias e práticas se dão em uma comunidade. Uma vez que o saber social ocorre em diferentes contextos, há interesse em compreender como os mesmos se desenvolvem. Assim, a autora propõe o estudo sobre a fenomenologia da vida cotidiana e sua relação com o mundo da vida. (JOVCHELOVITCH, 2008). Tendo em vista que as Representações Sociais dão-

se na coletividade, passou-se a interação, vivências e convivências familiares, nos encontros de aniversários e nas reuniões e encontros de orações comunitárias.

O procedimento adotado segue critérios de buscar diferentes olhares sobre as representações sociais que formam o Vale dos Vinhedos. Estudo esse enriquecido, ainda, pelas entrevistas com alguns atores locais da área cultural que possuem informações atuais e históricas sobre o espaço e que ajudaram na construção das dimensões propostas pelo estudo.

Também houve a participação em reuniões dos grupos das vinícolas, organizadas pela FISUL⁵ e o SEBRAE, como pesquisador-observador, que permitiu coletar informações a respeito das estratégias e das dificuldades de encaminhamentos de ações coletivas.

As entrevistas são constituídas de informantes das organizações envolvidas e agentes sociais do setor vinícola, enoturismo, comunidades e entidades do Vale dos Vinhedos, quais sejam:

a) Viticultores e Famílias⁶:

A considerar-se que são integrantes, agricultores/viticultores, fornecedores *de uva para vinhos finos com relação comercial constante* com vinícolas e que sempre viveram no Vale dos Vinhedos. Outros agricultores/viticultores fornecedores *de uva para vinho comum* para vinícolas e empresas de sucos no Vale dos Vinhedos. Agricultores/viticultores *que também se dedicam à atividade turística*, não como empregados de empreendimentos, mas a partir de atividades da agricultura familiar do próprio estabelecimento rural.

b) Os atores que compõem o Campo Econômico:

Sendo esses os proprietários ou sócios de Vinícolas e moradores das Comunidades (agricultores/viticultores e vitivinicultores). Há um

⁵ Grupo denominado de Projeto de Estudos sobre o Enoturismo, visando a inovação e ações de mercado cooperada.

⁶ Nesse grupo de atores, estão representados os entrevistados “Famílias”, em número de cinco, descritas como sendo A, B, C, D, E, a fim de preservar suas identidades.

desdobramento quanto aos proprietários de vinícolas que possuem uma atuação destacado nesse estudo – *os que compram uvas mantendo relação constante com agricultores/viticultores do Vale dos Vinhedos e também compram uvas sem manter relação constante com agricultores/viticultores do Vale;*

c) Empreendedores do setor de serviços, sendo esses os integrantes do Trade Turístico⁷, proprietários de empreendimentos hoteleiros e gastronômicos;

d) Instância Pública constituída nos três (3) territórios, ou seja, Garibaldi, Monte Belo do Sul e Bento Gonçalves, que representam o Campo Político enquanto gestores de 2005 a 2008;

e) A Sociedade Civil organizada e os líderes do Campo Social

- APROVALE e a APROBELO

- Entidades Vinculadas ao Setor Vinícola – IBRAVIN

- Fundaparque - Fundação Parque de Eventos e Desenvolvimento Pró – Bento;

f) Os que representam o Campo Religioso (Ministros da Eucaristia);

g) Os que interagem através do Campo Cultural – agregando conhecimentos Técnicos- Científicos

- Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e CNPUV - Centro Nacional de Pesquisa Uva e Vinho

- Coordenação do Curso de Turismo – UCS

- Coordenação do Curso de Turismo – FISUL.

A definição dos diferentes grupos de atores que compõem o universo de informantes do Vale dos Vinhedos passa pela discussão com a Aprovale, Aprobelo e UCS. A escolha desses atores justifica-se pela representação dos mesmos, seus

⁷ *Trade turístico* – termo que traduz os agentes que integram o sistema turístico

diferentes saberes, dentre eles de lideranças locais, por onde passa o conceito de inovação no Vale.

Há uma sobreposição de papéis sociais ocupados pelos informantes que são vitivinicultores, família, entidades representativas, líderes religiosos e, muitas vezes, são integrantes nas ações coletivas; os atores de suporte do capital social, nesse momento encontram-se representados pelas entidades que atuam no universo do conhecimento técnico-científico e contribuem para o desenvolvimento local, pela sua atuação enquanto agentes externos, configurando-se no espaço o desenvolvimento exógeno.

Outra instância de pesquisa é o grupo focal conduzido pela pesquisadora, em número de cinco famílias, de quatro a seis participantes em cada um dos encontros, com uma duração média de duas horas, e com grupos de líderes das onze capelas, de vinte a trinta integrantes em cada encontro, com duração de duas a três horas para cada atuação. Segundo Bauer e Gaskell (2000), como moderadora na condução dos grupos, a discussão tem por objetivo revelar experiências, sentimentos, percepções e preferências, permeando as temáticas. Os atores são participantes de características comuns e incentivados a conversarem entre si, trocando experiências e interagindo através de idéias, sentimentos, valores, dificuldades, sobre determinada temática. Para pesquisa com famílias e as questões de religiosidade, a técnica mais adequada foi o Grupo Focal.

O papel, na moderação, é o de promover a participação de todos, evitar a dispersão na discussão e a monopolização de alguns participantes sobre outros. A técnica foi utilizada no transcorrer de um ano, dando-se entre a Páscoa de 2008 e 2009, sendo que, em alguns momentos, o método etnográfico deu o suporte que a pesquisadora utiliza como ferramenta científica auxiliar ao grupo focal, permitindo a convivência e experiência na mesma condição, ou de similaridade, com agentes oriundos das onze capelas do Vale dos Vinhedos e que são atores, figurantes, colaboradores ou organizadores do evento da Sexta-Feira da Paixão. Nesse caso, não houve escolha pela pesquisadora, e sim a atuação deu-se com o grupo constituído por adesão espontânea ou por convite de outro agente. Ali se observou as suas relações com agentes de intervenção externa, (padres, professor de teatro, agência de promoção e iluminação, veículo de comunicação e a pesquisadora), os seus conflitos existentes ou

gerados e as suas formas de negociação, sua formulação de processos de cooperação, o funcionamento dos sistemas institucionais locais e as suas inter-relações externas, dentre outros.

Houve também a indicação de integrarem o estudo, pelos próprios participantes já envolvidos, gerando uma rede de pessoas e de contatos expressivos. A pesquisa tem a atenção nos informantes que dão “sentido” ao Vale ou que buscam, através de suas atividades coletivas, contribuir para que ele, na concretude, seja o Vale com perspectivas de futuro, que modelam uma disciplina baseada em princípios coletivos. Esse olhar sobre o informante é, talvez, um dos aspectos que demanda maior “cuidado”, para que nada do contexto imaginado para a pesquisa sofra exclusão.

Para as reuniões, foram realizados contatos com as governanças locais (APROVALE, APROBELO e líderes das comunidades religiosas), através de e-mail, agendamento por telefone e muitos contatos pessoais, dada a rede de relacionamentos existente. Essas ocorreram nos meses de julho de 2008 a abril de 2009, em locais anteriormente definidos. A metodologia utilizada mostrou-se capaz de indicar os elementos necessários para identificação dos principais eixos que se estabelecem nas representações sociais. Para a construção das oito dimensões, utilizou-se um fluxograma, através do qual foi realizado o exercício de análise para a compreensão dos fenômenos.

2.3 Tratamento de Informações de Dados

A análise de dados e informações consiste em examinar, categorizar, testar e recombinar as evidências, para tratar as proposições iniciais do estudo, estabelecendo uma estratégia analítica inicial, para estabelecer as prioridades do que deve ser analisado e por que. Para tanto, criamos uma matriz de análise por categorias, aqui tratadas como dimensões, para dispor e discutir as evidências no âmbito dessas categorias; a criação da forma de apresentação dos dados através de um fluxograma gráfico, estabelecendo, por último, um diálogo *entre teorias e objeto empírico*.

3 O VALE DOS VINHEDOS E SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

“Recordar é um processo construído pelo material que está agora a nossa disposição no repertório de representações que circulam e povoam a vida presente de uma comunidade.”
(JOVCHELOVITCH, 2006, p. 48).

A biografia ampliada do Vale dos Vinhedos nos remete aos eventos históricos aos quais se vinculam o território em estudo, encontrando-se em consonância as transformações sociais e políticas ocasionadas pela expansão do capitalismo no século XIX, especialmente os processos migratórios dos países europeus, que geraram um fluxo populacional a outros continentes. Valduga (2007) relata que o governo local, para resolver os problemas sociais, cria programas de emigração como uma das soluções. Desde a Idade Média, o país estava dividido em diversos estados independentes, que somente em 1870, após cinquenta anos de luta, torna-se uma nação unificada. Com as transformações políticas e econômicas (a expansão do capitalismo), as tensões sociais e a disputa pela terra, devido ao excesso de população, tornaram-se mais acirradas, principalmente na Itália. (VALDUGA, 2007, p. 29).

O Rio Grande do Sul dispunha de áreas com densidade demográfica muito baixa ou de vazios demográficos, para as quais o governo destinou os assentamentos dos novos imigrantes, processo que se instalou ao longo do século XIX. Os imigrantes receberam terras em lotes comercializados a crédito, sendo demarcadas baseadas na Lei de Terras de 1850 e o Regulamento Colonial de 1867. (DE PARIS, 2006).

O caminho à capital que permitia a comercialização de produtos, a região atualmente conhecida como Serra Gaúcha (na Encosta Superior do Nordeste, onde os italianos eram a maioria) serviu de passagem para os tropeiros dos Campos de Cima da Serra (região de Vacaria). Mais tarde, esse território, então já conhecido pelos primeiros exploradores, torna-se a Colônia Conde D’Eu e a Colônia Dona Isabel, através do ato de 24 de maio de 1870, com área de 32 léguas. A distância do porto de Rio Grande com a sede Porto Alegre fez com que a ocupação efetiva da região ocorresse somente em 1875. (DE PARIS, 2006).

As colônias de Dona Isabel e parte da Conde D'Eu formaram o município de Bento Gonçalves pelo Ato nº 474, de 11 de outubro de 1890, devido ao desenvolvimento econômico com o estabelecimento na região. Assim sendo, estava organizada em cinco distritos: Vila, Zemith, Palmeiro, Conde D'Eu e Azevedo de Castro. Em 1894, o município agrupou-se em dois distritos: Distrito da Vila, somando os três primeiros distritos, e Conde D'Eu, reunindo os outros dois. (VALDUGA, 2007).

O terceiro distrito, denominado Montebello (antigo distrito Zemith), foi criado em 1897. Em 1900, foi criado o município de Garibaldi (antigo distrito de Conde D'Eu) e pela Lei Municipal nº1805, de 17 de agosto de 1990, Bento Gonçalves criou seu último e quinto distrito, o Vale dos Vinhedos, sendo constituído geograficamente pelas linhas Leopoldina, Graciema e Zemith, com área equivalente a 31,72 km². Em 1992, Montebello se emancipou, criando o município de Monte Belo do Sul, deixando de integrar o espaço político do município de Bento Gonçalves. (CAPRARA; LUCHESE, 2001 apud TONINI, 2007, p. 9). O Vale dos Vinhedos recebeu o nome como distrito devido à imensa área de parreirais existentes na localidade, com uma posição geográfica e com solos e altitudes privilegiadas, sendo que sua colonização aconteceu no início de 1877. (DE PARIS, 2006).

O cultivo de trigo, feijão, milho, arroz e frutas para a subsistência diversificaram a economia do local nos primeiros anos, pois o excedente era de difícil comercialização devido à ausência de uma logística que permitisse o escoamento da produção. O comércio e as pequenas indústrias artesanais dedicavam-se a atender as demandas dos imigrantes como produção manufaturada. O surgimento de intercâmbio com outras regiões diversificou o comércio, com a criação de animais, sapatarias e alfaiatarias, entre outros. (CAPRARA; LUCHESE, 2001).

A fabricação de vinho era um hábito que, junto com o cultivo das videiras, representou a prática cultural dos imigrantes italianos, considerada a bebida da vida deles. Inicialmente, as mulas, ou até mesmo o lombo de burros, eram o principal meio de transporte para os vinhos nas colônias, as primeiras comercializações aconteceram em Porto Alegre e Montenegro, as carretas realizavam o transporte no início do novo século. Com a melhoria das estradas, o transporte passou a ser efetuado por carretas. No ano de 1910, aconteceram as primeiras remessas da bebida para outros estados

brasileiros e, com a ligação ferroviária entre Montenegro e Caxias do Sul, foi expandida a produção bem como a plantação de diversas cepas. (CAPRARA; LUCHESE, 2001).

Com o passar do tempo, o hábito de mencionar a origem do vinho ganhou força, com a criação de diferentes regiões demarcadas para referir-se ao produto final, servindo como parâmetro de qualidade, criando sentidos às regiões vitivinícolas em seus espaços delimitados, reconhecidos mundialmente ao se associar a qualidade de seus vinhos ao clima e ao solo local. Cabe destacar, como exemplo, a região de Champagne e Bordeaux na França, Asti e Chianti, na Itália, Rioja e Jerez, na Espanha, Porto e Douro, em Portugal. (CLARKE, 2002 apud VALDUGA, 2007, p. 72).

Conforme a Organização Internacional do Vinho (OIV)

Indicação Geográfica Reconhecida é o nome do país, da região ou lugar utilizado na designação de um produto originário deste País, desta região, deste lugar ou da área definida para este fim sob este nome e reconhecida pelas autoridades competentes do respectivo País. No que se refere aos vinhos, o reconhecimento desse nome está unido a uma qualidade ou características do produto atribuídas ao meio geográfico, que compreende os fatores naturais ou fatores humanos e está subordinada à colheita no País, na região, no lugar ou na área definida. (FALCADE; MANDELLI, 1999, p. 26).

Quanto às políticas públicas brasileiras, a legislação cria, através da lei nº. 9.279/96, a

indicação de procedência enquanto nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu *território que se tenha tornado conhecido* como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço". (BRASIL, 2007, p.02).

Também é regulamentada pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). A Legislação Nacional refere-se em denominação de origem e enfatiza a relação existente com a natureza definida como

O nome geográfico de País, cidade, região ou localidade de seu *território, designe produto ou serviço* cujas qualidades ou características se devam exclusivamente ou essencialmente ao meio geográfico, incluídos fatores naturais e humanos. (BRASIL, 2007, p. 3).

Até o advento da discussão sobre a IG, os produtores do Vale dos Vinhedos elaboravam uma pequena quantidade de vinhos para consumo familiar. Negociavam a safra da uva, até 1990, com as grandes vinícolas ou cooperativas da região. Quando a

comercialização de vinhos enfrentou a sua terceira crise (reporta-se à crise de 1954, de 1972 e a que originou a mudança estrutural do setor, a crise do final de 1980 aos 90), o preço da uva desvalorizou demasiadamente e os vitivinicultores formaram suas pequenas cantinas para fazer o próprio vinho e comercializá-lo diretamente ao consumidor, possibilitando o aumento da lucratividade. Valduga, ao discutir a questão, corrobora dessa forma, afirmando que “para melhorar as vendas era necessário produzir um vinho com maior qualidade, associado as mais diversas tecnologias existentes no mercado vitivinícola, além de obter reconhecimento para seus produtos.” (VALDUGA, 2007; APROVALE, 2008).

Tonietto, pesquisador da Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e do Centro Nacional de Uva e Vinho (CNPUV),⁸ relata que, a partir da década de 1980, em Bento Gonçalves, iniciaram-se pesquisas para avaliar o potencial da região vitivinícola da Serra Gaúcha, para além de Bento Gonçalves, para a produção de vinhos de qualidade superior associado *terroir*⁹. Mais tarde, 1993, a EMBRAPA¹⁰ publicou um trabalho que interessou a alguns produtores de vinho da região, o que contribuiu para a decisão de iniciativas individuais, com aportes de cooperação que Sousa Santos define como orgânicas, para a tomada de decisões em relação e discussão sobre o futuro da vitivinicultura nesse espaço, pois a consolidação de um pedido de IG passa pela constituição de uma associação (no Brasil) e por Consórcios (no exterior, especialmente na Europa). (TONIETTO, 2008).

Segundo dados da APROVALE (2008), eram inicialmente seis produtores do Vale dos Vinhedos que se uniram, em 1995, em busca de maior competitividade e criaram a APROVALE, cumprindo, dessa maneira, a exigência legal para obter a indicação de procedência de seus vinhos. Valduga contribui dizendo que

os principais motivos para a criação da Associação é a necessidade de união para competir nos mercados de vinho, se visto que as vinícolas eram de pequeno porte bem como fortalecimento da região. (VALDUGA, 2007, p. 54).

Os estatutos da Aprovale rezam que essa

⁸ CNPUV - Centro Nacional de Pesquisa da Uva e Vinho

⁹ Terroir-originalmente uma extensão limitada de terra considerada do ponto de vista de suas aptidões agrícolas, particularmente à produção vitícola. Usa-se também a expressão produtos de terroir para designar um produto próprio de uma área limitada.

¹⁰ Embrapa-Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

é uma instituição cultural, social e de pesquisa sem fins lucrativos, cujos objetivos concentram-se nas ações em prol do desenvolvimento socioeconômico e turístico da região; podem participar da associação produtores e pessoas físicas e jurídicas com afinidade aos objetivos da APROVALE através da contribuição mensal. (APROVALE, 2008, p. 01).

Com o objetivo de identificar as características de solo e clima, para critérios de sua delimitação, foram realizados diferentes estudos através da EMBRAPA Uva e Vinho, da Universidade de Caxias do Sul e de pesquisadores da EMBRAPA Clima Temperado e EMBRAPA Florestas¹¹. Com sua área definida em 81.23 Km², no ano de 1998, foi solicitado reconhecimento geográfico de espaço delimitado para a obtenção da IG. Em 2001, foi criado o Conselho Regulador, a partir da Normativa de Produção, responsável pela gestão, manutenção e preservação da indicação geográfica. Com isso, foi desenvolvido o selo de controle Vale dos Vinhedos, exclusivamente para os vinhos e espumantes elaborados a partir de uvas cultivadas no Vale e engarrafados na origem. O INPI, em 2002, reconheceu a Indicação de Procedência.

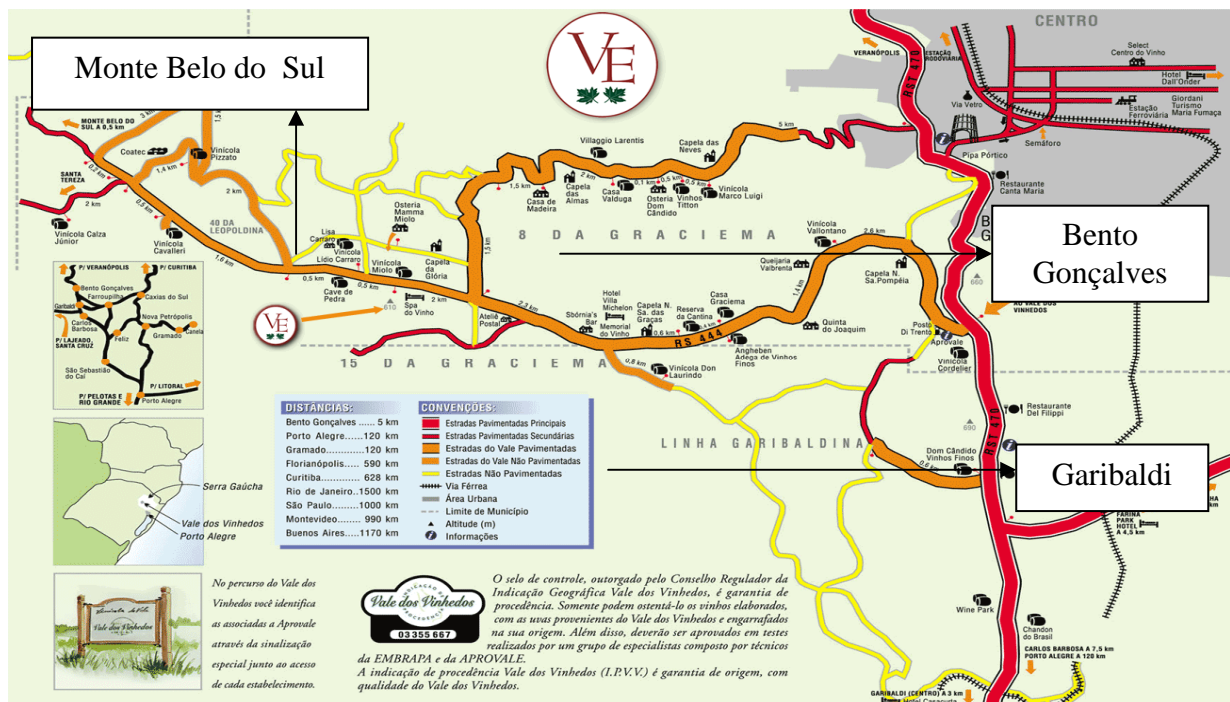
Quanto ao termo francês *terroir*, este está associado ao conjunto de solo, clima e exposição à luz que determinado espaço possui, tornando-o único e interferindo nas características do vinho produzido a partir de uvas ali cultivadas¹². O projeto recebeu apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul. (TONIETTO, 2008).

Milan relata que a União Européia reconheceu a indicação geográfica Vale dos Vinhedos em 2006, facilitando especialmente a comercialização dos vinhos nos países que a integram atualmente. (MILAN, 2009). Dentre suas principais atribuições, a APROVALE (2008) é responsável atualmente pela preservação da indicação geográfica e demais ações relacionadas aos seus Estatutos. A região que compreende o Vale dos Vinhedos, enquanto Indicação Geográfica, está inserida em três municípios gaúchos, conforme identificada no mapa seguinte: Bento Gonçalves, sua maior extensão, no centro e à direita, Garibaldi na parte inferior e Monte Belo do Sul sua menor extensão no campo esquerdo acima, conforme mapa do *Vale dos Vinhedos*.

¹¹ Embrapa Florestas - Unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

¹² Vander Valduga – O Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos, 2006.

Figura 3 – Mapa do Vale dos Vinhedos



Fonte: Aprovale, 2009.

No último levantamento realizado, segundo Falcade e Mandeli (1999), “a região possuía 10,01% de área urbana (uso urbano em meio rural, solo exposto e sistema viário), 43,03% de mata, 20,82% de área agrícola e 26,14% do território com plantio de vinhedos.” (FALCADE; MANDELI, 1999, p. 34). Há, aproximadamente, 1.173 famílias no Vale e, dessas, 375 são cadastradas como viticultoras. Quanto à produção de valor agregado, nos últimos anos, o número de turistas triplicou, chegando a 120.962 visitantes em 2007 e 153.779 em 2008.¹³

Dentre essa segmentação das novas atividades desse espaço rururbano, destacou-se o enoturismo que, a partir de 1982, na Itália, configurou-se como uma das ofertas chamadas de enoturísticas. Valduga (2007) afirma que caracteriza-se pelos deslocamentos motivados pelo interesse em conhecer determinada região produtora de vinhos. A prática consiste essencialmente em conhecer regiões viníferas e tendo o vinho como expoente, uma vez que na ausência do vinho, poderia ser ecoturismo, turismo rural, ou ainda outras tipologias de consumo de lazer. (VALDUGA, 2007)

¹³ Aprovale, consulta em 3º de junho de 2009.

Outra autora, Tonini, (2006) discute a partir de Hall et al (2004), sobre os acordos institucionais que abrangem o nível governamental e as questões de legislação, regulamentações e planejamento. O enoturismo é criado através da infra-estrutura, área física, paisagem, culinária típica regional, além de componentes sócio-culturais da região criando o *terroir*, desde os visitantes que possuem grandes conhecimentos sobre vinho e interesse pela localidade, até aqueles que visitam rotas acompanhando outros grupos ou interessados apenas em beber qualquer tipo de vinho. (HALL et al, 2004; TONINI, 2006).

É claramente perceptível, através das regiões vitivinícolas, identificar os diferentes vinhedos e cantinas produtoras de informações históricas e de interesses diversos, que consistem em uma rota de vinhos, segundo Hall et al (2004). O Enoturismo, nos países do velho mundo, é fator de desenvolvimento e reestruturação rural com mudanças nas preferências entre os consumidores. Corigliano (2000) define uma rota de vinhos como um sistema de oferta turística que possui um determinado percurso, com toda estrutura dos estabelecimentos e proporciona uma demanda pelo Enoturismo e integra o vinho com os demais recursos existentes no local.

No Vale dos Vinhedos, o Enoturismo dá-se com os seguintes agentes: os vinicultores, instituições públicas, empresas de agroturismo, restaurantes, hotelaria, agências e operadores de viagens, distribuidores, associações (religiosas, culturais, recreativas, de esportes de natureza e ambiental, gastronômicas e outras), escolas, demais estabelecimentos de ensino e outros serviços complementares, evidenciando a complexidade da questão e o quanto estão imbricados nas representações sociais. Quanto aos benefícios econômicos resultantes da atividade Enoturística, Tonini (2007) divide-os em dois grandes grupos

a economia de escala, que compreende a cadeia de valor inerente ao produto enoturístico, subdividida em produção vinícola, hospedagem, alimentação e de estrutura complementar; e a economia de sistema, que deriva da inter-relação e da sinergia entre os diversos componentes do sistema de valores (CORIGLIANO, 2000 apud TONINI, 2007, p. 216) .

Quanto ao turismo, em especial, há descontinuidades desta ordem, razão pela qual Valduga (2007) avalia os impactos causados com relação ao segmento, que vêm sendo estudados e discutidos pelo turismo de vinhos, que residem principalmente nas

alterações da paisagem rural – comprometendo o produto turístico criado junto às vinícolas – na degradação ambiental, com a invasão dos turistas no ambiente natural, no incremento do uso do solo para plantio de parreirais e na especulação imobiliária das áreas dos residentes, muitas vezes pressionando seu afastamento. (VALDUGA, 2007).

Assim sendo, o Vale dos Vinhedos, para este estudo, é considerado uma microrregião pertencente à Atuaserra – Região Uva e Vinho - no Roteiro da Primeira Colônia da Imigração da Serra Gaúcha. O local onde será analisado o fenômeno possui sua maior área territorial no município de Bento Gonçalves, estimando uma população de 100.643 habitantes, de acordo com o IBGE (2007). Na sua constituição, outros dois municípios o integram: Monte Belo do Sul e Garibaldi. A economia¹⁴ de Bento Gonçalves, em ordem de faturamento, é movimentada pelos setores moveleiro, metalúrgico e vinícola. O setor vinícola representa a terceira maior economia do município, com 12,39% de participação no mercado.

O outro integrante, Monte Belo do Sul, possui uma população de 2.766 pessoas (IBGE, 2007). Segundo dados obtidos pelo Sindicato Rural de Bento Gonçalves,¹⁵ a vitivinicultura é responsável por 95% da produção agrícola e mais de 90% da economia é vinculada à agricultura. Além disso, o município é o maior produtor per capita de uvas americanas e viníferas da América Latina. (APROBELO, 2009).

O município de Garibaldi tem uma população de 28.791 pessoas (IBGE, 2007), a vitivinicultura representa 17,83% da economia do município (Prefeitura Municipal de Garibaldi, Secretaria da Agricultura, 2008). É o quarto segmento mais importante da economia, sendo considerado, por muitos anos, o maior elaborador¹⁶ nacional de espumantes e, Bento Gonçalves, o de vinhos finos brasileiros.

Definido enquanto Distrito, no início de 1990, o Vale organiza-se e tenta superar o isolamento ocasionado pela infraestrutura pública. Os acessos eram por estradas de chão e a comunicação quase inexistente, sendo que o principal - ligando Bento

¹⁴ Anuário Brasileiro Uva e Vinho, 2007.

¹⁵ Consulta realizada em 14 e 15 de janeiro de 2008.

¹⁶ Usa-se tecnicamente a palavra elaboração em substituição à palavra produção.

Gonçalves a Monte Belo do Sul-, somente foi pavimentado com asfalto no ano de 2002, assim como a instalação da telefonia direta ocorreu em meados de 2003.

Quanto à crise, nos relata Valduga que o setor vinícola tem como justificativa a falência do sistema cooperativo vinícola¹⁷,

o que empobreceu muito o distrito no início da década de 90 e mantendo-se assim até 95. No entanto, o setor dos vinhos torna-se a dinâmica pela qual se dá o desenvolvimento, tendo nesse arranjo apoiadores como a Embrapa, através de projetos de pesquisa através do CNPq, FINEP, UFRGS, UCS, Ministério da Agricultura e a criação do Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN).¹⁸ (VALDUGA, 2007, p.53).

A presença do conjunto de atores externos justifica a endogenia desse modelo de desenvolvimento, bem como a relação com as áreas de conhecimento técnico-científicas que as famílias, através de seus filhos, foram estabelecendo ao longo de um período, conforme nos confirma em sua fala, o informante Michelin¹⁹

as famílias que ousaram mais também eram as que possuíam áreas de plantio em lotes maiores e, além disso, aliaram conhecimento através do capital social na formação de Tecnólogos em Enologia e áreas afins, e tornam-se protagonistas na constituição do Vale dos Vinhedos. (MICHELON, 2008, Entrevista 8, p.3)

Entre essas famílias estão Valduga, Miolo e Brandeli, que constituíram as empresas vinícolas e que, por consequência, atingiram mercado e qualidade reconhecida de seus produtos. Neste período, ainda houve significativamente um crescente número de empresas até 1997, quando se instalou com a intermediação do INPI, um Conselho Regulador, que tem a responsabilidade de controlar a produção vinícola local.²⁰

Instala-se, neste contexto, um novo questionamento quanto a quem poderá integrar a Aprovale, que terminou por decidir que o principal critério a ser relevante seria a elaboração de vinhos com marcas de qualidade. Houve, ainda, a transferência das principais ações de desenvolvimento da comunidade e do setor vinícola para a Aprovale, ocasionando certo “conformismo” com a isenção das responsabilidades por

¹⁷ Com algumas exceções, como das Vinícolas Garibaldi e Aurora (esta com sede em Bento Gonçalves), que se mantêm com apoio dos Governos Estadual e Federal.

¹⁸ Dados obtidos pelos relatos das lideranças do setor vinícola e da Aprovale.

¹⁹ Tarcísio Michelin, Presidente da Fundaparque e Fenavinho Brasil.

²⁰ Em 2007, a APROVALE contava com 55 associações de diferentes setores, dentre os quais 32 vinícolas.

parte da comunidade²¹. A jóia²² cobrada aos novos participantes era retroativa à fundação da Associação, o que foi entendido como uma atitude de exclusão. As empresas familiares menores instalam-se com um objetivo: fazer vinhos em pequena quantidade, com qualidade controlada, em detrimento das maiores empresas que produzem muito, mas que precisam justificar através do valor agregado ao produto, os diferenciais adquiridos. Este é um dos embates presentes em todas as reuniões da Associação.

A Aprovale articula o setor vinícola e, em parte, o enoturismo. No entanto, percebe-se a dificuldade de articulação com a comunidade em geral, que é constituída por famílias voltadas para a agricultura familiar, por moradores, residências secundárias e por famílias de empregados, esses muito presentes na comunidade de Santa Lúcia, considerada a mais pobre do Distrito e, ainda, por trabalhadores temporários. (SCHUMACHER, Entrevista 14, 2008, p. 2).

De 2000 a 2008, houve um aumento e uma diversificação das atividades econômicas. Participam da Aprovale trinta (30) vinícolas, sendo que, ao todo, hoje são 33, cinco (5) hotéis - dentre eles um SPA²³-, oito (8) restaurantes, duas (2) transportadoras de viagens e turismo, três (3) espaços de artesanato, uma (1) queijaria, uma (1) agroindústria de massas, um (1) centro comercial e o memorial do vinho.

Diante da trajetória descrita acima, baseando-se em conceito de Jovchelovitch, podemos considerar o Vale dos Vinhedos como sendo uma comunidade destradicionalizada, com elementos de uma comunidade tradicionalizada, cujo diagnóstico das formas do saber local social confere-lhe uma abordagem plural e plástica, a ser interpretada de forma que implique em relativizar os fenômenos. (JOVCHELOVITCH, 2008).

Enquanto destradicionalizada, pode-se atribuir a essa comunidade a sua rápida inserção na mundialização e o direcionamento da opção econômica ao capitalismo moderno, cuja abordagem será retomada na análise de dados, quando discute-se os vinhos enquanto desenvolvimento e capacidade de inovação e, por outro lado, o senso comum nos leva a crer que a permanência de valores e crenças enquanto reatamento e ligação ao passado, assim como as dinâmicas próprias de uma comunidade rural,

²¹ Anotações do Diário de Campo – relatos de agentes das comunidades, ocorridas em 28 de dezembro de 2008.

²² *Jóia* é a taxa cobrada pela APROVALE quando do ingresso de novos associados.

²³ SPA- “salus per aquam” - termo usado inicialmente na Bélgica para a terapia com águas termais, propagando-se posteriormente para todos os continentes. Hoje, aplicado aos empreendimentos que têm como objetivo o cuidado com a saúde e beleza, não necessariamente com a presença de águas termais.

insiste em manter-se quase inalterada. Há uma dinâmica de ir e vir, do avançar versus retroceder.

4 O SENTIDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

“A representação está simplesmente lá, como a própria vida”.

(BARTHES, 2000, p 14.).

Jovchelovitch (2008), ao citar vários teóricos, diz que na análise da “representação simbólica em sua relação com o eu, com o saber e com o outro, está a ontogênese da representação que envolve de uma só vez processos de individuação e socialização permeados pelo crescimento e de desenvolvimento do saber” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 35), como não podem ser entendidos fora das circunstâncias históricas e psicossociais que os tornam possíveis. Ainda a autora, nessa visão, acentua que a “centralidade deve ser considerada na ontogênese em sua forma representacional e sua função simbólica”. (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 56). O uso dos signos é considerado, segundo a autora, “o mais importante meio cultural de regulação do comportamento e é ele que define a espécie humana. São essas dimensões comuns – o método genético, a primazia das relações Eu e o Outro [...]” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 39). Nessa dinâmica consiste o desenvolvimento do conhecimento que se dá na pluralidade.

A natureza do vínculo social, então, pode ser questionada de como se dá a sustentação da solidariedade social. Sem a solidariedade, as pessoas meramente sobreviveriam, porque ainda há uma segurança ontológica em que se apóiam, na homogeneidade, num agir norteado pela comunicação, no coletivo, porém, na contraposição da vida moderna, onde o eu sozinho é soberano, dá-se a perda do vínculo social. A relação subjetiva e intersubjetiva, em sua ontogênese fundante, tem primazia na comunicação, visto que os diversos atores se relacionam à medida que se comunicam e, então, pode-se considerar a tríade dialética das Representações Sociais, na arquitetura que compreende o Sujeito- Objeto - Sujeito. Na representação triangular

é acrescentada a temporalidade – passado e futuro, que indica o projeto implícito ou desejado dos sujeitos em relação.

4.1 As Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais surge na França, em 1961, através da obra de Moscovici, que publica *La Psychanalyse, son image, son public*. Essa obra contém a matriz da teoria - causando impacto nos meios intelectuais pela novidade da proposta. Entretanto, durante um período, a perspectiva moscoviciano permaneceu no Laboratório de Psicologia Social da École de Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, e nos laboratórios de colegas como Claude Flament, Jean Claude Abric, no sul da França, e com alguns autores europeus.

Porém, a teoria das Representações Sociais é retomada no início da década de 1980, desta vez, com contribuições importantes, contrariando o paradigma dominante na época na Psicologia Social. Também passou a contar com contribuições de novos e outros olhares da ciência do conhecimento. Moscovici (1978) foi responsável por despertar o interesse de outros psicólogos e estudiosos das Ciências Sociais e Humanas por esta temática. Ainda, Moscovici acrescenta: “é um pensamento que estimula e incita ao diálogo. Foi uma nova abordagem de atacar os problemas da sociologia no terreno de uma atualidade próxima e viva, por vezes candente...” (MOSCOVICI, 1978, p. 11).

Desta maneira, são os atores sociais que propõem à ciência novos conceitos a incorporar na análise da realidade, como o de gênero, ou levando-a a repensar categorias para poder levá-los em consideração, como é o caso da noção de novos movimentos sociais. Para Moscovici (1978), mais importante do que saber quem é o sujeito que produz as representações sociais, é saber por que elas são produzidas, a que funções correspondem e que condutas e orientações são resultantes destas representações. Segundo Sá (1996)

O conceito de Representações Sociais designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcional socialmente marcado. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. As Representações Sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Enquanto tais, elas representam características específicas no plano da

organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica. (SÁ, 1996, p. 32).

Partindo da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes e de forma que são móveis, pode-se inferir que a consensual e a científica, cada uma gera seu próprio universo. A diferença não significa a instauração hierárquica e nem isolamento entre elas: apenas propósitos diversos.

Então, na comunicação, a conversação informal da vida cotidiana constitui-se no universo consensual, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico - com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana.

Assim, pois, a Teoria das Representações Sociais encaminha-se para a operacionalização de um conceito que atua com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Considerando esta dinâmica e interpretando Jodelet, a partir de vários autores que a citam em seus estudos, dentre eles Sá (1996) e Spink (1998), a autora refere-se às representações sociais como sendo elas criadas para que possamos nos relacionar com o mundo, pois ligam um sujeito a um objeto, estabelecendo uma relação que resulta em construção cognitiva através da qual o sujeito age sobre o mundo e sobre os outros. Tratando-se de um saber prático, podem ser apreendidos, através da linguagem, comportamentos ou outros materiais que registram o imaginário e o simbólico. (SÁ, 1996; SPINK, 1998). Para Moscovici (1978)

[...] a representação social se mostra como um conjunto de proposições, reações e avaliações que dizem respeito a determinados pontos, emitidas aqui e ali, no decurso de uma pesquisa de opinião ou de uma conversação pelo coro coletivo de que cada um faz parte, queira ou não (...) Mas essas proposições, reações ou avaliações estão organizadas de maneira muito diversa segundo as classes, as culturas ou os grupos e constituem tantos universos de opiniões quantas classes, culturas ou grupos existentes. (MOSCOVICI, 1978, p. 67).

Portanto, as representações sociais constituem-se em uma forma de pensamento social que abrange informações, experiências, conhecimentos e modelos que circulam na sociedade e que são recebidos e transmitidos pelas tradições, pela educação e pela comunicação social, tornando-as presentes em todas as áreas da vida humana. Não estão restritas aos acontecimentos culturais ou políticos. Tornam-se fenômenos

complexos à compreensão, pois envolvem uma multiplicidade de setores, de práticas sociais, de atividades e de objetos da vida humana.

As representações sociais indicam a existência de um pensamento social que resultou das experiências, das crenças e das trocas de informações ocorridas na vida cotidiana dos agentes. Podem ser traduzidas como construções mentais que surgem de uma necessidade e ajudam a orientar a conduta no dia-a-dia, sendo verdadeiras teorias do senso comum. (JODELET, 2001, p. 22).

A autora explica que essas teorias constituem meios através dos quais se partilha esse mundo com outros, servindo de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. São elas que permitem aos indivíduos “tornar o estranho familiar e o invisível perceptível” (FARR, 1994, p. 32) por meio de aproximações da realidade.

Outra leitura de Moscovici traz as representações sociais como “sistemas de valores, de noções e de práticas” que, ao mesmo tempo, “instauram uma ordem” através da qual os indivíduos se orientam e dominam o meio social e material e asseguram “a comunicação entre os membros de uma comunidade”, propondo-lhes um código para suas trocas e para nomear e classificar, de maneira unívoca, as partes do seu mundo, de sua história individual ou coletiva. Assim, são “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. (MOSCOVICI, 1978 apud NÓBREGA, 2003, p. 63). Jodelet as define como uma forma de conhecimento específico, pois “as representações sociais constituem modalidades de pensamentos práticos orientados para a comunicação, a compreensão e o domínio do meio social, material e ideal”. (JODELET, 2005, apud SILVA, 1998, p. 15) e, “as representações se constituem para tornar o estranho - o ausente em nós que nos impressiona - familiar”. (MOSCOVICI, 1978, p. 63).

A partir de dados específicos sobre o estudo acerca das representações sociais, pode-se dizer que essas devem ser articuladas a elementos afetivos, mentais e sociais, integrando, com a linguagem e a comunicação, as relações sociais que as afetam e a realidade material, social e das idéias sobre as quais elas vão intervir. As representações sociais de um objeto social passam por um processo de “formação”, entendido como encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais no cotidiano do

mundo contemporâneo. Esse processo ocorre de forma dinâmica, em que grupos e indivíduos participam, produzindo e construindo significados e, por conseguinte, sendo membros participantes da sociedade pensante. Isso faz de indivíduos e grupos elaboradores do pensamento social no qual são levados, constantemente a (re) avaliarem seus problemas e soluções. Essa formação tem por base dois processos interligados e profundamente articulados: a ancoragem e a objetivação. O primeiro é a fase simbólica da representação, quando se torna o estranho familiar, através dos esquemas de referência dos quais se dispõe. Silva (1998) explica que quando “um sujeito pensa um objeto, o seu universo mental não é, por definição, uma tábua rasa, pelo contrário, é por referência as experiências e esquemas de pensamentos já estabelecidos que o objeto em questão vai ser pensado”, o que, segundo o mesmo autor, permite novas experiências. (SILVA, 1998, p. 18).

A objetivação vem a ser a fase figurativa, é quando se materializa o abstrato, construindo um novo conceito a partir dos registros individuais ou das experiências de cada sujeito. Tanto num processo como no outro, o que se evidencia é que a formação das representações sociais é operacionalizada dinamicamente com as informações do conhecimento já estabelecidas. A exterioridade dessas, portanto, passa por refinamentos de significação e sua configuração estética mostra que algo não pode ser percebido sem que a atenção esteja disciplinada e intencionalmente voltada para a estruturação do ato ou comportamento como sendo um ato da consciência e, como tal, constituído de intencionalidade.

Segundo Jovchelovitch (2008), a natureza do senso comum e a sabedoria estão presentes no cotidiano desse senso comum. Um dos ancestrais teóricos das representações sociais, Émile Durkheim, diz que o indivíduo ativo está contido no grupo, e a representação coletiva, por sua vez, traduz a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que os afetam. (DURKHEIM, 1987). Max Weber vê o indivíduo como portador de valores e de cultura, sendo esta também um conceito de valor. “A realidade empírica é cultura para nós porque é na medida em que a relacionamos com a ideia de valor”. (WEBER, 1993, p. 127). Ela abrange somente aqueles componentes da realidade que, através desta relação, tornam-se significativos para nós. Diante desse pressuposto, as representações sociais são os juízos de valores

que os indivíduos possuem, sendo que a vida social se constitui e é carregada de significação cultural. Por último, Jovchelovitch (2008) se reporta às representações como sendo “tanto uma teoria, quanto um conceito, como os saberes que se produzem e se transformam, que são desenvolvidos em diferentes contextos, sejam eles científicos, populares, no cotidiano, na racionalidade, no meio das multidões, é preciso somente ver o que elas expressam”. (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 44).

4.2 Articulando Comunidades, Cotidiano e Representações Sociais.

Traduzir comunidades, cotidiano e Representações Sociais como elementos intrínsecos no presente estudo, nos reporta a Bauman (2003), que apresenta o conceito de comunidade como sendo ela dotada de sensações, sugerindo coisas boas e “um lugar confortável e aconchegante” onde “estamos seguros”, “não há perigos ocultos”, “todos nos entendemos bem”, “nunca somos estranhos entre nós” e “podemos contar com a boa vontade dos outros”. E, “o que esta palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta”. (BAUMAN, 2003, p. 7-8).

Contudo, Jovchelovitch (2008) nos coloca que hoje a “antiga e conhecida segurança oferecida pela experiência comunitária foi profundamente abalada pela perda de parâmetros tradicionais de referência comunitária e pelo ganho de liberdade para explorar novas possibilidades de viver”. (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 130). Os desejos de liberdade, emancipação e autonomia, tanto de parte do grupo comunitário, quanto dos indivíduos, vincula-se às mudanças ocorridas na tecnologia, aos meios de comunicação, que influenciaram a “produção de conhecimento”, segundo a mesma autora. Burbules (2004) nos aponta que no cotidiano o estar junto não está isento de tensões entre semelhantes e diferentes,

O ideal de comunidade (...) expressa um desejo de fusão entre os sujeitos, o que, na prática, funciona de maneira a excluir aqueles com quem o grupo não se identifica. O ideal de comunidade nega e reprime a diferença social, o fato de que a sociedade organizada não pode ser compreendida como uma unidade em que todos os participantes compartilham de uma experiência comum e de valores comuns. (BURBULES, 2004, p. 210).

Ainda sobre o olhar de Jovchelovitch (2008), ela considera que uma comunidade se constrói tanto a partir de dentro, como a partir de fora de suas fronteiras e que é construída por aqueles que identificam a si mesmos como membros de uma comunidade. Esses “produzem atividades simbólicas e os recursos materiais necessários para manter, reproduzir e renovar a vida comunitária por meio da percepção e da significação de fronteiras, processos constitutivos de identidades culturais” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 135), por onde permeiam as representações com seus semelhantes expressas na segurança, ou seja, a garantia da vida, provavelmente desde o primeiro momento em que os indivíduos encontraram abrigo na vida social sob o princípio comunitário. Na constituição dessas, os poderes estão representados e identificados de modo atemporal, instituídos nos espaços locais, regionais, nacionais e mundiais que convivem sob o mesmo teto representacional.

Diante desses eventos, Veronese (2004) discute, a partir de Sousa Santos, a constituição de poderes instalados nas comunidades capitalistas, apresentando seis modos básicos de poder, em um mapa de estrutura-ação das sociedades capitalistas ocidentais que integram o sistema mundo globalizado. “Estes espaços possuem uma relação direta com sociedades que sofreram grandes mudanças estruturais, sobretudo nas questões sociais, políticas e econômicas, e têm grandes diferenças na periferia, semiperiferia e centro do sistema-mundo” (SANTOS, B., 1999 apud VERONESE, 2004, p. 125).

Nesse caso, podemos abordar o Vale dos Vinhedos como sendo periférico, uma vez que não se encontrava, enquanto território, em uma área que pudesse ser considerada a melhor desenvolvida de Bento Gonçalves até a década de 90. Como exemplo, o espaço doméstico destacou-se do espaço da produção com o advento da crise do setor vinícola, ocasionando a inovação do setor. Essas distinções tornam-se fruto de processos históricos.

Quadro 1 - Mapa de estrutura-ação do sistema mundo globalizado

Dimensões/ Espaços estruturais	UNIDA- DE DE PRÁTI- CA SOCIAL	INSTITUIÇÕES	DINÂMICA DE DESENVOLVI- MENTO	FORMA DE PODER	FORMA DE DIREITO	FORMA EPISTEMOLÓGICA
ESPAÇO DOMÉSTICO	Diferen- ça sexual e geracion- al	Casamento, família e parentesco	Maximização da afetividade	Patriarcado	Direito doméstico	Familismo, cultura familiar
ESPAÇO DA PRODUÇÃO	Classe e natureza capitalis- ta	Fábrica e empresa	Maximização do lucro e maximização da degradação da natureza	Exploração e “natureza capitalista”	Direito da produção	Produtivismo, tecnologismo, formação profissional e cultura empresarial
ESPAÇO DO MERCADO	Cliente- consu- midor	Mercado	Maximização da utilidade e mercadorização das necessidades	Fetichismo das mercado- rias	Direito de troca	Consumismo e cultura de massa
ESPAÇO DA COMUNIDADE	Etnicida- de, raça, nação, povo e religião	Comunidade, vizinhança, região, organizações de base, Igrejas	Maximização da identidade	Diferencia- ção desigual	Direito da comunida- de	Conhecimento local, cultura da comunidade e tradição
ESPAÇO DA CIDADANIA	Cidadania	Estado	Maximização da lealdade	Dominação	Direito territorial	Nacionalismo educacional e cultural, cultura cívica
ESPAÇO MUNDIAL	Estado Nação	Sistema interestatal, organismos e associações internacionais, tratados internacionais.	Maximização da eficácia	Troca desigual	Direito sistêmico	Ciência, progresso universalístico, cultura global

Fonte: Veronese, 2004, p. 126.

A autora justifica a importância da análise desses espaços tempo como sendo “(...) a caracterização dos espaços estruturais como matriz das múltiplas dimensões de desigualdade e de opressão nas sociedades capitalistas contemporâneas e no sistema mundial como um todo e, conseqüentemente, como matriz das lutas emancipatórias mais relevantes.” (SANTOS, B., 1999 apud VERONESE, 2004, p. 126), que se manifestam no cotidiano, onde a dimensão do lugar deve ser considerada enquanto “do habitado”, “do praticado”, “do vivido”, “do usado”, como defendem Certeau (1994, 1996), Lefebvre (1991) e outros. Segundo esses autores, os estudos com o cotidiano acontecem em meio às situações do dia-a-dia, por entre fragmentos das vidas vividas nas comunidades, onde os espaços tempos se operam nas suas diversas instâncias. Ali, mostram-se por meio de indícios efêmeros, pistas do que está, de fato, sendo *feitopensadofalado* pelos sujeitos cotidianos. Segundo Ferraço (2007), os estudos com

o cotidiano, ao acontecerem em meio ao que está sendo feito, isto é, em meio aos processos de *tessitura* e *contaminação* das redes, expressam o “entremeado” das relações dessas redes nos diferentes *espaços tempos vividos*. (FERRAÇO, 2007, p. 82). Destaca também a dimensão aos fatos que se deveria prestar atenção, tais como

a singularidade dos objetos, singularidades dos grupos ou das pertinências, recomposição de lugares, singularidades de toda ordem, que constituem o contraponto paradoxal dos processos de relacionamento, de aceleração e de(des) localização, reduzidas e resumidas, às vezes, por expressões como homogeneização - ou mundialização - da cultura nas comunidades. (FERRAÇO, 2007, p. 87)

Nesse caso, pode-se assumir como pertencentes a diferentes redes que expressam o entremeado desses *saberes fazeres* cotidianos, associados aos diferentes *espaços tempos* vividos pelos sujeitos. Não se trata aqui de reduzir a dimensão das singularidades dos acontecimentos e dos sujeitos cotidianos em detrimento da complexidade requerida pelas questões afins. O sujeito, desde a perspectiva das ciências da complexidade, é uma “unidade heterogênea”, organização emergente da interação de suborganizações, entre as quais se destacam a cognição, a emoção e a ação, que são as formas de interação do sujeito com o mundo. “O sujeito não é um ser, uma substância, uma estrutura ou uma coisa, senão um devir nas interações”. (FERRAÇO, 2007, p. 88).

O sujeito em seu cotidiano, nessa perspectiva, se constrói e é construído no intercâmbio em um meio social humano que, por sua vez, está em interação constante com outros contextos. É através dos vínculos sociais de afeto, de linguagem e de comportamentos que o sujeito vai se auto-organizando e contribui com a organização de sua comunidade. Nos fragmentos dessa organização, na tessitura desse cotidiano com os outros, dão-se as representações sociais que consistem na cognição própria do lugar. No capítulo de análise, o mapa dos espaços tempos supra proposto é retomado enquanto discussão das dimensões pelo estudo, integrando as situações do cotidiano da sociedade em estudo.

5 ANÁLISE DE DADOS

5.1 O Sentido de Ser Vale dos Vinhedos

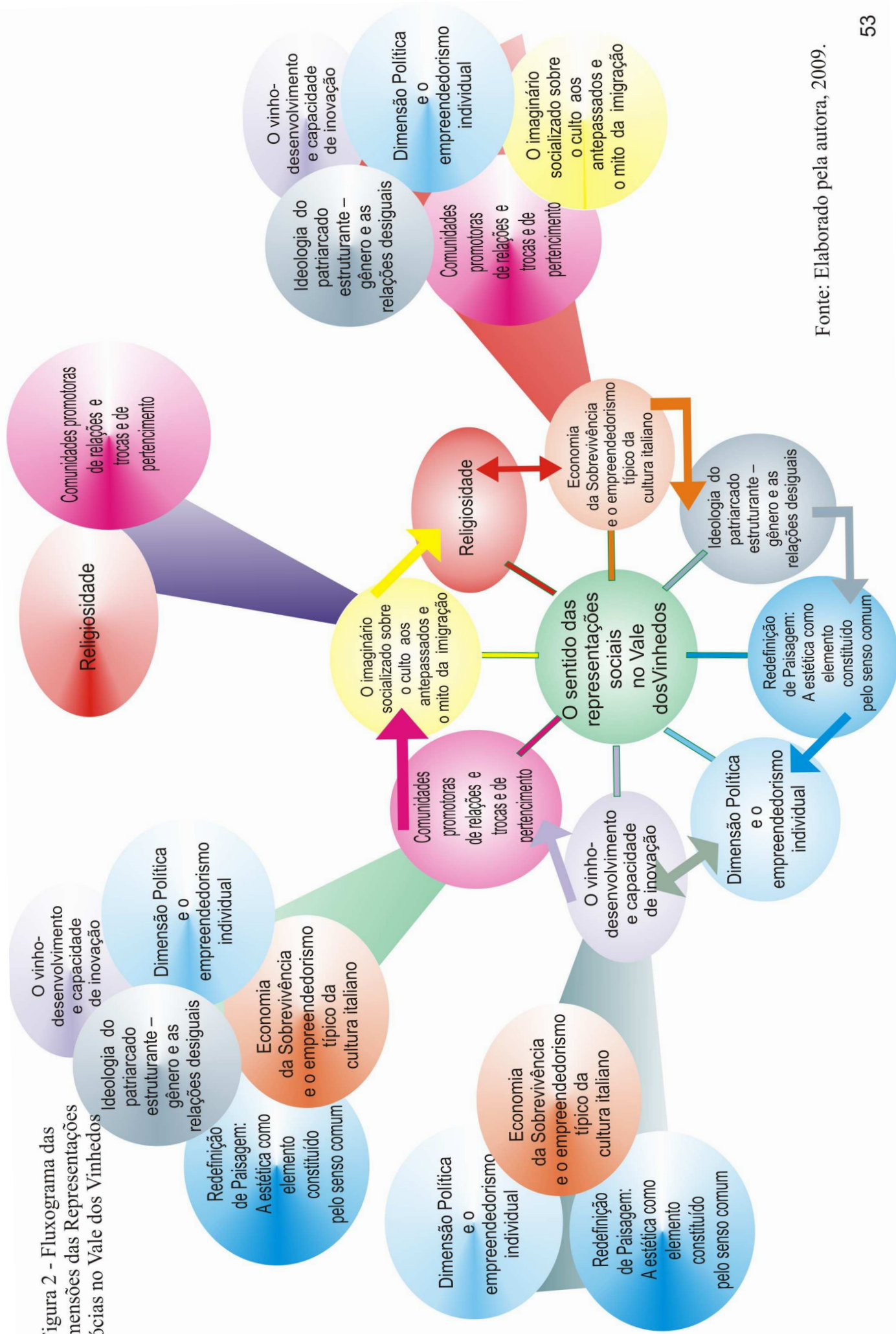
O presente capítulo resulta da análise de dados, através da pesquisa realizada no Vale dos Vinhedos, que se constitui de três comunidades independentes politicamente, porém com uma intrínseca relação nos seus aspectos geográficos, ambientais, sociais, religiosos e econômicos. Ressalta-se que a dimensão econômica dá-se na medida em que os agentes se propõem a uma coligação produtiva, de caráter de ocupação, uso e exploração de áreas agrícolas, comerciais e de serviços, esse último, com o desdobramento às dimensões simbólicas pela qual o encontro com o outro (o turista), no âmbito dessa alteridade, é traduzido e interpretado.

Considera-se que as representações sociais, nesse capítulo, serão tratadas enquanto dimensões sociais, por se constituírem enquanto entidades concretas da realidade em si mesma, expressas através de um conjunto de saberes e práticas que se conformam no espaço vital e simbólico, no qual, segundo Guareschi (2007) "... nos movemos, pulsamos, falamos e somos levados a agir, veremos que é impossível pensar, falar e mesmo agir sem que detrás, como pressuposto, haja algo que tem a ver com a cultura, as crenças, os valores". (GUARESCHI, 2007, p. 34). As relações aqui analisadas são as que se constituem na vida comum dos indivíduos, que resultam de seus intercâmbios cotidianos, ou seja, o mundo da vida e tudo o que dá sentido ao Vale dos Vinhedos.

Enquanto mundo da vida, aqui introduzido, nos referimos a concepção habermasiana, que propõe em seus estudos o mundo da vida, em particular, expressa numa cultura política democrática pluralista e que deve ser compreendida de maneira correlata à normatividade e validade da autonomia pública, de forma a superar crises paradigmáticas da democracia, especialmente a crise de legitimação que caracteriza o estado moderno, sem incorrer em uma crítica à ideologia ou diferentes versões de relativismo, ceticismo e historicismo. Na construção intersubjetiva do mundo social, que consiste na formulação de uma identidade coletiva, na própria auto-compreensão de cultura em suas dimensões estética, moral e política, dá-se o mundo da vida,

contemplado no presente estudo. O desenho (figura a seguir) dessas e demais dimensões, está representado através dos eixos que as atravessam para chegarmos ao núcleo das representações sociais no Vale dos Vinhedos.

Figura 2 - Fluxograma das Dimensões das Representações Sociais no Vale dos Vinhedos



Fonte: Elaborado pela autora, 2009.

Na análise, descreve-se a ordem do esquema gráfico das representações, que permite estabelecer o conjunto dos saberes híbridos e construídos coletivamente, descritas através de oito dimensões que o estudo propõe e, por último, estabelece, através do sentido, os eixos principais que sustentam as representações sociais no universo estudado.

5.1.1 O imaginário socializado: o culto aos antepassados e o mito da imigração

“O Assentamento que deu certo”.
(MENEGOTTO, Entrevista 24, 2008, p. 1).²⁴

No Vale dos Vinhedos, o papel das crenças, mitos e rituais dão sustentação à ordem social, que são compartilhados como uma matriz social do pensamento e do saber local. Pode-se compreender que a natureza dos vínculos sociais nessa comunidade é a cultura, em uma forma de identificação solidária. É como se a sociedade tivesse uma mesma matriz (mãe) Itália, que mesmo diante do desenvolvimento do saber, que se traduz no conhecimento da ancestralidade, de não ter sido generosa em expulsá-los, o sentimento é a admiração e imitação, ligado através do diálogo e da compreensão, quase submissa em relação ao contexto temporal, seguindo uma lógica das sociedades que ainda se sentem inferiorizadas diante da pátria ancestral.

Nos depoimentos dos entrevistados, percebe-se o orgulho da descendência italiana. O mito da imigração, enquanto saga, sofrimento, luta e conquista através do esforço, do trabalho e da religiosidade. A “diferença” que ocorreu no espaço justifica-se pelo ser, em ter a descendência europeia de etnia italiana, resalta-se, italiana, pois somente há uma referência às demais minorias étnicas. Os elementos históricos, com detalhes que justificam o sentimento de pertencimento, incorporam-se ao discurso. Referem-se à etnia italiana como a empreendedora que desencadeou as grandes mudanças na região e no país.

²⁴ Moacir Menegotto é empreendedor do Roteiro Vale das Antas. Proprietário do Alambique Casa Bucco.

Podemos destacar algumas palavras ou frases que estão presentes no discurso de senso comum a partir de Sabido (2008), Nando (2008), Menegotto (2009) e Calli (2008), respectivamente

[...] os italianos que vieram da Itália ávidos por terra.
[...] mas os italianos que nos visitam hoje, se impressionam por termos criado uma Itália moderna, num país subdesenvolvido, como era o Brasil até eles desembarcarem nos portos brasileiros (SABIDO, Entrevista 3, 2008, p.1).

[...] surgirmos como uma Itália colonial no Brasil
[...] dentre os aspectos positivos da imigração italiana, são a sua capacidade empreendedora (NANDO, Entrevista 2, 2008, p. 2).

[...] imigrantes que aqui vieram da região do Vêneto, do norte, hoje Tirol, Trentino veio em procura da terra, porque eram escravos dos senhorios na Itália [...] (MENEGOTTO, Entrevista 24, 2009, p.1).

[...] os pais pararam de falar o italiano em casa, as coisas foram se perdendo mais, mas eu faço questão de ensinar o dialeto Vêneto para meus filhos, eu estudei o italiano gramatical, a gente durante um período só falava português, mas eu acho que nós precisamos dessa cultura do passado, precisamos manter isso das nossas origens. (CALLI, Entrevista 11, 2008, p.3).

Os entrevistados enfatizam os elementos históricos, como se fosse a luz do presente, o cotidiano, o sofrimento que resultou na prosperidade atual e o reatamento cultural.²⁵ Nas palavras de Alecrim (2008)

A região Uva e Vinho foi colonizada pelo projeto de D. Pedro II, para a ocupação de terras devolutas. Os italianos vieram da Itália ávidos por terra. Aqui deu-se realmente a primeira reforma agrária do Brasil, porque aqui foram feitos pequenos lotes de 24 ha, vendidos, bem entendidos, comprados pelos imigrantes [...].(ALECRIM, Entrevista 7, 2008, p.1).

Nos dizeres de Sabido (2008)

Então lá (Itália) existia a chamada pelagra e vieram em busca de terra e vieram enganados, parecia que aqui tinha carne que faltava para os pobres na Itália, mas o que encontraram foi a terra a ser desbravada. Assim, dependiam das aves silvestres e dos peixes que existiam em nossos córregos, maiores do que hoje, mas se lançaram à luta porque tinham que sobreviver [...] (SABIDO, Entrevista 3, 2008, p. 2)

Nas considerações de Rocco (2008)

[...] os turistas continuam vindo na esperança de encontrar os imigrantes de 1875, de ver esses mesmos italianos, que não encontram mais, isso se tornou quase folclórico. Mas se impressionam por termos criado uma Itália moderna hoje, num país subdesenvolvido. (ROCCO, Entrevista 4, 2008, p. 4).

²⁵ Reatamento cultural, no sentido de voltar, de manter o vínculo, de pertencer. A Itália também é sua, apesar das diferenças e da distância, culturalmente busca-se essa aproximação.

Nas falas de Nando (2008)

Esse paradoxo de surgirmos como uma Itália colonial no Brasil, de certa forma, especialmente para o centro do país, como destino turístico e hoje somos uma Itália moderna, passamos de uma Itália colonial, passamos de colônia para a metrópole e somos uma ilha de desenvolvimento social e de qualidade de vida. (NANDO, Entrevista 2, 2008, p.5).

Na representação do campo cultural, pode-se observar, conforme explica Hall (1992), que a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade, ou seja, a identidade precisa desses elementos, nunca está separada. “A identidade é algo formado ao longo do tempo através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre essa unidade”. (HALL, 1992, p. 38). A italianidade da Serra Gaúcha é algo que não pode ser comparado com a Itália, mas reproduz simbolicamente a imigração italiana, pois surge no local, no Rio Grande do Sul, através de novos eventos históricos e adapta-se conforme o espaço que foi ocupado, criando sua identidade local e única.

Percebe-se, no Vale dos Vinhedos, que a representação social da identidade étnica está ligada, em muitos momentos, a interesses corporativos, como promotora de igualdade, porém há a contradição no uso dessa etnicidade, pois apresenta-se e é acionada em momentos de relevância para a instrumentalização política, cultural e empreendedora da etnia e usada como um meio para adquirir ou justificar privilégios. Dessa maneira, a identidade étnica é objeto de representação, sendo utilizada para atingir determinados objetivos de grupos de interesses, como exemplo pode-se citar a disputa de verbas públicas para eventos e infraestrutura, abarcando a justificativa como predomínio da etnia e da cultura italiana no território a ser contemplado.

Pode-se, também, segundo Ferro (2008), interpretar nas falas dos entrevistados uma espécie de re - ligação, representada por um vínculo de permanência e pertencimento, através da “restauração²⁶ cultural ao invés de resgate cultural”. Entendemos, nessa situação, que restauro contempla a dimensão da

²⁶ Restauro no sentido de restabelecer a relação depois de algum tempo, como se não houvesse a dinâmica cultural. Expressos nos dialetos, não mais falados na Itália, porém presentes aqui. Os italianos dizem que aqui encontram a “velha Itália”. Na Itália, muitos dialetos deixaram de existir pela opção da língua cultural unificada. Em agosto de 2009, o Talian, é tombado pelo IPHAN como patrimônio imaterial no Estado do Rio Grande do Sul, reconhecendo a forma que de expressão dos dialetos italianos

representação de um espaço temporal que, enquanto resgate, traz para o presente o passado, como se a cultura fosse estática. (RIBEIRO, 2004, p.64). A italianidade que se quer representar no Vale dos Vinhedos nem sempre é a vivenciada no momento.

Observa-se que a dupla identidade, ser simultaneamente italiano e brasileiro, é um sinal de reatamento. O elo rompido com a Itália, o velho mundo deixado para trás, é reatado a todo o momento. As formas para reafirmar a identidade italiana aproximam o descendente de seu país de origem, no plano simbólico. Assim, falar o dialeto, estudar italiano cultural, fazer a dupla cidadania, são atos concretos desse reatamento, corrida empreendida há anos, como uma forma de restabelecer o elo perdido. Há nas falas a presença do orgulho dessa descendência, uma autovalorização da etnia a que pertence, atribuindo-lhe características que a diferenciam de outras etnias minoritárias no universo estudado. Há apenas uma referência aos alemães, poloneses e portugueses que auxiliaram a região a se transformar numa “Europa brasileira”, – são exemplos de temáticas que fazem parte do processo de desenvolvimento da comunidade.

Em certa medida, os pressupostos automáticos das representações, que estão imersos na linguagem e na cultura que o indivíduo usa na sua vida cotidiana, são componentes do imaginário do evento da imigração. Os relatos são expressões de sofrimento, da pobreza, das grandes necessidades físicas e psicológicas, do domínio sobre a natureza bruta e impávida, da saudade da terra natal (nostra Itália), da nostalgia contada em versos e cantada em músicas, do trabalho “quanto lavoro!”, diria o *Nono*²⁷, quase em um lamento, numa tarde de domingo aos turistas, em um dialeto apurado. Para quem relata é o alimento que o nutre (justifica), enquanto para quem ouve são relatos carregados de valor simbólico, como um reservatório das tradições (re-tradições) implicitamente conhecidas.

O historiador Hobsbawn (1984) já demonstrou o processo da chamada “invenção da tradição”, trazendo exemplos da segunda metade do século XIX e início do seguinte. Mostrou que inúmeras tradições, especialmente as de natureza ritual e festiva, não são seculares ou milenares como se quer fazer crer, e sim resultam de re - criações como forma de valorizar o passado e não raro, como forma de reforçar o poder dominante, significando na prática da representação social e obedecendo a três (3) modelos: aquele

²⁷ Nono - avô na língua italiana.

que estabelece ou simboliza a coesão social ou pertence a grupos reais ou fictícios; o que estabelece ou legitima instituições, status ou relações de autoridade e ainda o que socializa, inculca crenças, sistemas de valores e convenções comportamentais. (HOBSBAWN, 1984). Torna-se pertinente dizer que são situações identificadas na reprodução do cotidiano no Vale dos Vinhedos.

5.1.2 A Religiosidade

Em se tratando da religiosidade, esse é o espaço de promoção de igualdade no coletivo, suas práticas, em alguma medida, conduzem à ética protestante e aos ritos e mitos que se constituem no credo católico e em torno da Procissão da Sexta-Feira da Paixão, onde encontramos uma modalidade da representação social na esfera pública tradicional. Na intersubjetividade das Representações Sociais, enquanto religiosidade, o eu faz parte do todo. O índice de competitividade percebido é baixo e prevalece o pensamento da coletividade, o Padre legitima o conhecimento e busca-se o consenso numa forma de coerção social; ali se identificam, sentem-se seguros e acolhidos e há um sentimento de bem estar social que é percebido pelo “conforto emocional”, pela descontração e falta de censura. Seria semelhante ao que Durkheim chama de solidariedade mecânica e, diante dessa representação, os vínculos são permanentes, quase hereditários e há construção dessa identidade, que os liga às mais diversas comunidades, inclusive aos antepassados que construíram esse espaço de respeito às práticas religiosas, esportivas e de convivência. Nos depoimentos dos informantes, podemos identificar essas características

A prática da religiosidade mantém o vínculo com a comunidade, é muito importante, especialmente nas festas dos padroeiros, onde todo mundo colabora, ajuda e, precisamos, sim, de espiritualidade. (ELI, Entrevista 18, 2008, p. 2)

A quantidade de comunidades, que não se distanciam além de alguns quilômetros, nos confirma Sabido

Então esse espírito comunitário se consolidou e formou as pequenas comunidades que nós temos no Vale dos Vinhedos, distante a cada 4 ou 5 km umas das outras. As comunidades surgiram dessa época. Daí temos as Capelas das Almas, 8, 15, 40, 100²⁸ da Graciema, Busa, Ceará. Primeiro surge a capela, depois o cemitério, o salão comunitário e também algumas outras iniciativas em conjunto. (SABIDO, Entrevista 3, 2008, p. 5).

Na sua concepção, a capela geralmente era construída pelas famílias de maiores posses, às vezes pela ruptura ou dissidência de grupos, o que hoje na representação é ainda chamado de “brigas, intrigas da paróquia ou capelas”. Rapidamente, as famílias dissidentes formavam uma nova capela. Por outro lado, dadas às dificuldades de locomoção, esses convenciam outras pessoas a incorporar a nova comunidade. A capela era um local de grupos afins, de encontro, de trocas sócio-afetivas e de conhecimentos.

As questões históricas da religiosidade local apontam para uma hierarquia que consistia no proprietário, dono do lote que sedia o espaço e contribuía financeiramente para a construção da capela, tornava-se o fabriqueiro e o líder (Presidente) dessa comunidade. Ali estão presentes as relações econômicas, pois agregado à igreja está o espaço da comercialização, que existe em todas as capelas do Vale, em forma de “Sociedade Recreativa”, seguindo-se o nome da capela para designar o local. Ocorre geralmente através de uma locação, vinculada à diretoria, que paga aluguel e percentuais, dos quais a entidade retira parte da manutenção da própria capela e do seu entorno, que são bens patrimoniais ampliados pelas quadras de futebol e de outras atividades desportivas.

As capelas sempre foram “capelas” e, como tais, tratadas durante longo tempo. Surgiram das pequenas reuniões e colaboração da vizinhança; sem auxílio de mitra ou bispado, foi construída com recursos próprios como espaço de socialização e demonstração de fé. Durante os primeiros cinquenta anos, a capela era somente o local de encontro de orações, coordenado pelos fabriqueiros, e hoje também pelos Ministros, que não necessariamente compõem a Diretoria. O Padre estava presente, uma vez por mês, para officiar a missa. Os demais sacramentos, como os casamentos, batizados,

²⁸ As comunidades são registradas pelo número do lote de terras em que está situada a capela. A capela também é a referência geográfica, além de religiosa.

crismas, estão centralizados na Paróquia. Em meados dos anos 1960, a Mitra²⁹ incorpora o patrimônio das capelas e repassa para um poder centralizador. Isso, em parte, fragiliza as lideranças, cuja carência está representada e fortemente vinculada hoje à Igreja Matriz. É como se tirassem do meio, o ser nosso, nos antigos modos de vivenciar e dar o melhor de si para essa capela, como é o caso da capela das Neves, cujo lendário conta que o vinho, a sobra da safra de anos anteriores, tem seu destino para compor a argamassa com a qual a capela foi construída.³⁰

As festas de Igreja veneram os Santos e Santas e ocorrem somente uma vez ao ano, daí se complementa a sobrevivência dos templos, com calendários definidos nas reuniões com a Paróquia. Os ministros são os representantes leigos dos padres e a eles, hoje, são atribuídas as funções inerentes a esses, menos a confissão e a consagração. Percebe-se o incentivo para que cada vez mais os leigos assumam as questões da espiritualidade, que são motivados pelos Padres para serem essa representação. Esses não são vitalícios, há uma renovação de pessoas que desempenham a função durante um determinado período.

Outras situações interessantes permitem esse convívio - os espaços criados no entorno da capela - para o lazer e os jogos de azar que ali são permitidos, como carteados, bochas, boliches. As mulheres, em épocas em que ocorria a construção e renovação das capelas (aquisição de mais algum bem comum religioso, ampliação, reformas e eventos), serviam café, organizavam alimentos diversos, enquanto os homens entretiam-se com os jogos. Desses centros de expressões religiosas, se originaram as áreas de cemitério (hoje se discute a ampliação desses, ou a constituição de jazigos por famílias para redução do espaço físico), dos consórcios de água, da eletrificação rural e de outras necessidades das comunidades, para discussão das propostas públicas, sejam do orçamento participativo, reunião com Sindicatos Rurais, Emater, Atuaserra, realização de cursos, festas de confraternização, casamentos, recepções, bailes e jantares para angariar fundos para promoção de eventos, como do corrente ano, para cobrir os custos da Procissão da Sexta - Feira da Paixão do Vale dos

²⁹ Mitra Diocesana – organização das paróquias católicas, que possui a sede do Bispado em zoneamentos regionais e para os quais migram todos os documentos, arquivos e os bens patrimoniais.

³⁰ As informações, em parte, foram decorrentes das falas dos informantes nos grupos Focais que atuaram na Sexta-Feira da Paixão, quando a temática abordado foi a comunidade e religiosidade no Vale dos Vinhedos.

Vinhedos. Há sempre um fundo de reserva, encontrado em todas as Capelas, que serve para uso em casos de muita necessidade, sendo quase uma fonte de economia obrigatória, aqui transferida do individual para o coletivo, como uma economia conjunta.

Nesse sentido, Groppo (2006) e Veronese (2004) argumentam que a solidariedade mecânica gera uma vida social “comum”, onde os valores religiosos integram toda a vida e os indivíduos que aderem às práticas e crenças comuns. No entanto, as sociedades sob solidariedade orgânica lembram um organismo complexo, cujos órgãos coordenam-se e subordinam-se reciprocamente, em que cada órgão é diferenciado dos demais e possui função específica. (GROPPO, 2006; VERONESE, 2004).

Constata-se, então, que a solidariedade mecânica, no espaço tempo doméstico (religiosidade) e no espaço tempo da comunidade, dá significado através dos valores potencializados diante de questões de vulnerabilidade social, conforme depõe o entrevistado

Uma coisa ainda muito presente é o espírito de famílias, temos no nosso interior uma reserva fantástica. Temos praticamente uma comunidade religiosa, uma população que se encontra dessa maneira organizada, afastada dos perigos das drogas, que realmente é definido pela convivência na família e, ainda, encontrada nos dias de hoje em nosso meio. (CALLI, Entrevista 11, 2008, p. 6).

A leitura de quem olha a comunidade sob a ótica das trocas econômicas e de vida comunitária, menciona “alguns têm, mas alguns não têm”, está representado na subjetividade que as trocas econômicas devem conter o espírito de lealdade, de respeito

Espírito comunitário existe, alguns têm, mas alguns não têm. Trabalhamos muitos dias aí na capela, mas hoje estamos mais longe porque ficamos sozinhos com a lavoura, mas ajudamos sempre que podemos. A minha mulher colabora com a Capela sempre, ela é uma das catequistas. (FAMÍLIA C., 2008, GF 3, p.3).

Também no Vale há a presença de outras religiões, dentre elas as neopentecostais, ou seja, além do credo Católico, numa perspectiva de alteridade, incorpora-se no cotidiano das práticas de novos rituais. Na discussão em Grupo Focal, na Família A, encontram-se duas vertentes religiosas bem definidas e com convívio harmônico

A sociedade vai bem e outras mal (ele fala da comunidade religiosa, da capela, do salão e dos esportes). Tem época que para tudo, o futebol, por exemplo, agora

o campo está alugado porque não temos mais time. Da comunidade católica não participamos, pois praticamos outro credo. (FAMILIA A, GF1, 2008, p.4).

Outra forma de hibridação é identificada como prática da religiosidade no Vale dos Vinhedos, pelo grupo constituído, em sua maioria, de trentinos, alguns e poucos vênnetos (esses últimos agregados pelos casamentos entre os diversos descendentes de regiões de origem) que comungavam alguns eventos da ética protestante. Justifica-se essa hibridação pela primeira edificação religiosa construída em Bento Gonçalves, no centro da Vila, que foi a Igreja Metodista.

Durante as vivências na comunidade, acompanhando a prática agrícola da poda das videiras, a discussão dos viticultores, em um dado momento, dá-se sobre a questão do trabalho que, apesar de sofrido, traz como compensação “a bênção em forma de riqueza material”, noção coerente com a meritocracia da ética protestante, também representando o conceito advindo da retenção do dinheiro, onde perpassa o conceito de que o italiano é sovina e de que gringo é pão duro”, e da crença de “Deus ajuda quem trabalha direitinho”, “Deus ajuda quem cedo madruga”. Assim vimos coexistir o sentimento da predestinação ao sucesso material, como sendo todos abençoados por uma graça divina. No contraponto, quem não possui bens oriundos de seu trabalho, não é considerado digno. É comum a expressão dialetal “poca voia”³¹, ao que possui poucos bens, ao que trabalha menos ou que incorpora um outro estilo de vida, considerado mais moderado, com menor ênfase ao retorno financeiro.

Boaventura Sousa Santos (2006) discute essa dimensão, que apresenta caráter excludente, como um dispositivo ideológico da gestão e da exclusão como sendo “o universalismo que assume duas formas aparentemente contraditórias, quais sejam o universalismo antidiferencialista, que opera pela negação das diferenças, e o universalismo diferencialista, que opera pela absolutização das diferenças”. (SANTOS, B., 2006, p. 283).

Sob a perspectiva psíquica, Guareschi e Veronese (2007) abordam a forma como se constitui a sociedade, chamam a atenção para “um ideal comum, uma alma partilhada, que seriam as representações, os valores, as crenças que trazem sentido aos participantes dessa comunidade”. (GUARESCHI; VERONESE, 2007, p. 35).

³¹ *Poca voia*, que na tradução literal, pode-se dizer de quem tem pouca vontade de trabalhar, sem se importar com questões de ter ou não vocação para agricultura, ou mesmo de inaptidão para o trabalho no campo.

No rito da Procissão da Sexta-Feira da Paixão, que ocorre há doze anos ininterruptos, por iniciativa de lideranças da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, há o compartilhamento desses sentidos. Não se percebe o poder e o interesse como motivadores da realização do evento, há sim uma soma de idéias, crenças e discussões sobre o que é aceitável e tornará o evento uma paixão comum às onze capelas, com a constituição de uma unidade que o torne melhor (mais bonito, melhor organizado) a cada ano. Na representação social, enquanto espaço - tempo doméstico -, a religiosidade é ou torna-se indispensável para manter a vida social e a organicidade no Vale dos Vinhedos.

Assim sendo, entende-se que a dimensão da religiosidade aponta para um estudo futuro da Sociologia da Religião, merecendo um aprofundamento e detalhamento de pesquisa, pois há a possibilidade de, através dela, ocorrer o restauro de valores, crenças e partilhas e por onde se justifica o sentido do “ser” Vale dos Vinhedos, entendendo-se que a religiosidade é um dos vínculos fortes e o mais perene em todas as comunidades, assim como a sua imbricação em outras dimensões, por apresentar - se em inúmeros momentos representacionais da vida cotidiana da comunidade.

5.1.3 Economia da Sobrevivência e o empreendedorismo típico da cultura italiana

A presente dimensão é inerente ao capitalismo contemporâneo, empreendida no espaço e resulta do trabalho e da profissionalização, dentre esses, altera o *status quo* de *agricultura* que se transformou em *viticultura e vinocultura*. O enoturismo, que requer a formação de redes de cooperação, resulta, também, em competição e na exclusão. No espaço da produção, este é o elemento que representa o simbólico que se explica, em parte, através da economia gerada em torno do vinho no Vale dos Vinhedos. A padronização é um dos critérios para obter a marca regional de vinhos com Indicação Geográfica, o que incorpora maximização do lucro, produtivismo, tecnologias de ponta, formação profissional e uma nova cultura empresarial. A relação de empatia do público

para com esse novo produto só pode ser atingida através de um tipo especial de trabalho, que torna nobre e moderna a elaboração dos vinhos. Na função simbólica, o trabalho dos antepassados, portanto, é uma das determinantes da forma de organização socioeconômica e cultural da comunidade, mas a modernidade resulta do trabalho contemporâneo, onde os mais idosos, em sua maioria, assistem passivamente a atuação dos filhos e netos.

Ocorre atualmente uma supervalorização da terra, que incorpora elementos não exclusivos da escassez, mas também do *status quo* de quem tem a possibilidade de viver no lugar. Isso obriga aos que pretendem expandir áreas de cultivo a comprarem terra em outras regiões do Estado e do País, aumentando, sob um aspecto geral, os custos para o produtor.

No entanto, o empreendedorismo individual, que pode ser superado pela cooperação mínima com o pequeno vitivinicultor, que nessa representação pode ser descrita como não necessariamente a terra, incorpora o valor ao negócio, pois há no entorno inúmeros pequenos fornecedores de uvas, nas propriedades locais, que se condicionaram a reconversão da forma de produção das uvas viníferas e hoje, por outro lado, encontram-se expostos à vulnerabilidade, onde sua propriedade está supervalorizada e não tem o reconhecimento das vinícolas, que expandiram suas áreas agrícolas para outros zoneamentos geográficos.

Diante de tal agravante e de ausência de solidariedade econômica, o pequeno colono/agricultor vive a inconstância e, sujeito às intempéries, se vê motivado a vender a área rural e viver de aplicações financeiras, confortavelmente, a viver a insatisfação de não poder ser grande, não ser empresário e ainda ser ignorado pelo sistema imposto. Na Representação da esfera pública, tal situação merece cuidados e projetos específicos, pois trata-se de um modelo que gerou a desigualdade e alterou as relações entre produtores, fornecedores e comerciantes. Não se buscou, em tempo hábil, desenvolver uma política de desenvolvimento equitativo, ou próximo da autossustentação do próprio lugar, que deixa suas características rurais serem tomadas por eventos urbanos.

A contextualização histórica contemporânea, retratada como momento atual ou de contextos recentes, especialmente para os que conceberam um Vale de 1998 para o futuro, vinculava-se a uma maior visibilidade e ao conceito da expansão territorial em

“comunhão”, com os viticultores e com os territórios vizinhos. Nessa dimensão, difícil foi diminuir as informações, por todas serem diálogos longos e sem possibilidade de interrupção, por carregarem em si sentidos mais amplos. Ade, nos relata

Eu acompanho o Vale dos Vinhedos, a nossa região aqui, desde o início. Eu nem tinha vinícola, estava pensando em processar a uva da nossa propriedade, porque a gente produzia a uva e vendia para terceiros, então eu estava pensando em trabalhar para a família, pois trabalhava para outras vinícolas como enólogo. E quando eu vi alguma coisa no Vale, em vinícolas, IP, me interessei em participar do grupo, éramos cinco pessoas, mas eles me olharam e disseram: mas tu pertences a Garibaldi e nossa região vai fazer parte de Bento, mas pelo pouco conhecimento que eu tenho em todas as áreas uma IP e de DOC, não é municipal sim é uma região mesmo, aí começamos. [...]
[...] O que a gente queria no início, divulgar o Vale, a região, divulgar os empreendimentos que a gente estava começando, vendo a região e sentindo a região, para quem nasceu aqui, no meio dos vinhedos, da uva, sentindo o *terroir* nosso aqui se tem condições de se fazer um belo trabalho de DOC, mas falando com o pessoal da Embrapa, eles nos orientaram para a IG, depois subir o degrau para o DOC, que não era conhecido, nos informamos, fomos para a Europa, ver e conhecer. (ADE, Entrevista 16, 2008, p.4).

Outras famílias contam sua história através de seus antepassados e, hoje, a nova geração assume a tarefa interrompida pelos seus antepassados

A família do meu pai sempre trabalhou com uvas e vinho e não tinha vinícola. Meu avô, vinificava. (...) Somos Sete irmãos e nós temos só doze (12) ha (hectares) de terra, e até a gente era pequeno o pai conseguia nos sustentar com as uvas que ele vendia, só que fomos crescendo e precisávamos de alguma coisa a mais, não havia possibilidade de comprar terras, mas como a gente já produzia e produzia o mais difícil que era a uva, só que gente entregava a uva e os outros beneficiavam e ganhavam o lucro (...) assim eu fui fazer Enologia, me formei em 88 e em 89, meu pai começou a construir a vinícola e começamos a produzir vinhos. (Família A, GF 1, 2008, p.5).

A fala da família do informante Beto transcreve, com certa amargura, a definição do quadro atual do agricultor/viticultor, que possuía relação constante com uma empresa vinícola e que hoje, pela autossuficiência adquirida com produção fora do Vale, deixa o agricultor instável

Viver só da parreira não está fácil, as despesas são muitas e o valor da uva está caindo muito, muito baixo. Hoje em dia, precisamos vender viníferas a preço de uva comum. O que mata o colono é isso. Temos que contratar toda a mão de obra, pois sou sozinho, como homem da casa. Hoje precisamos plantar muita uva, em princípio a empresa vinícola nos incentivou, arrancamos fora toda a uva comum e plantamos as viníferas que eles pediram e depois vem com uma carta e dizem que não precisam mais da nossa uva, a carta está aí³². (...) Alegaram que tem uvas suficientes. Não conseguimos outro comprador, eles deixavam a uva

³² Um documento (carta comercial) onde desvinculam toda e qualquer responsabilidade sobre o agricultor/viticultor e sua produção de uvas.

secar na planta, “tá loco”, o que fazem com a gente. A uva não dá para estocar, 40, 50 mil quilos, é tirar ou deixar apodrecer. Aí levamos para não perder tudo, para fazer suco. Aí pedem no máximo a produção de dez, doze kg por hectare, essa parceira ficou muito complicada, a gente fez tudo que mandaram e agora nos dispensam desse jeito. (FAMÍLIA E, GF 5, 2008, p.3).

Outra informante, a Eli, se reporta à ausência do Estado na questão da pequena propriedade, lembrando que, no Vale, talvez seja o local onde se encontra um modelo do menor minifúndio do Estado, quando não do país, as famílias vivem de dois, três ou no máximo cinco hectares. Ela aponta para a situação em que se encontram os pais hoje, o ninho fica vazio muito antes do tempo, não é mais ao casar que o filho sai da colônia, ele sai pela ausência de opção econômica e de trabalho, os lotes estão demasiadamente pequenos e não é mais possível dividi-los sem comprometer a renda totalizante da família.

A gente gostaria que o governo olhasse para os agricultores, a situação do jeito que está indo. O pessoal quer que a gente segure os jovens na colônia, mas é muito difícil, as meninas vão trabalhar na cidade, eles têm que trabalhar fora, o guri, o que nós vamos exigir dele? Ficar na colônia? Também não tem porque não tem renda, não temos como mantê-lo aqui. (ELI, Entrevista 18, 2008, p. 2).

Zano (2008), da Aprovale, sugere em seu discurso a instalação de outra instância que pode vir a contemplar a minoria, que por ironia continua a maioria, ainda há muito mais agricultores, são em torno de 500 famílias no contraponto de 30 empresas do setor, como uma possibilidade

Na verdade deveria ter sido criada outra associação de moradores e de agricultores, que estão aí, que fazem parte do processo e dessa história. Vale fazer uma ressalva do que é a Aprovale, o que representa, qual a sua responsabilidade, como ela é constituída e, essa outra entidade é social, que ficou à margem desse processo de crescimento, talvez falte esse desenvolvimento aqui dentro, por falta de uma articulação maior da sociedade, das pessoas, dos agricultores, das comunidades, das famílias que moram aqui. (ZANO, Entrevista 15, 2008, p. 4).

A diferença, no entanto, não se estabelece apenas entre agricultores/viticultores e vinícolas, mas também entre as vinícolas de médio e grande porte para com as pequenas vinícolas. O Informante Gigio, dono de uma vinícola pequena nos diz que

Os pequenos aqui no Vale, dá para destacar: nós pequenos aqui, a gente deveria ter a sorte da Aprobelo e ter essa alavanca que vocês³³ fizeram com eles, eu até gostaria de estar no meio de uma outra associação. A gente é sócio da Aprovale, não quero falar nada contra, mas têm empresas pequenas

³³ Vocês - que o autor se refere - significa a “Atuaserra” que auxiliou na Criação da Aprobelo, através de conceitos participativos e discutidos com toda a comunidade de Monte Belo do Sul

e grandes, as empresas grandes estão evoluindo sozinhas, e as empresas pequenas estão aí batendo pino, e a Aprovale não está fazendo absolutamente nada por nós. (GIGIO, Entrevista 9, 2008, p.2).

Citando Veronese (2004), na constituição dos modos de produção local, “a *diferenciação desigual* é a forma de poder privilegiada no espaço da comunidade. Está ligada a formas simbólicas identitárias, midiáticas, culturais, que criam diferenciações baseadas em critérios mais ou menos deterministas, mas de qualquer forma sempre arbitrários. Quem é “inferior” e quem é “superior”? Quem é “igual” e quem é “diferente”? Aqueles que detêm o poder de definir tais concepções, normalmente estigmatizam os que não têm”. (VERONESE, 2004, p.130). Os pequenos foram se constituindo como falam os “grandes”, à sombra desses, imaginando que as oportunidades poderiam ser igualitárias, atingindo os mesmos patamares e mercados de produtos sob a ótica de produtos aqui denominados de boutique, onde o “*fetichismo da mercadoria* é a forma de poder central no espaço do mercado, que vai muito além da exploração pela complexidade das formas simbólicas, culturais, que o agenciam.” (VERONESE, 2004, p.130).

Não há consumidores em nosso país com perfil ao alcance dos pequenos, em número e cultura de consumo para esses produtos. Seria necessário um contingente superior de visitantes ao atual e investimentos em mercados além da região sul. Além disso, a pesquisa identificou que o pequeno vinicultor não tem poder de barganha e nem capital suficiente para investimentos dessa monta e ainda não desenvolveu a confiança mútua de ir ao mercado de maneira coletiva, sentidos esses, representados no senso comum dos atores locais.

No contraponto, há modelos em construção no território, segundo o informante Rocco, com alguns ajustes, os eventos de participação estão ampliados e que, mesmo se constituindo de uma maneira mais lenta, a gestão é mais coesa, mais democrática e equitativa

Na Aprovale mesmo sendo um exemplo pequeno, as ações conjuntas estão no começo, engatinhando e já se nota o que fizemos em conjunto, esquecendo que o vizinho é concorrente e sim, que ele é parceiro, mesmo tendo o momento individual, há momentos que é preciso ser parceiro. E ele tem nisso um resultado muito mais rápido e melhor. Isso deve valer para as ações microrregionais, falo dos nossos três municípios envolvidos aqui, no Vale dos Vinhedos e também da governança regional. (ROCCO, Entrevista 4, 2008, p. 4).

A competição dá-se também no microespaço, onde temos a competição dentro das famílias empreendedoras e no contexto ampliado, representando o quanto o empreendedorismo individual se faz presente no cotidiano das comunidades

[...] Nas famílias que montaram suas empresas eu vejo uma competição, às vezes, maior do que solidariedade. Justamente nas questões entre pequenos e grandes empresários, pequenos produtores, modelos de produção, estilos de produção, estilos de vinho e estilo de gestão de empresa. (CANHETO, Entrevista 1, 2008, p.6).

Assim, a vulnerabilidade da solidariedade doméstica (familiar) é gerada em virtude das questões financeiras, o que muitas vezes interrompe o diálogo e rompe com os vínculos familiares

[...] Ainda há solidariedade entre as famílias, mas eu vejo que quando se tem um negócio e não se mantém o acordo e o diálogo, a coisa não funciona. A família se desagrega por causa do negócio que ela própria gerou. (ADE, Entrevista 16, 2008, p. 4).

Schumacher³⁴ contextualiza o crescimento desordenado e a ausência de uma representação pública que abarque a discussão sobre a viabilidade futura, onde a cópia do sucesso do outro se transformou numa prática do empreendedorismo individual

Então tem tudo para se fazer. Tem um trabalho enorme, trabalhos comunitários. Quando a gente fundou a Aprovale, fizemos reuniões com as comunidades. Na minha comunidade só tinha velho na reunião e que não viam a hora de mandar os filhos para a cidade. Hoje eu vejo alguns filhos voltarem para a colônia, querem botar cantina. Então eu vejo um potencial enorme, se não for corrigido o rumo da relação com os produtores, teremos problemas. A terra tem um belo valor hoje, não posso me queixar da valorização da terra (...) vejo outro problema, o Vale começou com seis vinícolas, produzindo 600 mil litros de vinhos, hoje são quase quarenta e produzem mais de 10 milhões de litros, o que é a metade do consumo do vinho nacional brasileiro. (...) são mais três restaurantes previstos, é um restaurante atrás do outro, uma cantina atrás da outra, um copia e imita o outro, não tem criatividade e falta uma orientação, mais comunitária do que da Aprovale, ela é uma entidade das vinícolas e não da comunidade. (SHUMACHER, Entrevista 14, 2008, p. 8).

Outro morador que produz somente vinho para o consumo e, para aqueles que vêm em busca ainda do vinho colonial, nos diz que

O Vale tem que ser definido pelo Conselho Regulador e serem rigorosos, mas eu não concordo com certas coisas que acontecem atualmente: Ah! Pode botar

³⁴ Werner Schumacker - Sócio Fundador da Aprovale, viticultor, produz vinhos em pequeníssima quantidade e é morador do Vale.

20% de uvas fora da Região? Eu não concordo com isso. O Vale dos Vinhedos é uma marca forte, não podemos admitir uvas de outras regiões, mesmo sendo porções pequenas, pois se é assim, ou se não se é sério, porque daí a pouco estão colocando 30 ou 40%, nos vinhos. E aí como fica a IG? E as famílias que fizeram a conversão das uvas para atender o mercado estimulado internamente? (CACCO, Entrevista 6, 2008, p. 3).

Para o público, está a preocupação com um modelo amplamente difundido, porém com carências de coerência de ação na representação coletiva. A importância de existência de uma sintonia entre o setor público e privado tenta minimizar os impactos e garantir o desenvolvimento das rotas enoturísticas, nos informa Tonini (2007). Isto resulta do respeito a três fatores em especial: ao produto vitivinícola, mantendo sua qualidade e conseqüentemente a imagem local; ao ambiente de produção, a partir da transmissão das tradições e do conhecimento quanto à produção de vinhos; e, por fim, ao território, possuindo conotação histórica, cultural e paisagística particulares. (TONINI, 2007)

Agora absorvidos pela crise, também não percebem que as alternativas devem ser buscadas através do coletivo, em comunidade e em conjunto. Se a Aprovale é um exemplo de cooperação para todo o país, eu me pergunto o que será dos outros? Nós estamos muito mal, o que a gente vê no dia a dia do Vale dos Vinhedos, ele vai meio à contramão dessa imagem, nem sei como se criou, o que gerou essa imagem. (PETY, Entrevista 12, 2008, p.9).

Para as vinícolas menores, está à discussão sobre como buscar alternativas para algo que foi suscitado e incentivado e hoje não está sendo cumprido

Para a IP, o agricultor foi incentivado a fazer uma reconversão da uva de mesa e comum para viníferas e, depois se fez um trabalho inicial e se abandonou. Então eu vejo a comunidade do Vale meio carente e desgostosa com a Aprovale. Pediram para fazer a reconversão e, hoje, essas empresas estão produzindo uvas fora do Vale, na região da campanha, encruzilhada, Vale do Rio São Francisco, Lajeadozinho, São Valentin, Vila Flores... não adianta esconder isso para o agricultor, ele sabe que isso está acontecendo. Acho que de repente a teoria não condiz com a prática. (ADE, Entrevista 16, 2008, p. 5).

Percebe-se que o Conselho Regulador instituído necessita de um controle, do qual depende, inclusive, a sanidade financeira da Aprovale, pois uma parte da arrecadação para investimentos científicos depende do selo, cujo controle numérico é da Entidade. Aí se encontra, mais uma vez, representada a questão econômica, a dificuldade em participar com aporte financeiro das ações coletivas. O segmento dos serviços é um dos setores que está, cada vez mais, presente no Vale, porém há dificuldade em ser dimensionado financeiramente. A aquisição de bens materiais e

concretos é facilmente paga, no entanto, dimensionar as questões imateriais e outras formas de agregação de conhecimento e valor, como a prestação de serviços, no Vale, geralmente é concebida como sendo, obrigatoriamente, gratuita. Na representação social é ainda concebida como algo que não necessita ser remunerado.

5.1.4 A Ideologia do patriarcado estruturante - gênero e as relações desiguais

Boaventura Sousa Santos discute a desigualdade e a exclusão como sendo dois sistemas de pertença que se encontram hierarquizados. No sistema de desigualdade a pertença dá-se pela “integração subordinada enquanto que no sistema de exclusão a pertença dá-se pela exclusão, em se tratando de comunidades ativas, num deslocamento da desigualdade oriunda da pobreza”. (SANTOS, B., 2006, p, 280).

No que se refere às questões do gênero, o mesmo autor acentua que “o princípio da exclusão assenta-se na distinção entre o espaço público e o espaço privado e no princípio da integração dá-se integração desigual, que consiste no papel da mulher, onde se reproduz a força do trabalho no seio da família, reporta-se à sexização da força do trabalho”. (SANTOS, B., 2006, p. 281). Dessa maneira, no universo estudado, a força do trabalho vinculada a terra e aos empreendimentos suscitados no espaço, instaura a desigualdade sobre a exclusão da mulher, dentre outras, e essa disparidade se evidencia no senso comum.

O evento não se caracteriza como sendo recente, assim está presente como um dos sistemas familiares e constitui-se em uma prática cultural incorporada às representações sociais na relação de gênero, que perpassa a quase totalidade das famílias no Vale dos Vinhedos, onde ainda permanece: as filhas, desde muito jovens, são destituídas legalmente da herança, especialmente da partilha futura da terra.

Ali, as relações de gênero estão intrincadas nas (em outras) relações sociais na contemporaneidade, mas também se articulam com outras formas de

dominação e promotoras das desigualdades sociais no Vale. No que tange à etnia italiana, não se relaciona diretamente com classe social, isto é, não importando se é filha de agricultores ou filha de empresários daquele espaço, como podemos perceber nos depoimentos das entrevistas abaixo

São poucos os exemplos em que a mulher tem o poder decisório no Vale dos Vinhedos. Para amostragem, as mulheres são relegadas ao plano financeiro, são elas que cuidam do caixa, é fantástico isso, antes de eu ter empreendimento, os proprietários criaram algo fantástico e a mulher continuava cuidando do caixa, mesmo que ele pudesse contratar três funcionários, de adquirir um sistema de controle, de última geração, mas a mulher continuava no caixa, ou na cozinha. (NANDO, Entrevista 2, 2008, p. 7).

A terra, a propriedade, o bem permanente é meritocracia masculina

As heranças, para os homens, a posse da terra. Sabes que minhas tias, minha mãe, todas abriram mão. A família da minha mãe tem oito irmãos, cinco são mulheres, sendo que três são homens, e esses três dividiram a colônia do Nono entre eles, em troca as mulheres ganharam um terreno para construir a casa na cidade, só que trocam a propriedade por um terreno, eles administravam, eles achavam que era correto, que eles deveriam ficar com a terra, porque eram os homens da casa que trabalhavam na terra e elas cuidavam da casa. Em famílias mais modernas também, falo do meu cunhado, mesmo com duas irmãs, ele ficou com a propriedade. (MENEGOTTO, Entrevista 24, 2008, p. 4).

A instauração da relação do patriarcado, ainda na representação do espaço doméstico atual, está presente no relato abaixo:

A questão natural, sob o ponto de vista da nossa origem (italiana), é que o pai dava as regras. Filhos com quarenta anos ainda recebem ordem do patriarca. Filhos ainda trabalham em casa, com absolutamente nada que inspirasse ou motivasse a iniciativa própria. Isso, num passado não muito longe, ainda é sentido claramente na nossa região. (ROCCO, Entrevista 4, 2008, p. 4).

A justificativa depõe sobre o tamanho da propriedade, onde os lotes não são suficientes para serem partilhados por todos os filhos, assim instaura-se uma hierarquização da força do trabalho, como sendo os homens possuidores do atributo

Existe uma fragmentação grande das propriedades e elas ficam com os homens. As mulheres ficam sem nada mesmo. Em algumas vinícolas familiares, as filhas não puderam fazer parte da decisão societária, por decisão dos filhos homens e dos pais. Mas parece que começa a mudar, a mulher passou a ter espaço. Hoje já vemos muitas enólogas, claro que elas têm que brigar muito mais pelo espaço do que os homens, e imagino que o padrão salarial seja menor do que o do homem, considerando que todos os cargos diretivos das empresas são masculinos. (CANHETO, Entrevista 1, 2008, p.9).

A desigualdade entre o capital e o trabalho, segundo Sousa Santos, no sistema mundo por ele discutido “cruzam-se assim os dois eixos: o eixo socioeconômico da desigualdade e o eixo cultural, civilizacional da exclusão/segregação social”. (SOUSA SANTOS, 2006, p.282). Dessa maneira, entende-se que nesse espaço a desigualdade foi sendo construída socialmente enquanto princípio da hierarquização social no Vale dos Vinhedos. Observa-se na fala da informante que

[...] todos os proprietários de vinícolas são homens, isso é fácil de ser percebido, só que as mulheres não tiveram a força de lutar pelos seus direitos, mesmo sendo na mesma família, e elas são excluídas do processo. Hoje nós vemos algumas enólogas, já trabalhando e, obviamente, as atendentes estão lá. No entanto, as marcas também são masculinas, ainda não tivemos uma matriarca “Veuve Clicouq”, uma das poucas mulheres homenageadas no mundo do vinho francês. (Maria, Entrevista 5, 2008, p.8).

Ainda a representação permeia a cultura da imigração, como sendo a mulher a provedora de alimento e bem estar familiar

As famílias que vieram da Itália, o ponteiro sempre foi o marido, a mulher tinha que cuidar das crianças, porque as famílias tinham de doze a quinze filhos-um time de futebol-, então a mãe - mulher-, tinha que fazer tudo: pão, cozinhar, costurar e tinha que tomar conta da casa. (GIGIO, Entrevista 9, 2008, p. 3).

A perspectiva de análise de gênero no Vale dos Vinhedos permite entender as relações sociais entre homens e mulheres, o que pressupõe mudanças e permanências, desconstruções, reconstrução de elementos simbólicos, imagens, práticas, comportamentos, normas, valores nas representações sociais. Ali, a condição de gênero é legitimada socialmente e economicamente, se constitui em construções, imagens, referências de que as pessoas dispõem, de maneira particular, em suas relações concretas com o mundo.

Os homens e as mulheres elaboram combinações e arranjos de acordo com as necessidades concretas de suas vidas, isso no que se refere especialmente aos bens materiais e patrimoniais. Percebe-se as relações de gênero como sendo relações de poder e estas são marcadas por hierarquias, obediências e desigualdades. Também estão presentes os conflitos, tensões, negociações, alianças, através da manutenção dos

poderes masculinos, de maneira sutil e que está incorporada como uma habilidade na condução desse processo local, que se centra na análise do papel do patriarcado. Embora se acentuem marcas fortes do matriarcado enquanto figura de respeitabilidade, educação e religiosidade, valem tecer considerações sobre a comunidade local como elemento gerador da subordinação feminina. Não há vinícolas, vinhos ou espumantes que enalteçam a matriarca, a mulher. Tudo se reporta ao masculino, que tem como efeito um conceito local de gênero, ilustrando as diferenças reais entre homens e mulheres, ou seja, a de origem biológica e a cadeia de desigualdades socialmente construídas a partir das diferenças. Essa ideia da diferença permeia discursos hegemônicos na comunidade, estando presente em falas sobre as desigualdades de gênero, o que, nas Representações Sociais, significa o silêncio da maioria das mulheres. Nesse caso, a diferença faz par com identidade de subalterna, traduzindo que a fala apresenta de forma inversa a desigualdade, que aparece como diferença, inversão que está, muitas vezes, presente nas esferas dos valores, crenças, benefícios, direitos e privilégios, papel reconhecido e atribuído também como responsabilidade das mulheres no Vale, que se mantém na condição de submissão, como podemos observar, no depoimento da Diana, no Grupo Focal

Sei lá, mas eu acho que a mulher está muito em casa e pelo que eu vejo por aqui, há poucas que fazem o que eu faço, que acompanham o marido, que vão para a roça. Há mulheres que trabalham fora, mas a minha irmã, por exemplo, não sabe nem onde estão os parreirais. Para quem o marido vende a produção, se recebe o pagamento sobre o produto ou se não recebe. A esposa come a uva porque marido leva casa. Agora, para mim, se meu pai me pergunta, eu sei tudo, onde tem um cacho começando a amadurecer, eu sei de tudo e eu acho que tenho que saber. Aqui temos uma geração de mulheres muito acomodadas. (FAMILIA A. GF1, 2008, p. 2).

Na continuidade do depoimento, aparece a exceção, a mulher que não quer ser vista como vítima e sim uma agente que atua lado a lado com o marido e, ao lado dele, se constitui como mulher, como mãe e trabalhadora, que se pensa e se vê na condição de igual, identificando-se como mulher na parceria

Eu, por exemplo, nunca ninguém me viu doente e eu sei aonde meu marido vai, quando ele volta, com quem conversou, porque eu pergunto, se não perguntar,

como vou saber? Eu, se não vou junto, eu vou mais tarde e vou ver onde ele está, nem que não me enxergue, eu vou ver se está tudo bem. Por isso estou com ele e eu tenho que participar. Nas parreiras, posso não ser uma expert no assunto da viticultura, mas eu procuro saber. Parada, ninguém vai me notar, ninguém vai me reconhecer. A minha posição não é ficar na sombra, para isso somos um casal e eu ando do lado dele, de segunda a segunda. (FAMILIA B, GF1, 2008, p. 3).

Outras mulheres, como a Pety, depõem sob um olhar de posições favoráveis que elas vão atingindo no universo masculino do Vale e que, em sua maioria, constituem-se presentes nas empresas familiares, embora possa se fazer presente a falta de recursos humanos para uma atividade que exige atuação de segunda a segunda, nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano, porém é espaço tempo da produção, posto e que as mulheres, na atualidade, se apropriam profissionalmente, com conhecimento e formação

Nas empresas familiares, acho que as mulheres são bem posicionadas, trabalhando junto, na Casa Valduga, a Bethe foi uma pessoa chave para o desenvolvimento do negócio, na Miolo, a nova geração assumindo, a Morgana, junto no negócio, nas nossas pequenas, nós estamos aí todos juntos por questão de sobrevivência a mulher acaba trabalhando. Vejo as mulheres ainda como protagonistas, elas estão ali de forma quase igualitária. (PETY, Entrevista 12, 2008 p. 7).

E os homens, em parte, concebem como Nando, que as mulheres também reproduzem o patriarcado dominante

[...] essa posse ocorreu pelos irmãos depois que meu avô tinha falecido, porém minha avó tomava conta dos negócios, desde que ele faleceu, deixando os filhos de quatro a quatorze anos e, mesmo depois de adultos, mesmo a casa sendo matriarcal, elas, as mulheres abriram mão da herança, da propriedade para os três homens. Mesmo sendo maioria, mesmo tendo sido criadas pela avó. (NANDO, Entrevista 2, 2008, p. 5).

A situação representacional posta acima, no espaço tempo doméstico, no entanto, leva ao papel feminino do cuidado a ser substituído pelo homem: cabe aos homens e não às mulheres (filhas) o cuidado com os seus pais na velhice

Na maior parte das famílias, temos uma tradição onde quem cuida do pai e da mãe é o filho mais novo, do sexo masculino. A terra fica com esse filho, a mulher, quando casar, provavelmente terá uma herança, que vai ser a do marido, que ele vai herdar do seu pai e ela, por sua vez, herdar dele. (CALLI, Entrevista 11, 2008, p.7).

Pode-se, nesse caso, interpretar ao que Groppo (2006) refere-se aos princípios comunitários, onde a tradição dita o regramento e a velhice se incorpora numa prática representacional, explicita o autor que

A velhice é certo retorno, mesmo desejado, à comunidade (tradicionalmente, espera-se que seja a família que um dia formamos), de quem anseia acolhida e cuidado. A comunidade preenche, neste sentido, tanto alguns momentos do cotidiano, quanto algumas partes do curso da vida. (GROPPO, 2006, p. 9).

Entende-se, assim, que é parte integrante da vida familiar e o princípio comunitário aparece na forma de grupos primários, dos quais esperamos cuidado, relações afetivas mais regulares e socialização, caso representado pela primogenia masculina, cujo discurso usual na representação social produzida pelos homens é a síntese da combinação de dois traços, que é a concentração do poder e personalismo. Típico, inclusive, da constituição do Estado no Brasil. A figura paterna, a utilização da imagem paternal agrega valor, a simbologia de uma família unida fazendo alguma comemoração com um forte apelo, desperta a curiosidade de quem visita o lugar, bem como o estilo e o modo de vida desse lugar.

Na questão da posse da terra, muitas vezes essa não ocorre por iniciativa dos irmãos (filhos homens), mas é a figura do pai que vai encaminhando as negociações familiares, até o dia em que a filha, de tanto ouvir (há uma pressão sutil, porém intermitente), concede sua herança para que o fato se consuma legalmente. As mulheres chegam a afirmar em sua fala: “O que eu podia fazer? O que me restava fazer? Eu já não aguentava mais a pressão...”³⁵. E quando indaga - se uma mãe e um pai sobre a atitude tomada pela família, a resposta é simples: - “sempre foi assim e a mulher terá, como herança futura, as terras do seu marido”³⁶. Neste sentido, percebe-se uma indução, uma obrigatoriedade ao casamento das filhas e que o futuro marido esteja provido de bens, afirmando que a herança virá dele. Ela receberá as terras de seu marido, porém, no plano simbólico, percebe-se o não possuir ou não ter o direto à propriedade, pois mais uma vez, ela enquanto mulher passará a posse da terra

³⁵ O nome será apenas identificado pelas letras iniciais, conforme autorizado pela entrevistada, como sendo M.G.B. – Anotações no Diário de Campo (2008).

³⁶ A Família (pai e mãe) de A.L.S. – Anotações no Diário de Campo (2008)

novamente para os homens, dessa vez, aos homens que ela gerou e aos quais atribui, sem culpa, esse privilégio, como sendo um valor, uma crença, que é justificada através da tradição

Homens e Mulheres no Vale dos Vinhedos. Parece-me assim que elas tomam espaço e existem, embora a vitivinicultura seja essencialmente masculina. Ontem fizemos uma reunião, tínhamos lá dez instituições do setor, tínhamos lá duas mulheres presentes, mesmo que na proporção dois por oito, mas já temos em Bento Gonçalves, sendo dirigido por mulheres, o Sindicato Rural, a Escola de Enologia, o Sindicato do Vinho, a MOVERGS. Então começam a surgir mudanças nas instituições, me parece que vêm das empresas também. (ALECRIM, Entrevista 7, 2008, p. 5).

A percepção de que a presença feminina para o Vale auxilia para que relações se mantenham relativamente equilibradas

A participação da mulher é muito importante porque ela tem outra percepção, outro tato e o Vale ainda é muito machista, pela constituição familiar e patriarcal e ninguém pode negar isso. A mulher é fundamental nesse equilíbrio e nas relações, acho que precisamos dar mais ouvido às mulheres, em todos os aspectos falta a sensibilidade do entendimento da alma humana e da sabedoria, bem como da poesia e do amor, falta esse equilíbrio, então nos falta humildade de reconhecer as coisas da alma e da humanidade, que nos deixam nessa coisa racional, pragmática e cartesiana que todos nós, que todos os homens daqui pensam, exceto eu! (ZANO, Entrevista 15, 2008, p. 6).

E as mulheres, como se veem e se reconhecem nas tarefas domésticas, as quais foram destinadas desde muito cedo, a argumentação sobre o quanto as tarefas são complexas e cujo conhecimento pode auxiliar na administração de negócios

[...] Bethe interrompe o raciocínio do marido e diz, “mas isso é muita responsabilidade”, e diz: “nós somos capazes, pois a empresa mais complexa é administrar uma casa e que elas correspondem boa parte do sucesso financeiro da família, por ser econômica, por não desperdiçar, por não se importar que a casa de dez anos ainda não recebeu pintura (todos riram mais uma vez muito)”, porque são capazes de administrar as prioridades junto ao marido. (FAMILIA B., GF 2, 2008, p. 8).

O informante Calli, que participa do grupo focal familiar, volta a falar que há mulheres extremamente fortes e representativas nesse sentido, ali mesmo na comunidade, que há homens que não eram nada, no sentido de referência, identidade e sim conhecidos como “marido da fulana” e que, no entanto, as mulheres parecem não se sentirem confortáveis com a inversão de papéis, suprimindo com seu trabalho e sucesso

essa diferença para estabelecer uma relação representacional igualitária, conforme citação abaixo

[...] A Lisa, primeiro constituiu a empresa de massas e derivados que foi um sucesso, aí, ela abriu mão do sucesso dela para encaminhar a empresa do marido e dos filhos. Enfrentou imensas dificuldades, fez dívidas, mas a empresa já é, de longe, um sucesso com seus vinhos de boutique. Mas ela deu o nome masculino ao novo negócio, sendo que tinha mais sucesso quando mantinha os negócios mais femininos. (CALLI, Entrevista 11, 2008, p.8).

Beth fala da transformação positiva que a contribuição da mulher traz para uma nova postura diante da representação social frágil masculina no espaço público, na citação a seguir

Outra coisa, que todos contam, é sobre a quantidade de homens que eram uma “coisa” antes de casar, aí o cara desaparece (depois do casamento) e a gente pergunta dele e aí vem alguém e diz” nossa, o cara está bem, casou com uma menina ótima, agora é outra pessoa, melhorou 200%. Ela, a mulher do Vale, ainda não acordou para si, para o que ela é, para aquilo que ela pode e deve ter de direito. (FAMÍLIA D.,GF 4, 2008, p.5) .

Veronese (2004), reportando-se à emancipação feminina, traz exemplos que sugerem a discussão sobre a temática, dando como exemplo o espaço-tempo doméstico, cujo poder central tem sido a dominação da mulher

[...] mas está presente em outras constelações de poderes, e pode assumir a forma de opressão contra a mulher pelo isomorfismo mulher-natureza, pois simbolicamente o patriarcado assume que o homem é o centro da racionalidade, enquanto a mulher está mais sujeita aos “desmandos da natureza. (VERONESE, 2004, p. 126).

Assim, pois, as questões de gênero são um espaço representacional do cotidiano, além das questões de vulnerabilidade, as que condicionam a população feminina à predisposição da desigualdade e que merecem ser tomadas como prerrogativa na constituição da representação pública.

5.1.5 Redefinição da Paisagem: a estética como elemento que é constituído pelo senso comum

Bolson (2009) reporta-se à “paisagem desde a percepção do homem sobre a mesma” [...] essa não passou a existir após o nascimento do homem, ela já estava lá. Mas só quando o homem presta atenção na paisagem é que surge o seu conceito. A

paisagem é o que se vê. “O real, o vivido, o sentido diferentemente para cada ser humano”. (BOLSAN, 2009, p. 06). Estes elaboram seleções pessoais, julgamentos de valor de acordo com a análise individual da percepção.

Essa análise sofre influências sociais, culturais, ambientais e emocionais, conforme o tipo de uso da paisagem para cada pessoa. Para Gomes (2001), “a paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo que, por sua vez, é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente.” (GOMES, 2001 apud BOLSAN, 2009, p. 6). A paisagem aqui representada é a síntese de culturas naturais e artificiais e os aspectos que envolvem os olhares de outros – “aqueles que vêm de fora” - sobre o Vale, agregou um novo estímulo aos que vivem no lugar. O homem que está sempre presente na paisagem e ela passa a ter valor, não tão somente sob o estético, mas também sobre a valoração econômica. O Vale, na atual circunstância, tem os valores de terra iguais ou superiores aos da França, Alemanha e de outros países considerados desenvolvidos e com carência de solos agricultáveis. Ter terras no Vale aponta, então, não somente a questão de pertencimento e de continuidade dos vínculos, mas também atribui aos agentes o status de burguesia, além do Vinho. A terra, hoje, agrega outras formas de valor e de privilégios, destacando-se a beleza e a plasticidade da paisagem que contrasta entre o moderno e o antigo.

Os diálogos sobre o Vale, através dos informantes, corroboram tal posição adquirida

[...] é uma região privilegiada, tanto é que as parreiras, em suas baixadas e encostas, constitui uma paisagem muito bem caracterizada. [...] passando pelo Vale a paisagem é espetacular, tanto em Monte Belo do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, podemos dizer que nós a possuímos, é nossa com muita beleza e as uvas ali produzidas, uvas das mais diversas variedades, todas elas que foram plantadas, desde a vinda de nossos imigrantes italianos [...]. (CETTO, Entrevista 10, 2008, p.3).

A defesa do que lhes pertence enquanto herança futura, como sendo a paisagem a realidade “cultivada”, que passou a ser a aparência, impregnada da mediação histórica do território e o fenômeno da morfologia local, onde se combinam uso da terra, para o qual ela é destinada, e a relação de produção que modificou o *modus* de produção

A paisagem para nós é muito importante e muito bonita e tem que ser preservada para nossos filhos, para os netos e bisnetos, para aqueles que vão vir depois.

Quanto a terra, nós plantamos uvas e, aqui no Vale, a uva está um caos. Não se tem uma relação de garantia com as vinícolas. Elas têm a questão da origem de procedência, mas não se valoriza a produção do pequeno produtor. (ELL, Entrevista 18, 2008, p. 2).

Os de “fora” são os que, nas trocas simbólicas, educam o morador para um novo olhar sobre a sua terra e a paisagem enquanto patrimônio cultural imaterial. Então, a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto, em constante alteração, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em contínua evolução.

[...] embora que, durante muito tempo, eu não achasse isso, o turismo me fez ter esse olhar. As pessoas vêm para cá e falam como essa terra é bonita, e eu não valorizava tanto assim. A gente nota as pessoas falando, olhando para os plátanos, para os parreirais e elas ficam impressionadas e a gente volta a reeducar o nosso olhar sobre o Vale dos Vinhedos. (CALLI, Entrevista 11, 2008, p.2).

Flores (2007), por sua vez, afirma que as iniciativas de desenvolvimento territorial podem ser diferenciadas a partir de seus objetivos e estratégias

- a) Quando a estratégia é setorial, os objetivos econômicos conduzem a iniciativas de promoção do marketing do produto com valor territorial, onde a cultura é incorporada no produto e é levada para mercados distantes; e os objetivos sociais e ambientais direcionam iniciativas para enfrentar problemas específicos;
- b) Quando a estratégia é integrada (com uma perspectiva territorial), os objetivos econômicos levam à criação de um *marketing* territorial para o exterior, onde se busca atrair um fluxo de turistas ao lugar, em vez de fazer o produto viajar para pontos distantes; os objetivos sociais levam a (re) construção e promoção da identidade territorial na comunidade local, com o sentido de reforçar o sentido de comunidade, aumentar a confiança dos atores locais no valor econômico da cultura local e animar o desenvolvimento endógeno; os objetivos ambientais direcionam no sentido da promoção de um novo modelo de produção e consumo. (FLORES, 2007, p. 81).

Vincula-se a identidade do vinho com a paisagem e o território através do *terroir*, como uma percepção do mundo e representação mental, eco-simbólica, tornando-a parte da representação. A paisagem passou a ser a morada dessa “civilização de imigrantes”. Assim, uma nova matriz representacional foi concebida pela ação desses, como sendo o vinho a ressignificação da consciência de classe, organização, empreendedorismo local, desenvolvidos aqui, em um pequeno mapeamento analítico,

incompleto, de certo, mas passível de servir de guia a maiores e mais aprofundados conhecimentos sobre o referido espaço.

Flores (2007), em sua tese, decorre sobre o ecodesenvolvimento, apresentando uma “nova ética ecológica, que integra a busca da satisfação de necessidades básicas das populações, com a opção pela prudência ecológica nas decisões sobre alternativas de desenvolvimento e a promoção da autonomia em nível local”. (FLORES, 2007, p.47). Percebe-se esse valor, especialmente nos pequenos agricultores/viticultores como nos informam seus representantes

Os recursos naturais - gostamos e cuidamos e, se derrubamos uma árvore, repomos logo. É preciso pensar muito e ver se damos conta sem alterar muito a natureza. (FAMÍLIA C, GF 3, 2008, p.3).

Os ambientes antropizados passam a ser tratados como sendo naturais, perde-se a concepção da (sua) intervenção na construção da paisagem, muitas vezes com a sua participação dita como natural

Essa parte da natureza, essa beleza natural, essa integração que nós temos o vinhedo, o plátano, que precisa ser preservada, a mata nativa, a topografia, montanha, coisas assim, com certeza nós temos que preservar e valorizar mais. Nós que vivemos aqui, nem nos damos conta, mas o povo que vem de fora, diz que nós temos uma beleza sem igual. (ADE, Entrevista 16, 2008, p.2).

Yazigi (1998), em sua abordagem sobre o olhar do turista, nos diz que “A paisagem é indissociável da idéia de espaço, é constantemente refeita de acordo com os padrões locais de produção, da sociedade, da cultura, com os fatores geográficos e tem importante papel no direcionamento turístico. Não se trata de dizer que ela seja a única forma de atração, mas que pesa muito no contexto de outros fatores (meio de hospedagem, bons preços etc.). O turismo depende da visão.” (YAZIGI, 1998, p. 85).

E nesse re - fazer, a paisagem se transforma nas *rugosidades* que Santos (2008) discute, “são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem,” como nos concebe o informante a respeito da leitura e olhar sobre o seu espaço

A nossa região aqui é linda, você vê o cara que vem de Porto Alegre batendo fotos das araucárias, a gente que está aqui não dá valor para essas coisas. Eu acho que é muito bonito aqui. É lógico que há muita coisa ainda por fazer, temos que trabalhar trilhas ecológicas, meio ambiente. A região é muito bonita: geada, neve, montanha, vale, parreirais, vinhos e vinícolas, a mudança das cores das folhas embeleza muito o Vale, tornando a época muito mais bonita. Acho que ainda nem exploramos esse lado, a gente fala o que os outros estão dizendo: “Ah, o Vale dos Vinhedos é bonito”. (GIGIO, Entrevista 9, 2008, p.3).

O fato de admitir a necessidade de intervenção externa e a percepção dos limites, das dificuldades de agruparem-se, para a potencialização das percepções multidimensionais que agregam a representação, a singularidade de estar ali, que resulta de atividade “no plural”

[...] as entidades que nos auxiliaram a ver o Vale sob outro olhar. Assim deixamos de ser só viticultores e passamos a ser vitivinicultores. Nós não abandonamos a nossa atividade de agricultores, porém agregamos o enoturismo e mais a nossa paisagem. Diversificamos a propriedade e isso foi uma coisa boa porque a gente não mais precisou sair para buscar outros empregos na cidade. Nós nos sustentamos aqui na propriedade, toda a família, pai e mãe. Todos trabalham juntos e temos um bom rendimento. (CALLI, Entrevista 11, 2008, p.4).

Diante do olhar dos atores locais, é preciso que as políticas públicas contemplem a preservação do Vale dos Vinhedos, apontada como uma das grandes vulnerabilidades

A região é muito linda, tem parreirais e áreas verdes, importante é a preservação desse percentual, por isso há a necessidade de implantação do Plano Diretor Rural. Quanto à Uva e Vinho, a região começou com a uva e o vinho, hoje diversificou, ainda bem, mas continuou sendo uma coisa muito importante para o desenvolvimento do turismo e, quanto aos recursos naturais, a terra é excelente para a produção de uvas, principalmente para a produção dos espumantes. (CACCO, Entrevista 6, 2008, p. 3).

O empreendedorismo individual, apropriando-se de forma utilitarista, e a busca egoísta ameaçam a urbanização de um espaço que ainda é rural, perdendo as características. Nessa perspectiva, Gaiger (2009) nos traz uma reflexão quando nos diz

[...] o modelo paradigmático de *empreendedorismo de oportunidade* (aquele que traz maiores benefícios à sociedade) que encontra-se encerrado no interior da lógica de ação individual e em sua racionalidade instrumental conexa, tendo como *leitmotif* o ganho pessoal (sob forma de enriquecimento, prestígio, etc.). Não há questionamentos quanto à premissa utilitarista de que a busca "egoísta" de maior satisfação gera o maior bem-estar para a coletividade". (GAIGER, 2009, p. 2).

Diante desse olhar, o estilo de vida, na representação social atual, causa estranhamento e é conflitante, pois percepção do “comportamento utilitário individual, sem menção às posições sociais distintas, ignora a dimensão conflitiva, excludente e, via de regra, predatória da economia concorrencial capitalista, bem como o fato de estar estruturada em relações de poder e em processos de dominação.” (GAIGER, 2009, p. 3). No Vale, tal fato ocasiona um novo estilo de vida ao meio rural, onde natureza, que é

era um natural intocado, hoje, pela consequência do empreendedorismo individual, encontra-se alterada

[...] Na realidade é um espaço natural avançado e abastado, muitas pessoas tem ido morar no Vale, tem ocorrido uma migração, em busca de um estilo de vida, sem se dar conta que estão vivendo um modo de vida urbano no rural. Isso interfere nas relações de vizinhança, porque o vizinho olha o que esse cara está fazendo de diferente, que a casa é diferente, a cor é diferente, a arquitetura. (CANHETO, Entrevista 1, 2008, p.7).

A decisão de manter o Vale do futuro passa pelo conceito de comunidade, de “um lugar” onde se pode viver, ter segurança e conforto

O Vale dos Vinhedos vai se transformar num bairro, residencial de luxo, isso é o que mais me preocupa, a sustentabilidade desse território, se quem lá vive não tiver uma sustentação econômica, tudo passa por aí, não é por amor à terra que ele vai ficar. A gente sabe, os apelos consumistas e materiais são mais fortes para que alguém ficar na terra, só ficar por amor. Ele vai ficar na terra enquanto lhe der a segurança econômica de ter um meio de sobreviver, de ter conforto. (PETY, Entrevista 12, 2008, p.4).

A geração de um modelo que encontra sua identidade ameaçada

A uva é fundamental para essa terra, porque se você tem o vinho com identidade, esse vinho só vai ter identidade se nós imprimirmos nele a nossa personalidade. Aqui eu coloco muito a relação humana, que na formação da identidade é fundamental para o turismo, bem como os recursos naturais que são componentes dessa identidade e, enquanto paisagem, criamos um modelo próprio, único e exclusivo. (ZANO, Entrevista 15, 2008, p.4).

A herança e os vínculos para a defesa da terra e as alternativas de produção sustentável

A terra é uma herança que recebemos do nosso pai, e a gente a defende com unhas e dentes. E nós a defendemos porque é um bem que muitos gostariam de ter e não têm. Mesmo tendo morros e pedras, em grande parte, mas estão lá preservadas, não se mexe, porque é preciso preservar, e no resto se mexe até onde as forças podem alcançar. Então esse bem nem pensar em vender. Hoje até daria para ajeitar com máquinas, mas a gente não vai fazer isso. Preservando e mantendo bastante verde. O que não tem acesso, tem mato. Na parreira, estamos fazendo um consórcio com o azevén, e está dando muito certo (FAMÍLIA E, 2008, GF 5, p. 3).

Pires (1993) se refere à combinação de elementos visuais, que cria composições pelas quais é possível definir qualidades estéticas similares às que geralmente são usadas no mundo artístico, tais como unidade, intensidade e variedade. Descreve que tais qualidades poderão contribuir para a diferenciação das unidades da paisagem visualizada. “Um ou vários componentes da paisagem podem adquirir um grande peso

específico no conjunto da cena, sob condições especiais de singularidade associada à escassez, raridade, valor estético, interesse histórico ou quando dominam totalmente a cena.” (PIRES, 1993, p. 77). Esta análise encerra sob o olhar percebido pelo informante.

Estamos numa região privilegiada, assim como as quatro estações são bem definidas, os recursos naturais são fantásticos, a água, a infraestrutura muito boa, melhorou muito graças aos investimentos do setor privado que investiu muito, depois o público que asfaltou, tem o cenário, essa coisa toda, isso traz um orgulho imenso para quem vive aqui. (CALLI, Entrevista 11, 2008, p. 8).

5.1.6 A dimensão política e o empreendedorismo individual típico da cultura italiana

Considerando o espaço-tempo da cidadania, proposto por Veronese (2004), “temos a *dominação* como forma central de poder. Parte do Estado como núcleo central e, na configuração societal contemporânea, parte também das corporações que governam o mundo ou, pelo menos, impactam muito na sua governança”. (VERONESE 2004, p. 125). A autora discute essa dimensão na relação que é dada em torno das constelações de poder existentes nos diferentes espaços-tempo. Afirma que é a contradição que atravessa seus modos de produção, dentre elas a produção de poder que fixa fronteiras. “Assim, como os espaços-tempo não podem ser compreendidos dicotomicamente, as constelações de poder dão-se em redes não lineares, combinando elementos de poder cósmico³⁷ e poder caósmico.” (VERONESE, 2004, p, 125).

No desenvolvimento do Vale dos Vinhedos, um espaço comunitário e fortemente permeado pelo valor da comunidade, múltiplas parcerias e associações foram responsáveis pelas estratégias integradas, e essa complexidade não diz respeito somente à variável econômica, mas às naturezas extraeconômicas, criando relações dinâmicas entre o setor público e o privado, tornando-se um espaço misto, pois ao mesmo tempo em que se produz e se trabalha, muitas vezes de forma até semelhante, na produção e elaboração de vinhos, no caso da formação da rede de produção e produtores, é um espaço comunitário e, em alguns casos, também doméstico, pois os

³⁷ Segundo a autora, o poder cósmico é um poder central, de dominação e é exercido a partir de um centro e outro poder *caósmico* que, por sua vez, é descentralizado, múltiplo, em rede micro-política. (VERONESE, 2004, p. 128).

empreendimentos menores, em sua maioria familiares, que funcionam praticamente no pátio da casa, com a produção de uva oriunda da propriedade e cultivada pela família e, ainda, com a presença de instituições e entidades públicas no território. Aí temos modos de produção de poder com possíveis fragilidades conceituais que, eventualmente, possuam, dada a natureza complexa da análise de seu objeto. Tais modos de produção fornecem uma grade analítica interessante, que pode contribuir no entendimento desse espaço-tempo misto.

Há um poder posto no espaço que exige a cooperação mútua da atividade turística, que é eminentemente coletiva

Percebemos no turismo, quando alguém pergunta onde fica o outro, onde tem um produto que eu não tenho, como lojas de artesanato, coisas assim, que há uma cooperação entre os diversos estabelecimentos existentes no Vale, por mais que sejam concorrentes. Com isso, está começando a se formar um grupo que um indica o outro, não considera o outro seu concorrente, mas sim todo mundo no mesmo barco, para poder ter uma vida boa para a família. Esse é o objetivo. Mas, na família, ainda há muito individualismo que nós estamos tentando mudar, afinal, seguir sozinho não leva a nada. (CACCO, Entrevista 6, 2008, p.3).

Veronese (2004) concebe a desintegração da cidadania, nas sociedades atuais, como sendo um fenômeno típico da modernidade líquida

Se (...) a individualização anuncia problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos somente enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo o mais do discurso público. O público é colonizado pelo privado; o interesse público é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissão de sentimentos privados (quanto mais íntimos melhor). As questões públicas que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis. (BAUMAN, 2001 apud VERONESE, 2004, p. 32).

Do mesmo modo, as demandas que dependem da intimidade dos poderes e ganhos para as políticas públicas, favorecendo ambas as instâncias

A região é muito linda, por ter parreirais e áreas verdes. Muito importante é a preservação desse percentual, por isso há a necessidade de implantação do Plano Diretor Rural. (CACCO, Entrevista 6, 2008, p.3).

Sobre o planejamento integrado às ações locais, Flores (2007) propõe a formulação de políticas de apoio à elaboração de estratégias de desenvolvimento local, buscando a estruturação de uma globalização *contrahegemônica*. Sua proposta busca superar uma abordagem estritamente produtivista, sintonizada com a competição por mercados (aumento da competitividade dos produtos locais via

aumento da produtividade), numa perspectiva de valorização do pluralismo cultural e a experimentação com novos estilos de vida. Nesse sentido, o multiculturalismo, baseado em estratégias de desenvolvimento local, tendo como base a diversidade sociocultural. (FLORES, 2007, p. 57).

Aqui entram as questões políticas de discutir o futuro, a administração municipal, discutir com a sociedade o que se deve fazer, o que e como expandir, para poder planejar essas regiões, porque o crescimento está tão grande na cidade e na região, que daqui a pouco não poderemos mais ver certas vegetações. Temos que, o mais rápido possível, definir os critérios de desenvolvimento dessas regiões. (CACCO, 2008, entrevista 6, p.5).

Habermas (2006) reflete sobre o progresso quase autônomo da ciência e da técnica, em que o sistema capitalista se transformou numa variável independente, resultando no entendimento de que a evolução do sistema social é determinada pelo progresso científico e tecnológico, enfraquecendo o papel da política na regulação social. Nesse caso, de acordo com o autor, o Estado cumpre apenas um papel de redutor dos conflitos, através da gratificação compensatória das massas. Dessa forma, o vetor de modernização das sociedades, com base no progresso técnico, passou a condicionar o desenho das trajetórias de desenvolvimento em todo o planeta. (HABERMAS, 2006). E o Vale em dado momento, reclama pela participação.

Existem assim nas comunidades umas coisas que são impostas e sem discutir. Estamos num país democrático e a sociedade também deve ser. E a turma não deixa, vejo que a maneira mais certa é fazer as coisas democraticamente. (CALZA, Entrevista 25, 2008, p.6).

Para os municípios menores, é preciso atuar em conjunto e, percebe-se que há vontade de cooperarem, segundo o informante

Às vezes se pensava que o público pudesse vir a atrapalhar, mas se houver uma parceria, haverá sim uma vontade política para os objetivos que são comuns ao poder público e à comunidade local. Deve, sim, haver uma troca de ajuda mútua, para o bem - estar e a qualidade de vida e dos serviços oferecidos pela região. (ROCCO, Entrevista 4, 2008, p.5).

A superposição e sobreposição de poderes denotam também a individualidade e a falta de comunicabilidade entre os agentes, o que ocasiona prejuízos às práticas coletivas

Em região, poderíamos também pensar sobre o território, sobre a lógica do poder. Há disputa interna de poderes: poderes das grandes empresas, das pequenas empresas, da Aprovale, da Sub-Prefeitura, poder da comunidade local,

poder político. Essa disputa interna de poder também já é, digamos, das imperfeições que fazem parte do sistema existente na organização da comunidade e que vai se ajustando. (CANHETO, Entrevista 1, 2008, p.4).

A ausência de pactuação para tratar das micro - instâncias nas Políticas Públicas, que atingem diretamente três unidades territoriais

Não houve pacto entre os três municípios formadores do Vale dos Vinhedos e deveria ter sido feito, sim. Bento também fez o Plano Diretor Rural, muito importante. Penso que para esse Plano Diretor, deveríamos ter sentado juntos com Monte Belo do Sul, Garibaldi, Santa Tereza e Bento, especialmente em se tratando de turismo na Região e do produto do enoturismo. Não foram tratadas as políticas públicas desse espaço entrelaçado. Pensamos no grande aglomerado urbano em que nos encontramos, mas não pensamos nos micro, como temos microclimas, microssolos, microatividade. (ROCCO, Entrevista 4, 2008, p.5).

Durante os últimos anos a administração pública mostrou-se incapaz de ouvir os apelos da comunidade em momentos decisivos, em se tratando das questões de uso dos espaços. Isso está representado na fala da entrevista

Garibaldi já está fazendo a pavimentação asfáltica do Vale em direção à cidade, porque vai trazer o fluxo de lá. Então eu vejo que esses dois municípios precisam se apropriar e tirar um pouco do proveito do que existe em comum nos dois territórios. Mas não sei até que ponto estão querendo trabalhar, contribuir com um trabalho conjunto. Tanto é que, no momento em que foi definido aquele empreendimento imobiliário, o condomínio Alto das Videiras, no território de Garibaldi, em nenhum momento se dialogou com a Aprovale para discutir o projeto. A Aprovale pediu uma reunião com a Prefeitura de Garibaldi para discutir a questão de Plano Diretor e não foi ouvida. Então, até que ponto nós temos integração? (MARIA, Entrevista 5, 2008, p. 3).

Uma comunidade que se constitui à revelia do poder público e ignora a presença desse

A gente tem a impressão que o Vale dos Vinhedos não precisa do público. O pessoal lá tem uma imagem muito negativa do poder público. Claro que a minha experiência é muito recente. Eu vejo por mim mesma: agora veio uma verba para sinalização turística, eu não vou investir no Vale dos Vinhedos, tem a Visa que faz isso lá e ganha com isso. Então, eles não precisam de sinalização. Eles já têm um imaginário, já são vistos, criado pela mídia que já conduz, não importa para qual a empresa, pois são cento e vinte mil turistas circulando por ali. Pode ter plaquinha lá, patrocinado por, assim a gente dá mais atenção para os outros distritos. Eu acho que precisamos dar uma retomada para essa relação, não há necessidade constante da presença da Prefeitura. A necessidade do público é pouca: é cortar uma capoeirinha na beira da estrada, é uma brita, essas coisas, que é isso que as pessoas querem no interior. Não são grandes coisas, uma máquina para facilitar o acesso. E eu vejo que precisamos estreitar essa relação, como tem essa aura de riqueza de desenvolvimento acaba que o público acha que eles não precisam de nada. (PETY, Entrevista 12, 2008, p. 7).

E as diferenças históricas pontuam, ainda na atualidade, o distanciamento entre as comunidades

Eu não sei de onde veio isso, esse afastamento dos três municípios, porque o Vale não se promove só, precisamos dos Caminhos de Pedra, temos que promover o Enoturismo em todas as regiões, sem excluir. A Aprovale precisa participar desse grande projeto, que é de ter maior articulação da Aprovale e dos municípios. (ZANO, Entrevista 15, 2008, p.5).

Há a ausência de liderança nas organizações. Onde há liderança, ela traduz aquilo que ela faz, sem potencializar ou partilhar o seu desenvolvimento

Na verdade, uma liderança consegue desenvolver algo que se sobrepõe pelo novo, pela inovação, ou porque eu passo para vocês, ou pelo exemplo ou pela imitação. Acho que a inveja boa, digamos, é fundamental para uma região e essas lideranças estando mais próximas podem, sem dúvida nenhuma, contribuir para o desenvolvimento regional, potencializam esse desenvolvimento. Seria o caminho bom para todos. (ALECRIM, Entrevista 7, 2008, p.5).

Observa-se que há uma ausência histórica de organizações que atuem efetivamente nas negociações com produtores agrícolas, voltadas para seus interesses sociais e econômicos, tanto em relação a sua participação nas cadeias produtivas, como nas proposições de políticas públicas de infraestrutura e do desenvolvimento. No entanto, Milan (2008) reporta-se que a Aprovale fez-se presente em todos os eventos do Plano Diretor, desta maneira, a entidade defende interesse não só dos associados, mas de toda a comunidade, porém isso não é mencionado nas falas do senso comum. Não há um destaque para a cooperação além do espaço tempo mercado. A força da individualidade das famílias no Vale tornou-se um valor e, não teve um outro valor como opositor ao empreendedorismo individual, por outro lado, caracterizou a permanente dificuldade de serem estabelecidos mecanismos de cooperação entre os diferentes grupos, ou mesmo dentro deles. Segundo Flores (2007)

a própria motivação para o surgimento do movimento cooperativista, no final dos anos 1920, é caracterizada por ser um ato de desespero diante das dificuldades econômicas momentâneas, sem vínculo com uma decisão embasada num espírito de cooperação com vistas à estruturação da sociedade, mesmo que especificamente sob o enfoque econômico. A própria motivação para o surgimento do movimento cooperativista, no final dos anos 1920, é caracterizada por ser um ato de desespero diante das dificuldades econômicas momentâneas, sem vínculo com uma decisão embasada num espírito de cooperação com vistas à estruturação da sociedade, mesmo que especificamente sob o enfoque econômico. (FLORES, 2007, p. 150).

Essa dificuldade tem como resultado a ausência de mecanismos de efetiva participação nas discussões sobre os problemas sociais, econômicos, ecológicos e culturais, enfraquecendo a ação política da maioria da população local.

5.1.7 Vinho: desenvolvimento e capacidade de inovação

O Vinho é o elemento que promove o desenvolvimento, representa a riqueza e distingue os empreendedores entre grandes e pequenos - viticultores e vinicultores. Na contemporaneidade, cria-se o status da burguesia do vinho. No plano simbólico da representação social, o vinho promove uma série de eventos com caracterização positiva de satisfação com o lugar. Enfatiza-se que o Vale dos Vinhedos é o primeiro mundo, com qualidade de vida e condições que o destacam no estado, país e na economia internacional, que é a referência e a vanguarda do capitalismo moderno brasileiro³⁸, por ser o vinho um dos produtos de mais rápida absorção por todos os povos, em todos os países. Outra recorrência é o paradoxo: fabricação artesanal versus inovação. O vinho é um produto globalizado, todas as nações e povos consomem vinho desde a antiguidade. Então, o espaço passa a ser e ter os atributos que o vinho lhe dá. Integram o discurso palavras e orações que descrevem o lugar como sendo fantástico, bonito, lindo, valorizado, possui belezas que o distinguem de outros lugares. Tais conteúdos são trazidos pelos entrevistados dos campos econômico, político e cultural.

Há algo de fantástico em residir no Vale dos Vinhedos! Principalmente nos últimos 15 anos, quando a região passou a ser o centro da Região Uva e Vinho, quando surgiu como *point*, como destino turístico, onde surgiram as primeiras vinícolas familiares, com vinhos de primeiro mundo. E de lá para cá é fantástico ver o desenvolvimento e crescimento da região, a valorização que a terra teve, tanto no valor econômico, quanto às mudanças que às famílias que ali residem tiveram em relação a sua propriedade. (NANDO, 2008, Entrevista 2, p.1).

³⁸ O Vale dos Vinhedos, através das marcas de qualidade e de Indicação Geográfica, foi o primeiro do país a obter esse registro, o que contempla o capitalismo moderno que agrega marcas de valor e diferenciação aos produtos elaborados, através de grifes e outras distinções observáveis pelo cliente.

³⁸ Mundialização, no sentido de substituição à palavra globalização, como uma referência aos Franceses e Europeus que utilizam mundialização quando se referem ao evento da globalização.

O território é o espaço da vida e da cultura familiar e, o lugar, expressa a paisagem e a forma que ele assumiu, que hoje tornou-se cultural

[...] No início meu pai também fazia vinho, mas foi perdendo valor no mercado, então optou por plantar a parreira, mais fácil e rentável por hectare. E estava no sangue, eles sabiam como plantar, tratar e cultivar a videira. Na família do meu pai, não tinha vinícola, somente os filhos dele, que restabeleceram de novo a tradição. Por esse motivo eu acho que a Região para nós é fantástica! (CALLI, Entrevista 11, 2008, p.2).

A cultura do cultivo da videira está em todos os contextos do imaginário, do cotidiano, da inovação, mas é a presença histórica que funda os princípios do desenvolvimento

As uvas que foram plantadas há 100 anos ainda produzem, mas hoje temos o plantio altamente tecnificado, muito avançando no Vale dos Vinhedos, com novas conduções, variedades, sistemas de produção. São uvas de altíssima qualidade com um valor econômico muito acentuado. Com uvas de tamanha qualidade, nós temos os nossos vinhos, sem medo nenhum, podem ser comparados com vinhos internacionais. O que é produzido e elaborado no Vale dos Vinhedos nos dá a garantia e a certificação que os vinhos e espumantes que participam de concursos internacionais, recebem medalhas de ouro. Isso dá a garantia total de nossos vinhos. (CETTO, Entrevista 10, 2008, p.3).

Assim, o Vale é importante não só para Bento Gonçalves, mas para seu entorno, para a região, ele é modelo e como tal é concebido pelos seus parceiros

Pois é uma importante referência na aplicação de tecnologias no setor dos vinhos, sendo vanguarda, pioneiro nesse sentido, já entrando na elaboração dos vinhos. Eles foram os primeiros, já reconhecidos lá fora (internacionalmente). Acho que essa, digamos assim irradiação de iniciativas e energia, hoje está sendo referência em nível regional. Essa atividade econômica que o Vale vem desenvolvendo na vitivinicultura, mais especificamente para os vinhos brasileiros. Acho que foi um passo bastante importante para o vinho brasileiro. (ROCCO, Entrevista 4, 2008, p.2).

As referências são dadas à simbologia da representação social, na forma de promoção, na análise dos audiovisuais e materiais multimídia, encontrados em anexo, que trazem à conviviabilidade do vinho, como promotora de uma relativa igualdade e de pertencimento. Vive-se a relação do vinho como uma especificidade regional, uma reivindicação da identidade local, como se fosse o palco do teatro popular, o cenário incorporado, a satisfação de estar, de integrar esse cenário, de representar o que

caracteriza o discurso sobre o vinho, que é atraente e de adequação ao social, como se o lugar sugerisse o tipo ideal do homem do povo, do meio rural da serra gaúcha.

O status, em todas as categorias de entrevistados, dos grupos focais familiares, dos materiais de mídia, traz essa fusão do homem, da videira, do vinho com o lugar. É como se fosse uma encenação que trabalha o conceito do vinho e das imagens sociais, que se liga a ele na organização do Vale dos Vinhedos. Pode-se, ainda, incorporar a palavra *terroir*³⁹, que passa a exprimir a interação entre o meio natural e os fatores humanos; referindo-se ao vinho, aparecem significados como sendo o solo apto à produção de um vinho, um gosto particular que resulta da natureza do solo onde a videira é cultivada⁴⁰.

No contraponto, do otimismo comunitário, a contradição se estabelece na representação de falas que permeiam o campo cultural, trazendo a preocupação com o destino da monocultura das culturas locais, ligadas à territorialidade, enquanto construção do futuro

Uva e vinho são as expressões da comunidade. Vejo como uma monocultura no caso da produção da uva e do vinho. Na questão da uva que ao mesmo tempo em que foi a subsistência para a sobrevivência das famílias e a fonte econômica mais segura ao longo dos anos, se transformou numa monocultura pela racionalização dos recursos: duas vacas hoje dão mais trabalho do que um hectare de parreira. Então o que os colonos fazem? Racionalizam. É mais barato comprar o leite no supermercado do que investir no parreiral, até quando isso? Essa situação preocupa e essa crise do setor vinícola também. (CANHETO, Entrevista 1, 2008, p.3).

Boaventura Sousa Santos (2002) lembra que algumas características importantes desse processo revelam-se numa “economia dominada pelo sistema financeiro e pelos investimentos à escala mundial, processos de produção flexíveis e multilocais, baixos custos de transporte, revolução nas tecnologias de informação e comunicação, desregulação das economias nacionais e preeminência das agências financeiras multilaterais” (SANTOS, B., 2002, p. 29), e a manutenção da concentração dos benefícios do desenvolvimento

³⁹ *Terroir* – palavra que data de 1229, sendo modificada em sua forma linguística original (*terroir, tioroer*), com origem latina popular “*territorium*”. Segundo o Dicionário Le Nouveau Petit Robert (edição 1994), *terroir* designa “uma extensão limitada de terra considerada do ponto de vista de suas aptidões agrícolas”.

⁴⁰ Documentos internos da Embrapa sobre estudos preliminares do que venha a ser o *terroir* do Vale dos Vinhedos.

Hoje a situação se inverteu. É a vinícola que, por um excesso de oferta, não compra mais o produto do viticultor local. As vinícolas do Vale dos Vinhedos e de outras regiões do entorno, decidem plantar uva fora daqui. Porque a no Vale e na região a terra é muito cara. Então, compra-se terras em outras regiões do Rio Grande do Sul, de São Francisco, na Bahia. E como fica o colono? (PETY, Entrevista 12, 2008, p. 5).

No entanto, as pequenas vinícolas mantêm uma interdependência e se veem no coletivo, de maneira cooperada

[...] As brigas individuais podem acontecer, depois sim, mas precisamos trabalhar o “Vinho Brasileiro”, o vinho da Serra Gaúcha, juntos. (CALZA, Entrevista 25, 2008, p. 3).

Na análise sobre o uso do território, numa relação de pertencimento a um ambiente dinâmico e, ao mesmo tempo, paradoxal, onde o modelo da cultura econômica e social ainda lhe traz benefícios, méritos, reconhecimento e, se incorporou em um sistema de significados aceitos pública e coletivamente. Estigmatiza-se como um modelo economicamente de sucesso, que se instaurou como uma corporação no espaço. É preciso pensar em um conjunto de novos sentidos e pressupostos que, nesse momento, não incorporem o cotidiano e que, simbolicamente, não estejam explícitos na identidade local: ora há a valoração na superação da dificuldade e a ascensão social e, ao mesmo tempo, o *status* ainda presente nos estilos da colonização, da cultura do colono.

Essa análise remete-se à possibilidade do modelo de cultura anterior, antigo, que é o da cultura de subsistência, do cultivo de quase tudo do que a família necessitava para a sua sobrevivência e se tornou obsoleto, ou continua guardado, podendo ser útil em algum momento do futuro, como o é a memória viva da história passada local. Como é um espaço que se identifica com experiências compartilhadas, onde há uma grande influência do outro, ou de uns sobre os outros e para com os outros, pode-se dizer que, em algum momento, o novo e o antigo podem se confundir e recriar um novo modelo de gestão e organização do seu território. Pode-se entender que por essa razão cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social onde a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não serão mais as mesmas.

Assim, pois, dadas as condicionantes observáveis no território, percebe-se que o desenvolvimento do Vale dos Vinhedos apresenta-se como sendo promotor de desigualdades, por uma série de fatores tangíveis e intangíveis. Entende-se, como tangíveis, a produção das condições encontradas na (des) construção das paisagens herdadas e da reorganização dos fluxos de bens, de capitais e de pessoas. Por intangíveis, a identidade a partir da forma como os atores (re) produzem a sua cultura local. Pode-se observar, nesse estudo, que a construção de um espaço novo a partir de um preexistente, que ora se integra e ora também se destrói, necessita de articulação da técnica e dos saberes sobre a sua gestão.

Como eventos das representações intangíveis, configura-se que os saberes nas representações se processam em forma de seletividade do capital, não sendo espontânea, e sim planejada, porque conta com meios eficazes de pesquisa e de avaliação, presentes através das instâncias das áreas técnicas, científicas e acadêmicas, muito próximas a esse território. Não há necessidade de deslocamentos superiores a 40 ou 50 km para acessá-las, fazendo com que o aprendizado tenha aplicabilidade, criando condições materiais e possibilidades de investimentos, fazendo com que o processo de (des) construção do espaço apresente-se como apropriação do espaço público pelas funções e necessidades do capital privado, o que se evidencia no Vale dos Vinhedos. A seletividade do capital recoloca, em outros termos, a relação entre mercado e planejamento.

De acordo com Ianni (1994, p. 151), “a globalização do capitalismo reaviva a controvérsia mercado ou planejamento ao nível dos setores produtivos, das economias nacionais, dos blocos regionais e, obviamente, da economia mundial como um todo”. Observa-se também que, na medida em que se traduz em diretrizes, normas de ação e instituições, envolvendo padrões e valores sócio-culturais e outros, que lhe atribuem as indicações de procedência e geográficas, há uma influência nas relações de produção em termos de racionalização, sempre em conformidade com as exigências da reprodução ampliada do capital.

Por outro lado, Santos (2002) avalia o significado das formas espaciais herdadas na organização de novas funções e necessidades sociais, apontou direções de análises e de interpretações do processo de (des) construção do espaço que

fundamentam a concepção de que, a “mundialização dos lugares” não implica “falência” da região, mas (des) construção dialética da natureza desse espaço que atendem, em um dado momento histórico, às necessidades socioeconômicas em detrimento de outros sistemas de relações. (SANTOS, 2002, pg. 92). Ressaltam-se as condições presentes no espaço e no seu entorno que, em alguma medida, propiciam que se tenha um potencial de excelência nas representações do campo cultural, com um capital de conhecimento que se distingue das demais comunidades, distinção essa que se caracteriza em diferenças e essas geram a desigualdade. Esta é imaterial ou cognitiva, ou seja, o conhecimento está desigualmente distribuído na microrregião. Além disso, a contradição do vinho ser e estar sempre sendo citado, especialmente ao turista, como sendo ele o motivo de “celebração da vida.” Nesse sentido, a contradição está instalada na vulnerabilidade do pequeno produtor, de quem somente trabalha a videira, sofre as suscetibilidades subjetivas do capital. O menor se fragiliza e o maior se potencializa. Citando Veronese (2004)

No caso do espaço-tempo estrutural do mundo globalizado, a *troca desigual* é apontada como forma do poder por excelência. Muitas teorias procuraram dar conta dessa complexidade, marcadamente às teorias da dependência, do imperialismo e do sistema-mundial, ressaltando que a troca desigual mantém o desenvolvimento desigual. (VERONESE, 2004, p. 127).

Considerando-se a estrutura – ação nos distintos espaços – tempos da produção, do mercado, da cidadania e no espaço mundial, as trocas operam de forma desigual, o que aumenta o poder de um determinado grupo e fragiliza a maioria dos atores desse território.

5.1.8 Comunidades enquanto promotoras de relações de trocas e de pertencimento

Os conceitos de comunidade e sociedade fazem parte da tradição sociológica, sobretudo weberiana. Foi Tönnies⁴¹, no entanto, quem os sistematizou através dos

⁴¹ Um dos grandes expoentes e pioneiros da ciência social alemã da última metade do século XIX e início do XX, Ferdinand Tönnies aparece nos anais da sociologia moderna muitas vezes como mais um daqueles anônimos autores menores.

termos *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*, no século XIX e, como tal, têm sido instrumentos fecundos na identificação e compreensão de contextos sociais e períodos históricos desde o século XVIII. Na verdade, enquanto instrumento de análise do real, o par comunidade-sociedade indica configurações sociais contrastantes, tais como o arcaico e o moderno, o afetivo e o racional, o sagrado e o secular.

A presente análise tem, contudo, um outro recorte: visa discutir as noções de comunidade e sociedade como fontes de representações simbólicas que povoam o imaginário contemporâneo da sociedade em estudo. Trata-se de um exercício de reflexão sobre conceitos, entendidos não como categorias explicativas da realidade, mas como expressões de símbolos, imagens e representações que, acredito, desempenham papéis importantes na dinâmica histórica do Vale dos Vinhedos. Assim, entendemos que as noções obtidas na atividade de campo explicam a realidade (passado e contemporâneo) e projetam imagens dessa mesma realidade para o futuro.

O senso comum das representações do hoje é de que a comunidade ainda é um espaço de todos e para todos, não há fronteiras para a integração e convivência

A comunidade ainda é forte e o espírito comunitário também. Quando há festa somos cinquenta, sessenta trabalhando, ou mais. Até gente que não pertencia a nossa comunidade, eles vêm ali e ficam admirados de ver todos trabalhando. Também em festas de outras comunidades, sou eu o churrasqueiro, eu faço porque gosto, se me perguntam quanto eu cobro, eu me ofendo. São três comunidades (Das Graças - do 8 da Graciema e São José) não faz diferença, o que é bom é que ali se tem troca de ideias, se ajuda, isso eu acho que é espírito comunitário. Não é diferente em outras comunidades, porém, o jovem não participa mais. Nós levamos os nossos filhos. Há famílias que não querem saber, que pensam e agem como se "eu me viro do mesmo jeito, não preciso disso, eu vou para o Caravaggio"⁴², não preciso da missa daqui. (FAMILIA E, GF 5, 2008, p.2).

As trocas de fazeres e saberes, a geração de conhecimento, os informantes conduzem o diálogo de maneira ininterrupta e falam que antigamente os encontros serviam para trocar os conhecimentos

O individualismo está tomando conta do Vale, cada um por si, cada um tem seu carro e faz o que quer, não depende de ninguém. Porém, a troca de idéias se dá tão fortemente que, ao chegar um vendedor de um produto novo, esse não vende se alguém já não tiver experimentado e tido a opinião de outro colono, aí se vende. Só vai ter sucesso depois que passar para o vizinho, nas conversas de

Paradoxalmente, é autor de uma fecunda contribuição que lançou importantes bases para a institucionalização científica da disciplina e seus principais conceitos.

⁴² Santuário do Caravaggio fica a aproximadamente 40 km do Vale e há um grande número de famílias que se deslocam para as Missas do Santuário, em detrimento da participação da comunidade local.

bodega. Essa é a importância, eu acho isso muito bonito. Antigamente, a gente amarrava as parreiras passando três ou quatro fios de vime, e quando se deixava fora uma, o meu pai mandava amarrar de novo. Só que um vizinho começou a amarrar só um vime na ponta da parreira, e funcionou do mesmo jeito, ocupando a metade do tempo e gastando a metade do vime. Epa! Vou fazer também e deu certo! Se tu não participas, não pegas essas coisas com o vizinho. Tu podes até chegar lá um dia, mas vai demorar muito mais tempo. Esse espírito comunitário é que é muito importante. Encontrar-se, conversar e trocar ideias. (FAMILIA B, GF 2, 2008, p.3).

A representação está no passado, o futuro não representa garantia dessa unidade. Quem quererá assumir as ações coletivas, com as indagações sobre os novos valores e o empreendedorismo individual apropriado pelo Vale? A informante discute esse aspecto com angústia

Uma coisa que representava muito bem esse espírito de solidariedade eram as festas comunitárias, das igrejas, essa geração da idade dos meus pais, que ainda trabalha gratuitamente nessas festas, no voluntariado, está acabando. Já dizem eles, que está difícil continuar, talvez daqui a dez anos, não mais teremos essas festas, porque ninguém mais quer passar o sábado e o domingo fazendo capeletti, cozinhando, trabalhando, para quem? Para a igreja? E de graça? Para domingo fazer a festa em prol da igreja e da comunidade, ninguém mais quer, os valores hoje são outros e nas capelas esse conceito também mudou. (PETY, Entrevista 12, 2008, p.9).

O Vale, no presente, não se vê como região e nem como comunidade e é inerente o sentimento de desigualdade.

Também não existe ainda no Vale dos Vinhedos o sentimento de região, saber que ali existem partes de três municípios diferentes, que é um trabalho que precisa ser feito e acho importante colocar o papel da Aprovale, nesse momento, que é muito restrito. A Aprovale acaba sendo uma representante do poderio econômico, ela não é representante do Vale dos Vinhedos. Ela representa quem tem o dinheiro, quem tem o empreendimento, certo? Jamais ela representa o viticultor, a comunidade, nunca. (SCHUMACHER, Entrevista 14, 2008, p.9).

Na unidade comunitária, a discussão sobre como será o Vale dá-se nos núcleos organizados nas e pelas famílias, onde elas são as produtoras dos vinhedos, das pequenas propriedades que se originaram na imigração, onde existia a solidariedade, condicionante para a eficácia de projetos

[...] porque assim que esse projeto e roteiro se deram não se levou muito tempo. O fato de ter uma associação, de empresas que compartilham coisas suas, diferentemente do Fecovin, Ibravin, mais institucionais, aqui se tratava da produção, a associação é caseira, familiar, cuida do entorno, com as pessoas que eu conheço isso traz resultados muito bons, porque é um grupo que tem uma

identidade, de vizinhança, histórica, de colonização, isso é positivo porque traz a decisão ao local. (TONIETTO, Entrevista 17, 2008, p.6).

E nas famílias que se estruturam também enquanto empresas, há uma representação evidente de quem quer crescer no poder, entre os próprios membros constituintes, conforme o informante descreve

Nas famílias que montaram suas vinícolas, eu vejo que entre as empresas se instalou uma competição muito grande, mais do que solidariedade, justamente nas questões entre pequenos e grandes produtores, modelos de produção, estilos de produtos, estilos de vinho e estilo de gestão de empresa. (CANHETO, Entrevista 1, 2008, p.10).

Veronese (2004) aponta que nas sociedades sob solidariedade orgânica, esses lembram um organismo complexo, cujos órgãos coordenam-se e subordinam-se reciprocamente, em que cada órgão é diferenciado dos demais e possui função específica. A tendência é que, nestas sociedades, “os indivíduos não se agrupem em clãs, mas sim em torno da atividade social a que se dedicam, em seu meio “profissional”, num espaço social marcado pela função de cada especialidade” (VERONESE, 2004, p. 129). Há um modelo na memória coletiva, relatado pelo informante que traça esse modelo “ideal”

Na comunidade, por trabalharmos juntos, é mais fácil realizar os sonhos. Tivemos dificuldades em 1972, 1973, por aí, foi uma grande crise. Aí a comunidade se juntou e fez uma exposição de uva, no Vale mesmo, e vieram pessoas de todo o Estado para ver. Ali se mostrou que tínhamos a uva e o vinho, e era uma crise, mas estávamos mostrando o valor de um produto do qual a comunidade dependia. Eles trabalharam muito nisso e temos as fotos, os registros desses momentos. Embora fosse a estrada de chão, com muito pó, havia sinalização, bandeiras separando os espaços e a comunidade trancou a estrada para expor o produto. Era importante. Vejo que hoje, para sair dessa crise de novo, estamos buscando argumentos e conhecimento, mas acho que a saída está no modelo lá nos anos 72 e 73. (CALLI, Entrevista 11, 2008, p. 2-3).

As múltiplas possibilidades representadas de tornar o Vale uma referência de desenvolvimento local, são tratadas pelo informante

Através do estabelecimento de parcerias e redes, como região e com outras regiões, no caso a Emiglia Romanga (Itália), onde a cadeia produtiva é bem desenhada. Com isso, poderia se criar grupos de trabalho ou grupos gestores de projetos, que pudessem incubar e encaminhar novos projetos e propostas, que se revertissem em crescimento para as empresas e a população local. Programas para filhos de agricultores de ter conhecimento da área agrícola, vinícola e de vinhos. Nas propriedades de hoje, se não houver uma nova ótica, com mais profissionalismo, penso que num futuro não muito distante, estarão comprometidas. Imagino que deve haver um novo olhar, novas formas de

agregação de valor, em função da fragmentação das propriedades. A competição não vai ser tanto na lógica da produção de escala, vai ser em outra lógica, que é a questão do valor intangível, que é transportado em todo o processo produtivo. (CANHETO, Entrevista 1, 2008, p.7-8).

O Vale dos Vinhedos pode ser considerado uma comunidade em construção. No futuro, se os jovens, na prática da alteridade, ocuparem os espaços múltiplos a que estão sujeitos e forem considerados sujeitos como tais, aí deve se instalar a verdadeira sociedade local, com sua identidade própria

[...] enfim, acho que ainda está em processo de construção dessa verdadeira sociedade que vai se instalar no Vale dos Vinhedos. Porque existe o poder das vinícolas, mas que, na maior parte, pertencem a pessoas que nasceram lá. E agora começam a entrar empresas de fora, que vêm se instalar lá, com administradores de fora, que passam a influenciar a cultura local. Alguns até aproveitando os funcionários de lá, mas dizendo que eles não têm capacitação para as atividades de lá, que precisam de refinamento, eu não sei como isso tudo vai se dar, eu não teria todas as respostas. (MARIA, Entrevista 5, 2008, p. 7).

A informante Pety vê uma possibilidade do restabelecimento da integração, através da criatividade e de eventos agregadores

O evento da Páscoa talvez seja uma boa oportunidade de promover agregação, ou seja, a integração com todas as comunidades através desse evento. A criatividade gera outras coisas, além do evento em si mesmo, por exemplo, a convivência intercomunitária. (PETY, Entrevista 12, 2008, p.6).

Jovchelovitch (2008), ao se referir às representações sociais, aborda o individualismo, não somente como a expressão de uma realidade dada, mas como uma realidade desejada, de forma a levar em conta esse caráter oposicional e dialético da fala grupal, "a codificação foi delineada em termos de oposições entre as categorias. O fato de que os participantes descrevem uma situação difícil não exclui de seu universo representacional uma realidade oposta que é desejada. Tal oposição é importante para que possamos avaliar o caráter contraditório das representações que emergem da fala dos grupos." (JOVCHELOVITH, 2008, p. 83-84).

Para Veronese (2004) as realidades do espaço doméstico e da comunidade invadem esses grupos, e corrobora dizendo que "toda a forma de poder é uma troca desigual e que o poder é relacional e que cada espaço-tempo guarda as suas próprias constelações de poder, com as hegemonias que lhe são características." (VERONESE, 2004, 127).

O Vale dos Vinhedos, na dimensão da comunidade, é um espaço - tempo em suas amplas interfaces, reserva uma hegemonia própria no campo da argumentação, na circulação dos saberes, nas relações sócio-afetivas e ali ocorrem também os embates de poder. Veronese colabora com o conceito que aqui se coaduna, como sendo *os topoi*, argumenta que esses são caracterizados como “os lugares de produção do discurso, de saberes e de práticas que orientam cada espaço-tempo estrutural, são locais, neles hibridizando-se formas de poder *cósmico* (poder central, dominação) e poder *caósmico* (descentralizado, múltiplo, rede micro-política).” (VERONESE, 2004, p. 128).

Na representação social há o predomínio do discurso para o pertencimento, o lugar que é deles e por ele necessitam dinamizar outras forças, incluindo as externas (políticas públicas dos três municípios, Planos Diretores, Conselho Distrital, Orçamento Participativo e outros). Dessa maneira, a comunidade não deixa de ser no imaginário coletivo e nas suas práticas, a comunidade de *todos os que vivem naquele espaço*⁴³, com seus embates, conflitos, experiências. Por outro lado, ainda é ali que produzem a identidade do “ser” Vale dos Vinhedos, como a mais presente e forte ligação constante nos discursos em todos os eventos que envolveram o presente estudo.

⁴³ Grifo da autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a presente etapa em sua finalização, o estudo das representações sociais, em suas dimensões, pretende superar a concepção estática da realidade. Assim, o conceito corresponde à mobilidade e à praticidade dos fenômenos das representações contemporâneas do universo estudado, uma vez que a comunidade possui, além de um sistema sócio-econômico-político, um sistema de pensamento, como bem enfatiza Moscovici. O autor procurou ressaltar o caráter criativo e inovador presente em determinados grupos, ou em alguns indivíduos, que constroem “conteúdos”. O Vale dos Vinhedos, hoje, é um arcabouço para meios científicos e ao mesmo tempo pode ser visto como espaço de resistência às idéias que se pretende, tornando-se assim hegemônicas.

Ao longo do presente estudo, discute-se a relação entre representações sociais em dada comunidade, onde se operam as “mudanças”, onde a historicidade é componente fundamental à compreensão dos fenômenos e comportamentos dos atores, na busca de correlação dos processos sociais e mentais. Não pode ser considerada uma jornada tranquila, se levadas em consideração as dificuldades de se trabalhar numa fronteira ínfima entre o empírico e o teórico, mas a busca de entender o processo ocorreu através da interpretação, sempre ancorada em autores que abarcam em suas abordagens um contexto de renovações científicas e de transformações na sociedade, como Moscovici, Jovchelovitch, Guareschi, Veronese, dentre outros.

Através deles, deu-se a leitura sobre a velocidade das transformações que ocorre, muitas vezes, em permanências, em ressignificações, nas ausências de diferenças, na identidade ambígua e contraditória (embora toda a produção identitária eventualmente possua elementos contraditórios), nos projetos das elites, que historicamente se debatem entre ideias importadas (não importa se de outros países ou do centro urbano mais próximo), geradas nas entranhas de ufanismo eurocêntrico, sempre presentes como referência na cultura dos imigrantes italianos. A cultura que se ergue das entranhas do cotidiano popular, alheio às teorias científicas, ou seja, “quem

são eles?”, constitui-se não somente em uma curiosidade intelectual que amparou o estudo - mas é produtora de sentidos, sobre eles mesmos e sobre mim, acadêmica, pesquisadora, amiga em alguns momentos, mobilizadora em outros, mas sempre como intervenção externa e implicada no campo.

Considerando ainda o eixo condutor de todas as representações sociais em sua análise, a desigualdade é o fio que perpassa as dimensões propostas pelo estudo, nem sempre como prática consciente, mas sim carregada de resquícios que vão da solidariedade inicial ao individualismo, que pode ser considerado extremo na atualidade. Reside aí o epicentro das contradições promotoras das desigualdades, que são encontradas nas dimensões pautadas pela cooperação versus competição (religiosidade, comunidade, vinhos, política, na redefinição da paisagem e economia da sobrevivência); a distinção como forma de exclusão, encontrada nas dimensões que abordam os vinhos e enoturismo, economia da sobrevivência, política e gênero, dimensão essa, tendo como palco as imbricações familiares e estruturas de subjetividade do tempo - espaço doméstico.

A diferenciação entre grandes e pequenos, nas questões econômicas e comunitárias, especialmente na agregação de valor aos produtos, das empresas familiares e dos grupos de empresas; os grandes conflitos entre os modelos de práticas agrícolas atuais e antigas, presentes na ocupação de solos, manejo e seus usos, no modelo urbano que se apropria do rural, como a mais recente representação e a elaboração dos vinhos de IG, dentre outras inúmeras circunstâncias que geram dissidências e aderências.

Outras ocorrências espontâneas como o evento da Sexta - Feira da Paixão, hoje o evento oficial de todo o Vale dos Vinhedos, o qual une as comunidades em torno do credo e do rito, traz a discussão sobre a questão financeira que é conflitante e, para o repasse de verbas públicas como meio de suprir o caixa, não há colaboração de outra Capela habilitada a receber e pagar as dívidas. Criam-se dificuldades representadas pelo poder e competitividade entre as próprias Capelas, que ora cooperam e ora são arena de competição.

Então, interpreta-se que, vencidas as dificuldades do processo migratório inicial, da agricultura tradicional, um ciclo novo e dinâmico instala-se, motivado por fatores e interferências exógenas ao lugar. A proposição de desenvolvimento não abarca, dessa feita, “todos no mesmo navio”, o fetichismo econômico, no contexto de valores agregados, instala as segmentações: empresários do vinho, a nova burguesia do vinho, viticultores, agricultores com renda agregada, novos empresários do setor de serviços “dentro da colônia”, que vão do simples à hipersofisticação, mas ali, onde ainda é colônia no sentido cultural. Conseqüentemente, em dez anos, apresenta-se outro cenário e a formação de novas e múltiplas identidades dinâmicas, por certo, correspondendo a dinamicidade do espaço.

Do mesmo modo, a representação social cotidiana não é imune aos processos mais amplos do capitalismo moderno e da mundialização, onde passado e presente se mesclam, um no sentido da manutenção e resistência, enquanto saber humano pode ser considerado essencial às comunidades, tendo em vista sua ancestralidade e, outro, a produção e inovação tipicamente humana, que os levaria ao ranking das sociedades rurais mais avançadas economicamente do país.

Assim, as reflexões sobre o Vale dos Vinhedos, no momento, buscam atingir uma dupla finalidade, por um lado, demonstrar que o estudo das representações sociais demanda uma leitura desde os primórdios até a contemporaneidade, observando-se cuidadosamente a dinâmica e os movimentos no espaço, e por outro lado, visualizar e defender a posição que é possível analisar sob a ótica das representações sociais múltiplas, em um conjunto de saberes reificados através dos fenômenos históricos, políticos, econômicos, religiosos, comunitários, como formadores dos sentidos do Vale dos Vinhedos.

Introduzindo algumas alternativas de superação do valor posto como individual, alguns eventos podem gerar a solidariedade mecânica e que consolidem a solidariedade orgânica, com esforços que contemplem as ações coletivas e o trabalho coletivo, mas que também o lúdico pode vir a ser um motivador. O Vale, como posto na dimensão da religiosidade, tem no trabalho uma meritocracia defendida como resultado econômico, porém, deixou-se em detrimento desse algumas práticas simples da cultura popular, como as bandas, os corais, os grupos de teatro, esses últimos dois

estão sendo retomados, porém com participantes em número não suficiente para gerar a sinergia do coletivo. Outros eventos, como a convivência defendida pelos grupos focais, em torno da própria capela.

Entende-se que atividades coletivas, como o turismo e o enoturismo, necessitam do suporte de atividades culturais que agreguem todas as idades e gêneros, pois precisam desenvolver afinidades, emoções e confiabilidades para tornarem-se, além de seus negócios individuais, uma grande e forte rede de cooperados através dos roteiros turísticos, onde não somente os negócios são atrações, mas há espaços para muitos atores nos palcos das animações turísticas e nos entretenimentos. Assim sendo, esse estudo demanda uma imersão superior aos dias dedicados na comunidade, a fim de que possam ser suscitadas as alternativas que muitos atores já apontam como sendo de sobrevivência para o próprio Vale.

Ressalta-se, por fim, a importância de desenhar no imaginário coletivo um futuro mais equitativo, reatados alguns valores, saberes e fazeres, como resíduos de memória, pelas instâncias da religiosidade, da comunidade, da redefinição da paisagem que se evidenciam representativas do senso comum: as ações e vivências coletivas. Ali, embora haja embates, predomina o sentido de atuação conjunta. Ou, ainda, o exercício de se verem não como iguais, mas sim como diferentes e aprenderem a se olhar como diferentes, num exercício de alteridade, com o rompimento dos estranhamentos. A força da imagem da comunidade está na própria sociedade, como aposta ou como ameaça.

REFERÊNCIAS

ADE, Feliccio. *Entrevista 16*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

ALECRIM, Alípio. *Entrevista 7*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

APROBELO. *Estatutos da Aprobello*. Disponível em: <http://www.aprobello.com.br>>. Acesso em: Nov. de 2008.

APROVALE. *Estatuto da Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos*. Bento Gonçalves. 2008.

ARRUDA, Ângela (org). *Representando a Alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BARQUERO, Antonio V. *Desenvolvimento Endógeno em Tempos de Globalização*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Coimbra: Edições 70, 2007.

BAUER, Martin W. Gaskell, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som*. (editores. Tradução de Pedrinho A. Guareschi). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 4. ed. São Paulo; Hucitec, 1999.

BERGER, Peter. BERGER, Brigitte. *Socialização: como ser um membro da sociedade*. In:

FORACCHI, Marialice; MARTINS, José de Souza (orgs.). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p. 200-214.

BOLSON, Jaisa H. Gontijo. *A Importância da Paisagem na Atividade Turística*. *Revista do Turismo - artigo/paisagem*, 2008.

BONFIGLIO, Rocco. *Entrevista 4*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Rideel. 2007

BRASIL. *Lei nº. 9.279/96. Regula Direitos e obrigações relativos à propriedade industrial*. In. SENADO FEDERAL. *Legislação Republicana Brasileira*: Brasília, 1996. Disponível em <http://<senado.gov.br/sf/legislação/legisla/>>>. Acesso em: 20 de março de 2009.

BRASIL. *Lei Geral do Turismo n º1.771/08*. BRASIL. Brasília: Mimeo, 2008.

BURBULES, Nicholas C. "A Internet constitui uma comunidade educacional global?". In: TORRES, Carlos Alberto. (orgs.). *Globalização e educação: perspectivas críticas*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 209-229.

CACCO, Danúbio. *Entrevista 6*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

CALLI, José. *Entrevista 11*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

CALZA, Júnior. *Entrevista 25*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

CANHETO, Piccolo. *Entrevista 1*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

CAPRARA, Bernardete Schiavo. LUCHESE, Terciane Ângela. *Bento Gonçalves: história e memória - Distrito do Vale dos Vinhedos -*. Prefeitura de Bento Gonçalves: Tipograf, 2001.

CARRERO, Antônio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M.; GIARD, L. *Uma ciência prática do singular*. In: CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CETTO, Inocência. *Entrevista 10*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

CHARTES, Steve; ALI-KNIGHT, Jane. *Who is the wine tourist?* Tourism management. Vol. 23. London: Elsevier, 2002.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Italiano na Cidade: imigração itálica nas cidades Brasileiras*. Passo Fundo; UPF Editora, 2000.

CORIGLIANO, Magda Antonioli. *Strade Del Vino ed enoturismo: distretti turistici e vie de comunicazione*. Milano, Itália: Franco Angeli, 2000.

DALL'AGNOL, Egidio. *Epopéia de Imigrantes. De Feltrino para o RS em 1876*. Porto Alegre: EST, 2000.

DE BONI, Luís A.; COSTA, Rovílio. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1984.

DE PARIS, Assunta. *Memórias: Bento Gonçalves - RS*. Bento Gonçalves: Arquivo Histórico Municipal, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34, 1995.

DURKHEIM, ÉMILE. *As regras do método sociológico*. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1987. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: abril de 2009.

ELI, Luccia. *Entrevista 18*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

ESTEVA, Gustavo. *Desenvolvimento*. In: SANCHS, Wolfgang. *Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FALCADE, I. *A questão regional*. In: FALCADE, I. & MANDELLI, F. (orgs) *Vale dos Vinhedos: Caracterização Geográfica da Região*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

FAMILIA A. *Entrevista 19*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

FAMILIA B. *Entrevista 20*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

FAMILIA C, Beto. *Entrevista 21*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01cd.

FAMILIA D, Sartori. *Entrevista 22*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

FAMILIA E. *Entrevista 23*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

FARR, R. *Representações sociais: a teoria e sua história*. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERNANDES, F. *Comunidade e Sociedade*. São Paulo: Nacional/Edusp 1973.

FERRAÇO, C. E. *Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar*. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 91-108.

FERRO, Claudia. *Identidades na Região Uva e Vinho*. Bento Gonçalves: Mimeo, UCS/Carvi, 2008.

FLORES, Murilo Xavier. *Da Solidariedade Social ao Individualismo: Um estudo sobre o desenvolvimento do Vale dos Vinhedos na Serra Gaúcha*. Florianópolis, julho de 2007.

GAIGER, Luiz Inácio. *Notas críticas sobre o empreendedorismo de pequeno porte no Brasil*. Maputo: Mimeo, UNISINOS, 2009.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GIGIO, Faraó. *Entrevista 9*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

GIL, Antônio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GROPPO, Luís Antonio. *Comunidade, Sociedade e Integração Sistêmica. Artigo Revisado*, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho. JOVCHELOVITCHI, Sandra (Orgs.) *Textos em Representações Sociais*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho. JOVCHELOVITCHI, Sandra (Orgs.). *Os Construtores da Informação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HABERMAS, J. *La technique et la science comme idéologie*. Paris: Gallimard, 2002. Apud DUPAS, G. *O mito do progresso*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HALL, C. Michael. *Planejamento turístico: políticas projetos e planejamentos*. São Paulo: Contexto, 2001.

HOBBSAWN, E. Ranger. *A Invenção da Tradição*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IANNI, Octavio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

JODELET, Denise. *Loucura e Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

JODELET, Denise. *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os Contextos do Saber*. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ, 2008.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações Sociais e Esfera Pública. A Construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAGARES, Lea. BRAGA Christiano Lima. (Orgs). *Valorização do produto com diferencial de qualidade e identidade: indicações geográficas e certificações para competitividade dos negócios*. Brasília: Sebrae, 2005.

LAGE, Beatriz Helena; MILONE Gelas Paulo Cesar. *Economia do Turismo*. Editor Atlas, 2001.

LEMOS Leandro de. *O valor turístico na economia da sustentabilidade*. São Paulo: Aleph, 2005.

MENEGOTTO, Moacir. *Entrevista 24*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

MICELI, Sergio. *Introdução: A Força do Sentido*. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia da trocas simbólicas*. Trad. Sergio Miceli. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo. Atlas, 2005.

MICHELON, Tarcísio Vasco. *Entrevista 8*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

MILAN, Jaime. *Aprovale*. [jul.2008 a jun.2009]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: mimeo. 2009.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Psicologia Social, I. Influencia y cambio de actitudes individuos y grupos*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1991.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais. Investigações em Psicologia Social* Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

NANDO, Ciello. *Entrevista 2*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

NOBREGA, Sheva M. *Sobre a teoria das representações sociais*. In: Moreira, Antônia Silva; Jesuíno, Jorge Correia (Orgs.). *Representações sociais: teoria da prática*. João Pessoa: UFPB, 2003.

NONO, Brandelli. *Entrevista 13*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01cd.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. *Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo: v. 19, n. 55, p.180-186, jun. 2004.

OLIVEIRA, Silvio L. D. *Tratado de metodologia científica*. São Paulo: Pioneira, 1999.

PETY, Bella. *Entrevista 12*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

PIRES, Paulo dos Santos. *Procedimentos para Análise da Paisagem na Avaliação de Impactos Ambientais*: 2.ed. 1993

PRIORE, Mary Del. Venâncio, Renato Pinto. *O Livro de Ouro da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

RIBEIRO, Cleodes M. Piazza. Posenato, j.Clememente. *Cultura, Imigração e Memória. Percursos e Horizontes*. Caxias do Sul: Educus, 2004.

SÁ, Celso. *Núcleo Central de Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SÁ, Celso. *Representações Sociais: O conceito e o atual estado da teoria*. In: SANTOS, Milton. *Economia Espacial*. São Paulo: EDUSP, 2007.

SABIDO, Benedito. *Entrevista 3*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

SANTOS, B. (org). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Milton. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. *Globalização e Fragmentação*. São Paulo: HUSITEC. 1994.

SANTOS, Milton. *O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido*. 2.ed. São Paulo:EDUSP, 2004.

SANTOS, Sousa Boaventura. *A Gramática do Tempo*. São Paulo, Cortez, 2006.

SANTOS, Sousa Boaventura. *Pela Mão de Alice*. 7. ed. São Paulo, Cortez, 1997.

SHUMACHER, Werner. *Entrevista 14*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

SILVA, Sérgio. *As representações sociais e o campo simbólico na política: um estudo da política e da identidade da vida cotidiana*. Revista Estudos Sociológicos – UFPE, Recife: v.4,n.1,p.14-27, jan./jun.,1998.

SPINK, M. Jane. *O estudo empírico das representações sociais*. In: SPINK, M. Jane (Org.). *O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TONIETTO, Jorge. *Entrevista 17*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

TONIETTO, Jorge. *Experiência de desenvolvimento e indicações geográficas: vinhos da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos*. In: LAGES, Vinicius.

TONINI, Hernanda. *Políticas públicas e turismo: enoturismo no Vale dos Vinhedos* In: PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. ISSN 1695-7121, 2007

TÖNNIES, F. *Princípios de Sociologia*. Mexico, Fondo de Cultura Econômica, 1942.

VALDUGA, Vander. *O Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos*. 2007, 177f. *Dissertação (Mestrado em Turismo)*. Centro de Ciências Humanas Aplicadas, Universidade de Caxias do Sul, 2007.

VALE DOS VINHEDOS. *Estatutos e Conselho Regulador*. Disponível em: <<http://www.valedosvinhedos.com.br>>. Acesso em: Nov. de 2008.

VENTURA, Maria. *Entrevista 5*. [jul.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

VERONESE, Marília V. *A Psicologia Na Transição Paradigmática: um estudo sobre o trabalho na Economia Solidária*. Tese de Doutorado, PUCRS, 2004.

VERONESE, Marília Veríssimo e GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia do Cotidiano*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007.

WEBER, Max. *A objetividade do conhecimento na ciência social e na ciência política*. In. *Metodologia das ciências Sociais*, parte I. São Paulo: Cortez, Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.

WIRTH, L. *Delineamentos e problemas da comunidade*. In: FERNANDES, F. (org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/ Edusp, 1973. p. 82-99.

YÁZIGI, Eduardo (org). *Turismo – Espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ZANO, Luiz. *Entrevista 15*. [ago.2008]. Entrevistadora: Beatriz Paulus. Bento Gonçalves: gravação própria, 2008. 01 cd.

ZANINI, Talise Valduga. *Enoturismo no Brasil: um estudo comparativo entre as Regiões Vinícolas do Vale dos Vinhedos (RS) e do Vale do São Francisco (Ba/Pe)*. Caxias do Sul, 2008.

ANEXO A - Folder - Vale dos Vinhedos

ANEXO B - VÍDEOS

B.1 - DVD *"The Four Seasons in the Vale dos Vinhedos"*

**B.2 DVD - "Turismo nas Quatro Estações "- Documentário Institucional da Região
Uva e Vinho**

ANEXO C- EVENTO DA SEXTA -FEIRA DA PAIXÃO

C. 1 Projeto

Páscoa- Sexta -feira da Paixão no Vale dos Vinhedos

“A Paz é fruto da justiça.”

CF, 2009.

Justificativa e o Contexto:

A procissão ao Morro da Vindima exprime um ato de fé e solidariedade das capelas: das Almas, das Neves, Nossa Senhora da Glória, Santa Lúcia, Santo Expedito, Nossa Senhora da Pompéia, Santíssima Trindade, São Roque, Nossa Senhora das Graças, São Pedro, Gruta do Ceará - Nossa Senhora de Lourdes, São José da Garibaldina, empresas e atores locais do Vale dos Vinhedos. Juntos, vivem a experiência de renovação da espiritualidade, que os remete aos primórdios da cultura da imigração italiana.

No ano de 2009, a Campanha da Fraternidade aborda o Tema “**Fraternidade e Segurança Pública**”, tema esse que vem ao encontro das necessidades do Vale dos Vinhedos e dos milhares de Turistas que convivem com a comunidade local.

Público previsto: 5000 peregrinos.

Retorno em imagem aos Patrocinadores:

- Citação nas chamadas em veículos de comunicação locais e regionais;
- Anúncio durante a realização e transmissão do espetáculo;
- Citação em matérias locais, visando demonstrar os esforços e a participação solidária vinculada à religiosidade da comunidade.

Valor do Projeto:

- Mídia: R\$ 1.500,00
 - Efeitos especiais e sonoplastia: R\$ 1.500,00
 - Sonorização, iluminação, gravação em estúdio, efeitos especiais de som, transporte de alunos do Sagrado e Segurança: R\$ 8.700,00.
- Total: R\$ 11.700,00
Cotas de Participação: 10 Cotas de R\$ 1.065,00

Pagamento a ser efetuado para os colaboradores e atores locais: Vander Valduga, da Gruta do Ceará, e Carlos Carraro, da capela Nossa das Graças do 8 da Graciema, com recibo da Comunidade da Gruta do Ceará.

Dados bancários para depósitos:

SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL CEARÁ DA GRACIEMA.

CNPJ - 89 805 410/0001 - 13

AGÊNCIA BANRISUL - 0128/ CONTA n.º 06 012331 0 -5

- Observação: a prestação de contas será apresentada para TODOS os

patrocinadores e colaboradores, visando dar a transparência do evento.

C.2 Folders

C. 2. 1. Folder Impresso



C.2. 2 Flyer para meio digital



C. 3

Verso do folheto

Páscoa é tempo de investir na fraternidade e lutar por um mundo melhor.
 “A Paz é fruto da justiça.”

A procissão ao Morro da Vindima exprime um ato de fé e solidariedade entre as capelas das Almas, das Neves, Nossa Senhora da Glória, Santa Lúcia, Nossa Senhora do Rosário e Pompéia, Nossa Senhora das Graças, São Pedro, São Roque, Santo Expedito, Gruta do Ceará - Nossa Senhora de Lourdes, entidades, empresas e atores locais do Vale dos Vinhedos. Juntos, vivem a experiência de renovação da espiritualidade, que os remete aos primórdios da cultura e da religiosidade da imigração italiana. No ano de 2009, a Campanha da Fraternidade aborda o Tema “Fraternidade e Segurança Pública”, tema esse que vem ao encontro das necessidades do Vale dos Vinhedos e dos milhares de turistas que convivem com a comunidade.

A encenação da Sexta-feira da Paixão no Vale dos Vinhedos se dará através dos seguintes Atos:

1º Ato: Utilizando como anfiteatro a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, será o momento de sensibilização para o tema e lema da Campanha da Fraternidade 2009. A representação realizada pelos alunos do Colégio Sagrado e a Recepção da Paróquia Cristo Rei.

A seguir, a encenação da “**Condenação de Jesus**”, em alguns momentos com a participação de todos os peregrinos.

2º Ato: A representação da 4ª e 5ª Estações- cenas do “**Encontro de Jesus com sua mãe e Cirineu ajuda Jesus a carregar a cruz**”.

- Os peregrinos em oração e entoando cânticos, iniciam a Procissão.

3º Ato: Na via de acesso ao Morro, a representação da 6ª e 7ª Estações em que “**Verônica Enxuga o rosto de Jesus e Jesus cai pela segunda vez**”.

- Peregrinos são convidados a ouvirem narrativas litúrgicas e a orarem, enquanto sobem o Morro da Vindima.

4º Ato: 8ª e 9ª estações - “**Jesus consola as mulheres de Jerusalém e Jesus cai pela terceira vez**”.

- Os peregrinos serão convidados a assistir os cânticos com o Coral e em silêncio são conduzidos a próxima e última cena

5º Ato: **Crucificação no Morro da Vindima.**

Jesus chega ao alto do Calvário, onde já estava escolhido o lugar para sua morte, junto a dois ladrões.

- Para os peregrinos, esse é um momento de interiorização e de absoluto silêncio.

6º Ato: **Ressurreição de Jesus:** Em um cenário artístico - Jesus ressurgue glorioso, vencendo triunfante a morte.

- Os peregrinos têm nesse ato o momento de renovação de sua fé, rezam e entoam cantos junto ao Coral e é o momento do Abraço da Paz.

Agradecimentos: Ao carinho das comunidades em organizarem um evento coletivo para o Vale dos Vinhedos, turistas e peregrinos de Bento Gonçalves e Região. Sub -

Prefeitura, Coral do Vale, Paróquia Cristo Rei, Colégio Sagrado, atores locais, figurantes e os patrocinadores.

C 4. Memorial Descritivo das peças de divulgação

Páscoa - Procissão de Fé - Morro da Vindima - Vale dos Vinhedos

Páscoa de 2009

Comunidades Católicas do Vale dos Vinhedos

Paróquia Cristo Rei, Capelas Nossa Senhora da Glória, Santa Lúcia, das Almas, Santo Expedito, das Neves, Nossa Senhora do Rosário e Pompéia, São José da Garibaldina, São Roque, Nossa Senhora das Graças, São Pedro, Gruta do Ceará- Nossa Senhora de Lourdes, empresas e atores locais.

Peças Criadas: Folder e Flyer Eletrônico

Peça 1: Conceito - VV - Cristo Primavera -Verão

Utilizando-se uma imagem fotográfica da paisagem do Vale dos Vinhedos, em que o verde denota a estação da colheita, a paisagem da Páscoa no presente ano.

Tem-se o Cristo, em imagem vazada, com olhar sereno, porém profundo, dando um sentido de guardião e de cuidado sobre o Vale - em contemplação - abençoando a terra ainda fértil, que no verde traduz a esperança na constituição da Paz e da Justiça.

Peça 2: Conceito - VV-CRISTO Outono-Inverno

A imagem dos parreirais em tons amarelos, dourados e vermelhos, sofrendo uma alteração de 90°, no sentido horizontal - permitindo que o olhar de Cristo, sobre a paisagem do Vale - traduzisse a serenidade da época. Período de recolhimento, de dormência e de interiorização. Os tons de amarelo ao vermelho, simbolizam a fé e a espiritualidade e o solstício, que ocorre na Páscoa, como memória de tempo. Referência a nova estação (outono), e as práticas dos antigos cristãos, que definiram o período pascoal através do fenômeno (sol e lua) da natureza, determinando a Páscoa para a nossa civilização.

A letra:

Escolha da letra comic sans, é moderna, possui movimento, dinâmica e é de fácil leitura.

A Mensagem:

A frase foi adaptada de fragmentos de orações. Referem-se ao olhar e nosso pedido com humildade, razão da palavra "misericórdia".

Cristo:

Optou-se por um Cristo que tenha no semblante a "PAZ" e o "cuidado" que o Mestre tem para com o Vale, em um contraponto ao Cristo sofrido, propagado no período da Páscoa.